

A  
ACTAS/ANAIS  
I CONGRESSO LUSÓFONO

Ω  
ESOTERISMO OCIDENTAL

FIAT  
LVX  
Vol. XII  
TEOSOFIA ANTIGA E MODERNA

Coordenação: Ricardo Lindemann, UnB/UFJF

Coordenação da edição Rui Lomelino de Freitas

LISBOA 17 A 10 DE MAIO DE 2016

[HTTP://HESO.ULUSOFONA.PT/](http://heso.ulusofona.pt/)



UNIVERSIDADE  
LUSÓFONA

CIÊNCIA DAS RELIGIÕES  
Linha de Investigação em Esoterismo Ocidental

# ACTAS/ANAIS I CONGRESSO LUSÓFONO ESOTERISMO OCIDENTAL

## Comissão Científica:

Presidência da Comissão: Peter Forshaw, UvA (Universiteit van Amsterdam); Wouter Hanegraaff, UvA (Universiteit van Amsterdam); Paulo Mendes Pinto, ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); Rui Lomelino de Freitas, ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias)

## Restante Comissão:

Ana-Maria Binet, UBM (Université Bordeaux Montaigne); António Macedo, UNL (Universidade Nova de Lisboa); António Ventura, UL (Universidade de Lisboa); Carlos Abreu, UFPB (Universidade Federal da Paraíba); Carlos André Cavalcanti, UFPB (Universidade Federal da Paraíba); José Eduardo Franco, ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); José Manuel Anes, ULL (Universidade Lusíada de Lisboa); Paulo Borges, UL (Universidade de Lisboa); Paulo Mendes Pinto, ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); Raimon Arola, UB (Universitat de Barcelona); Rosa Rius Gatell, UB (Universitat de Barcelona); Teresa Lousa, UL (Universidade de Lisboa); Yvette Centeno, UNL (Universidade Nova de Lisboa).

## Comissão Organizadora:

Presidente da Comissão: Rui Lomelino de Freitas – ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias)

## Restante Comissão:

Carlos Abreu UFPB (Universidade Federal da Paraíba); Carlos André Cavalcanti, UFPB (Universidade Federal da Paraíba); Gabriel Mateus, ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); José da Gama, ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); Mariana Vital ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); Gonçalo Pinto ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); Maria Manuela Gomes, ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); Paulo Mendes Pinto, ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); Teresa Lousa, UL (Universidade de Lisboa)

ISBN: 978-989-757-048-3

## Índice

- 4      *Ricardo Lindemann*, Teosofia Antiga e Moderna
- 5      *Ricardo Lindemann*, A Essência de “A Doutrina Secreta”
- 17     *José Manuel Anacleto*, O Plano Cosmogónico de A Doutrina Secreta de Helena Blavatsky
- 30     *Ricardo Lindemann*, A Reencarnação segundo Orígenes de Alexandria no Cristianismo Primitivo
- 50     *Otávio Marchesini*, Fraternidade: Do Ideal À Praxis. Linha Mestra Fundamental Na Teosofia Antiga E Moderna. Desdobramentos Contemporâneos
- 68     *Erlinda Martins Baptista*, The Use Of Pranayama For Meditation
- 84     *Juan Almirall*, Budismo Esotérico – La influencia budista en la obra de Madame Blavatsky

## ***Teosofia Antiga e Moderna***

*Coordenação:*

*Ricardo Lindemann (UnB / UFJF)*

O Simpósio/Painel Temático sobre Teosofia Antiga e Moderna tem por objetivo apresentar pesquisa opcional em três subdivisões de área temática:

(i) A Teosofia Antiga ocidental, conforme sua origem grega possivelmente remota em Pitágoras e Platão, ou mais recente no Neoplatonismo Alexandrino (Século III dC, significando literalmente “Sabedoria Divina”) a partir de Amônio Sacas, Plotino, Jâmbico, Proclo, Orígenes de Alexandria, entre outros, e suas possíveis correlações orientais, principalmente no Hinduísmo, Vedanta, Yoga e Budismo;

(ii) A Teosofia Moderna, principalmente a partir de Blavatsky e da fundação em 17/nov./1875 da Sociedade de Teosófica (e suas derivações: Maçonaria Mista Internacional, Igreja Católica Liberal, etc.) encorajando o estudo comparativo de Religião, Filosofia e Ciência, investigando principalmente A Doutrina Secreta e suas proposições fundamentais, as Cartas dos Mahatmas, em temas como a relação entre o Absoluto, o Logos ou Deus, as Leis de Periodicidade, Reencarnação, Karma, Evolução e o Plano Divino; autores como Besant, Leadbeater, Jinarajadasa, Sri Ram, Taimni, Krishnamurti, entre outros, e em obras traduzidas por Fernando Pessoa como Ideais da Teosofia, A Voz do Silêncio, Introdução ao Yoga, etc. ;

(iii) As correlações ou correspondências entre A Teosofia Antiga e a Moderna e sua possível unidade.

## A ESSÊNCIA DE A *DOUTRINA SECRETA*

Ricardo Lindemann, (UnB/UFJF)<sup>1</sup>

### **Resumo:**

Em filosofia, a essência de um sistema de pensamento está contida em suas premissas, obviamente porque o resto é corolário ou dedução, portanto, a essência de *A Doutrina Secreta* (DS), a mais proeminente obra de H.P. Blavatsky, encontra-se resumida nas três proposições fundamentais do Proêmio desta obra.

Uma conclusão muito importante e prática procedente do Princípio Onipresente da sua Primeira Proposição, quando o Universo vem à manifestação, é a Lei do Karma, também conhecida como a Lei de Causa e Efeito, que assim se fundamenta nesta Proposição; outras que aparecem na Segunda Proposição como a Lei dos Ciclos, e na Terceira Proposição todo o processo evolutivo até o atingimento da autoconsciência individual na multiplicidade e sua libertação do sofrimento, com correspondências notáveis com o Budismo Esotérico.

**Palavras-Chave:** Doutrina Secreta. Karma. Reencarnação. Budismo Esotérico. Teosofia.

### **Abstract:**

In true philosophy, the essence of a system of thought is contained in its premises, obviously because the rest is corollary or deductions, therefore, the essence of *The Secret Doctrine* (SD), which is H.P. Blavatsky's greatest work, is summarized in the Proem's three fundamental propositions of this work.

A very important and well-founded practical conclusion of the Omnipresent Principle of its First Proposition, when the Universe comes to manifestation is the Law of Karma, also known as the Law of Cause and Effect, which is thus based on this proposition; others appear in the Second Proposition as the Law of Cycles, and in the Third Proposition the entire evolutionary process until the achievement of individual self-consciousness in multiplicity and its liberation from suffering, with remarkable correspondence with Esoteric Buddhism.

**Keywords:** Secret Doctrine. Karma. Reincarnation. Esoteric Buddhism. Theosophy.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB), aluno cursando o Doutorado em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Engenheiro Civil (UFRGS); atua em Projetos de Pesquisa de História da Filosofia da Religião no Grupo de Filosofia da Religião da UnB, e de As Tradições Soteriológicas dos Upanisads do Núcleo de Estudos em Religiões e Filosofias da Índia (NERFI) da UFJF; [ricardolindemann@uol.com.br](mailto:ricardolindemann@uol.com.br) .

## **Introdução:**

Buscar-se-á apresentar uma síntese de “*A Doutrina Secreta* – a síntese de ciência, religião e filosofia” (DS), publicada originalmente em inglês em 1888, a mais proeminente obra da Sra. Helena Petrovna Blavatsky, uma das fundadoras da Sociedade Teosófica, a partir das três Proposições Fundamentais do Proêmio desta obra e seus respectivos comentários, pretendendo assim encontrar sua essência relativa à assim chamada Teosofia Moderna.

## **A Primeira Proposição como Fundamento da Lei do Karma:**

Em filosofia, a essência de um sistema de pensamento está contida em suas premissas, obviamente porque o resto é corolário ou dedução que só torna explícito o que já está implícito nas premissas. Portanto, a essência de *A Doutrina Secreta* (DS), a mais proeminente obra de Mme. Blavatsky, encontra-se contida em sua principal premissa, a primeira proposta do prefácio: “Um PRINCÍPIO Onipresente, Eterno, Sem Limites e Imutável, sobre o qual toda especulação é impossível, porque transcende o poder da concepção humana e porque toda expressão ou comparação da mente humana não poderia senão diminuí-lo. Está além do horizonte e do alcance do pensamento, ou, segundo as palavras do Mandukya [Upanishad], é ‘*inconcebível e inefável*’. [Verso 7]” (1)

Foi comparado pelo Dr. Taimni como um número zero que contém todos os números ou um Princípio Último que “deve ser uma síntese perfeitamente harmoniosa de todos os opostos possíveis e deve conter de forma integrada todos os princípios, atributos, etc.” (2) Parece ser como um Oceano Absoluto que potencialmente contém todas as possibilidades e mantém seu horizontal nível igual ou como uma Contabilidade Universal na qual todas as somas resultam em um grande zero.

Uma conclusão muito importante e prática procedente deste Princípio Onipresente, quando o Universo vem à manifestação, é a Lei do Karma, também conhecida como a Lei de Causa e Efeito, ou Lei “operando no reino da vida humana e produzindo ajustes entre um indivíduo e outros indivíduos afetados por seus pensamentos, emoções, e ações.” (3) Como o Dr. Taimni também comenta: “esta lei de compensação não governa somente esferas de vida limitadas ou fenômenos naturais, mas é universal em sua aplicação. E ela é universal e inviolável porque é a expressão do fato de que uma

Realidade Última perfeitamente equilibrada, à qual nos referimos como o Absoluto, subjaz no cerne da manifestação. A compensação governa cada esfera da vida e da Natureza porque o universo está enraizado no Absoluto e é uma expressão Dele.” (4)

Mme. Blavatsky acrescenta na sequência importantes comentários que identificam este Princípio Onipresente com o Parabrahman dos Vendantinos, como segue: “...Há uma Realidade Absoluta, anterior a tudo o que é manifestado ou condicionado. ...Parabrahman (a Realidade Una, o Absoluto) é o campo da Consciência Absoluta, vale dizer, daquela Essência que está fora de toda relação com a existência condicionada, e da qual a existência consciente é um símbolo condicionado.” (5)

Portanto, do zero provém o um como um ponto infinitesimal, como o Dr. Taimni também comenta: “...Deve existir eternamente um Ponto ideal no estado não manifestado da Realidade a partir do qual todos os tipos de manifestação se iniciam... Então, o Espaço a que se refere *A Doutrina Secreta* é aquele aspecto da Realidade que equilibra o Ponto e assim mantém a condição perfeitamente indiferenciada requerida naquele estado mais elevado. ...Não quer dizer que o Ponto ideal (Centro *Laya*) *aparece* quando a manifestação está para acontecer. Ele existe eternamente e simultaneamente com o Espaço Último e é o veículo do Nirguna-Brahman [Deus Impessoal (6)], a Realidade entre o Absoluto e o Shiva-Shakti Tattva [Pai-Mãe em *A Doutrina Secreta* (7)] e que corresponde ao número 1 na série numérica...” (8)

Assim, se toda a existência deriva daquele Princípio Onipresente através da Unidade ou Centro *Laya*, a prática essencial da vida espiritual deve ser uma percepção desta unidade manifestada em toda vida e uma conduta harmoniosa de acordo com ela, como implícito nas principais ideias de Mme. Blavatsky para o estudo da DS:

- a) “A UNIDADE FUNDAMENTAL DE TODA EXISTÊNCIA;
- b) Que NÃO EXISTE MATÉRIA MORTA;
- c) O homem é o MICROCOSMO;
- d) A quarta e última ideia é aquela expressa no Grande Axioma Hermético. Na verdade ele resume e sintetiza todas as outras. Como o Interno, assim é o Externo; como o Grande, assim é o Pequeno; como é acima, assim é embaixo: só existe UMA VIDA E UMA LEI; e o que atua é o UNO. Nada é interno, nada é Externo; nada é GRANDE, nada é Pequeno; nada é Alto, nada é

Baixo, na Economia Divina. Deve-se buscar relacionar com essas ideias básicas qualquer coisa que se estude na DS.” (9)

e)

Os Mahatmas também preferem dar ênfase a seus conceitos de Vida Una, por exemplo, na famosa carta 88, dizendo: “Quando nós falamos de nossa Vida Una, também dizemos que ela não só penetra, mas é a essência de cada átomo de matéria.” (10)

### **Sobre a Natureza da Divindade:**

Coerentemente, os Mahatmas não poderiam aceitar o conceito de um Deus que não fosse realmente onipresente, mas somente imaterial e externo ao Universo, como o Sr. Allan Octavian Hume tenta defender em seu “Capítulo Preliminar sobre Deus” (11), concebido como um prefácio de um livro que estava escrevendo sobre Filosofia Oculta. O Mahatma KH disse também na carta 88: “É evidente que um ser independente e onipresente não pode estar limitado por nada que seja externo a ele; que não pode haver nada externo a ele – nem mesmo um vácuo, portanto, onde haverá espaço para a matéria?... Nós não somos advaitas, mas nosso ensinamento com respeito à vida una é idêntico ao dos advaitas com relação a Parabrahm... Parabrahm não é um Deus, mas a lei absoluta imutável, e Ishwar é o efeito de Avidya e Maya, ignorância baseada na grande ilusão.” (12)

Em outras palavras, a ignorância espiritual (Avidya), ou falta de autoconhecimento, de acordo com os Yoga Sutras de Patanjali, é a causa da ilusão do eu separado (Asmita), ou cria a ilusão de separação ou a percepção ilusória de que Ishvara ou o Logos é exterior a si mesmo. O Adepto ou Mahatma transcende estas limitações de percepção, como o mesmo Mahatma K.H. também indica: “O adepto vê, sente e vive na própria fonte de todas as verdades fundamentais – a Essência Universal e Espiritual da Natureza, SHIVA, o Criador, o Destruidor e o Regenerador.” (13)

Assim, a percepção daquela unidade manifestada em toda vida é considerada, de maneira muito prática, pelo Mahatma H., a quem é atribuída a real autoria de *O Idílio do Lotus Branco*, resumindo e simplificando este assunto em uma das três verdades: “O princípio que dá vida habita dentro e fora de nós, é imortal e eternamente benéfico, não é ouvido ou visto, ou sentido pelo olfato, mas é percebido pelo homem que deseja a percepção.” (14)

Naquela carta 88 (recebida em setembro de 1882), o Mahatma K.H. escreveu de modo mais enfático, pois, na verdade, o Sr. Hume já havia sido alertado na carta 67 (recebida em julho de 1882: “... junto com os advaitas (Subba Row é um deles) que Parabrahm, mais Maya, se torna Ishwar, o princípio criativo – um poder normalmente chamado de Deus, que desaparece e morre com o resto quando vem o pralaya.” (15)

Como consequência, Ishvara ou o Logos, como qualquer coisa no reino da manifestação, possui suas limitações e também está subordinado à lei periódica ou princípio, que permeia toda manifestação, e à lei do Karma, que a precedeu. Nem mesmo o Logos pode superar a lei do Karma, como de alguma forma o Mahatma faz lembrar: “a mais leve causa produzida, mesmo inconscientemente e seja qual for o seu motivo, não pode ser desfeita, nem é possível deter o progresso dos seus efeitos – nem mesmo com milhões de deuses, demônios e homens combinados.” (16)

Isto deve ficar claro também para evitar o pedido egoísta a Deus ou deuses por milagres e interesses supersticiosos sobre magia, sacrifícios de animais, etc., como o Mahatma também assinala: “quando compreenderem que os velhos fenômenos ‘divinos’ não eram milagres, mas efeitos científicos, a superstição diminuirá. Assim, o maior mal que oprime e retarda agora o renascimento da civilização indiana desaparecerá a seu devido tempo.” (17) “Lembra que a soma da miséria humana nunca será diminuída até aquele dia em que a parte melhor da humanidade destruir, em nome da Verdade, da moralidade e da caridade universal, os altares dos seus falsos deuses.” (18)

Assim, a importância de *A Doutrina Secreta* para dar um contexto filosófico e cosmológico para o ensinamento dos Mahatmas torna-se mais evidente se puder ser compreendido como acima, considerando também que mesmo os chelas leigos que receberam as cartas, provavelmente devido às concepções cristãs do seu ambiente de origem, não estavam entendendo o conceito básico do Princípio Criativo de acordo com os Mahatmas.

O Bispo Leadbeater, como Budista e também fundador da Igreja Católica Liberal em 1916, parece discernir com mais clareza os conceitos do Absoluto e do Logos mesmo em termos Cristãos, como segue:

“Quanto a Parabrahman, o Absoluto, Ele não é pessoal de modo algum; Ele não é o que chamaríamos de uma existência. Sobre o Absoluto não há nada que possa ser afirmado, seja o que for, exceto que Ele não é isto, Ele não é aquilo; Ele não pode ser definido em qualquer plano que alguma vez tenhamos imaginado ou pensado. Como disse o Buda: ‘Não procurem por Brahman ou o pelo princípio em algum lugar.’ Por mais determinado que seja o buscador, o Absoluto nunca pode ser alcançado. ‘Veu após veu pode ser removido, mas sempre haverá veu após veu por detrás.’ É inútil especular; Brahman só pode ser compreendido em Seu próprio nível... Quando falamos de Deus, referimo-nos, para todos os efeitos práticos, ao Logos de nosso sistema solar. O Logos é mais compreensível do que o Absoluto, porque Ele se elevou vagarosamente a partir de nossa própria humanidade. A matéria física no Sol e nos planetas de nosso sistema forma Seu corpo físico; a matéria astral dentro dos limites do sistema é o Seu corpo astral; a matéria mental, Seu corpo mental. Portanto, somos todos parte d’Ele.” (19) Tal ideia também se encontra na Bíblia: “Pois Nele vivemos, e nos movemos, e temos o nosso ser.” (20) Assim, no devido tempo (tempo astronômico), devemos nos tornar, finalmente, um Logos Solar, como o Cristo disse: “Não está escrito na vossa lei, Eu disse, sois deuses?” (21) “Sede vós pois perfeitos como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus.” (22)

O Mahatma KH também fez uma comparação com termos cristãos: “‘A Palavra ou *Vach* era vista como o Filho ou a manifestação do *Ser Eterno*, e adorada sob o nome de Avalokitesvara, o Deus manifesto.’ Isso mostra de modo muito claro que Avalokitesvara é tanto o *Pai* imanifestado como o *Filho* manifestado, sendo que este último procede do outro e é idêntico a ele; isto é, o *Parabrahman* e *Jivatman*, o sétimo princípio Universal e individualizado – o Passivo e o Ativo, este último sendo a *Palavra*, Logos, o Verbo. Chame-o por qualquer nome, ... o verdadeiro *Cristo* de todo cristão é *Vach*, a ‘Voz mística’.” (23)

### **A Dualidade no Universo Manifestado:**

Madame Blavatsky acrescenta sobre os processos de manifestação: “Mas logo que saímos, em pensamento, desta Negação Absoluta (para nós), surge o dualismo no contraste entre o Espírito (ou consciência) e a Matéria, entre o Sujeito e o Objeto... O

‘Universo Manifestado’ acha-se, portanto, informado pela dualidade, que vem a ser a essência mesma de sua EXistência como ‘manifestação’.” (24)

Patañjali, nos *Yoga-Sutras*, também parece ter encontrado aplicação prática para esta dualidade ou Princípio Universal de Polaridade em sua prática de Yama, sugerindo meditação nos opostos como uma técnica essencial de Raja-Yoga: “Quando a mente é perturbada por pensamentos impróprios, a constante ponderação sobre os opostos (é o remédio).” (25) Alguns autores hermetistas ocidentais publicaram, em 1908, O *Caibalion*, sob provável influência da DS, com base também em sua prática de transmutação mental alquímica sobre o Princípio da Polaridade: “Tudo é duplo; tudo tem polos; tudo tem o seu oposto; o igual e o desigual são a mesma coisa; os opostos são idênticos em natureza, mas diferentes em grau; os extremos se tocam; todas as verdades são meias verdades; todos os paradoxos podem ser reconciliados.” (26) De fato, muita meditação pode ser praticada sobre este Princípio da Polaridade, que também pode ser entendido como um princípio terapêutico para restabelecer a harmonia e a unidade originais, que estão além da dualidade. O Mahatma KH também considera: “A natureza tem um antídoto para cada veneno, e suas leis possuem uma recompensa para cada sofrimento.” (27) O Dr. Taimni comenta como o universo naturalmente preserva o equilíbrio através da lei da compensação: “Como um giroscópio que pendeu para um lado e que imediatamente tende a automaticamente recuperar a posição de equilíbrio. Na verdade, todo o fenômeno da manifestação é resultado desta tendência de recuperar o equilíbrio; ...a perfeita harmonia e equilíbrio do Absoluto que foi perturbada por esta manifestação.” (28)

H.P. Blavatsky também fez um resumo do ensinamento essencial sobre o Absoluto e o Logos para “dar uma ideia mais clara ao leitor:

1. O *ABSOLUTO*: o *Parabrahman* dos Vedantinos, ou a Realidade Una, Sat, que é, como disse Hegel, ao mesmo tempo Absoluto Ser e Não-Ser.
2. [O Primeiro Logos:] A primeira manifestação, o pessoal e, em filosofia, o Logos não manifestado, o precursor do “manifestado”. É a “Causa Primeira”, o “Inconsciente” dos panteístas europeus.
3. [O Segundo Logos:] O Espírito-Matéria, Vida; o “Espírito do Universo”, Purusha e Prakriti, ou segundo Logos.

4. [O Terceiro Logos:] A Ideação Cósmica, Mahat ou Inteligência, a Alma Universal do Mundo; o Númeno Cósmico da Matéria, a base das operações inteligentes da Natureza; também chamada de Maha-Buddhi.” (29)

#### **A Segunda Proposição, a Lei dos Ciclos e a Reencarnação:**

Em seguida vem a segunda proposição do prefácio lidando com a lei periódica do universo manifestado: “A Eternidade do Universo *in toto* como um plano sem limites: periodicamente ‘cenário de Universos inumeráveis, manifestando-se e desaparecendo constantemente’, chamados ‘as estrelas que se manifestam’ e as ‘centelhas da Eternidade.’ ‘A Eternidade do Peregrino’ é como um abrir e fechar de olhos da Existência por si Mesma (Livro de Dzyan). ‘O aparecimento e o desaparecimento de Mundos são como o fluxo e o refluxo periódico das marés.’ Este segundo asserto da Doutrina Secreta é a universalidade absoluta daquela lei da periodicidade, de fluxo e refluxo, de crescimento e decadência, que a ciência física tem observado e registrado em todos os departamentos da natureza. Alternativas tais como Dia e Noite, Vida e Morte, Sono e Vigília, são fatos tão comuns, tão perfeitamente universais e sem exceção, que será fácil compreender por que divisamos nelas uma das leis absolutamente fundamentais do Universo.” (30)

Portanto, como aqui a manifestação já está em curso, há a menção ao Peregrino, que é a Mônada, durante o seu ciclo de reencarnações (porque o universo é periódico, o homem como um microcosmo também tem uma manifestação periódica), também chamado de Espírito, Atma, Purusha, “o único princípio imortal e eterno em nós.” (31)

Da mesma forma, o Universo periódico manifestado poderia ser descrito por uma analogia científica como um oceano de energia ou luz, simbolizando a unidade fundamental de tudo, uma vez que o Dr. Einstein descobriu a mútua conversibilidade da energia e da matéria [ $E=mc^2$ ]. Perceber este oceano de luz é a iluminação. Neste imenso oceano de luz ou energia, poderíamos ser percebidos como formas de condensação vivas desta energia, como fragmentos de gelo flutuando em um oceano. Somos diferenciações temporárias dentro daquele imenso oceano de luz. Nesta analogia, o gelo poderia representar o nosso corpo; a água líquida representar a nossa alma, e o vapor

representar o nosso espírito, diferentes condensações da mesma coisa. De alguma forma, Madame Blavatsky foi capaz de antecipar a Ciência quando publicou, em 1888, na DS, uma ideia similar de que a Matéria é uma condensação do Espírito: “Tais seres são os ‘Filhos da Luz’, porque emanam e são autogerados naquele Oceano Infinito de Luz, de que um dos polos é o *Espírito* puro perdido no absoluto do Não-Ser, e o outro polo é a *Matéria*, na qual ele se condensa, cristalizando-se em tipos cada vez mais grosseiros, à medida que desce na manifestação.” (32)

A Bhagavad-gitâ trata esplendidamente a simbologia da vestimenta periódica do Peregrino espiritual em corpos materiais: “Tal como um homem que, despojando-se de suas vestimentas velhas, toma outras novas, de igual modo o morador do corpo, despojando-se dos corpos gastos, entra em outros que são novos.” (33)

Isto é também resumido e simplificado em outra das três verdades de *O Idílio do Lótus Branco*, ligando a segunda e a terceira propostas no processo de evolução periódico, como segue: “A alma do homem é imortal e seu futuro é o de algo cujo crescimento e esplendor não têm limites.” (34)

### **A Terceira Proposição e a Lei de Evolução:**

Na DS, HPB resumiu a expressão da Lei de Evolução na terceira proposta de seu Proêmio, especialmente a que se refere ao desenvolvimento progressivo daquele Peregrino espiritual, como segue:

“A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma Suprema Universal, sendo esta última um aspecto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória para todas as Almas, centelhas daquela Alma Suprema, através do Ciclo de Encarnação, ou de Necessidade, de acordo com a lei Cíclica e Kármica, durante todo esse período. Em outras palavras: nenhum Buddhi puramente espiritual (Alma Divina) pode ter uma existência consciente independente, antes que a centelha, emanada da Essência pura do Sexto Princípio Universal — ou seja, da ALMA SUPREMA — haja (a) passado por todas as formas elementais pertencentes ao mundo fenomenal do Manvantara, e (b) adquirido a individualidade, primeiro por impulso natural e depois à custa dos próprios esforços, conscientemente dirigidos e regulados pelo Karma, escalando assim todos os graus de inteligência, desde o Manas inferior até o Manas superior; desde o mineral e a

planta ao Arcanjo mais sublime (Dhyâni-Buddha). A Doutrina axial da Filosofia Esotérica não admite a outorga de privilégios nem de dons especiais ao homem, salvo aqueles que forem conquistados pelo próprio Ego com o seu esforço e mérito pessoal, ao longo de uma série de metempsicoses e reencarnações.” (35)

Assim, parece haver uma ligação entre a terceira proposta e a terceira verdade de *O Idílio do Lotus Branco*, que resume e simplifica o tema em termos práticos, como segue: “Cada homem é seu próprio absoluto legislador, o dispensador de glória ou de trevas para si mesmo; o decretador de sua vida, sua recompensa, sua punição. Estas três verdades, que são grandes como a própria vida, são simples como a mente do mais simples dos homens. Alimenta com elas os famintos.” (36)

Embora a Sabedoria Divina ou a Teosofia primária corresponda a um nível da verdade absoluta (*paramarthika satya*) e, portanto, está além do nível da mente, talvez as três proposições do Proêmio de *A Doutrina Secreta* e as três verdades de *O Idílio do Lótus Branco* representem a essência da Teosofia em uma verdade relativa (*vyavaharika satya*) em seu próprio nível de complexidade, como H.P. Blavatsky foi citada acima “Como o Interno, assim é o Externo; como o Grande, assim é o Pequeno; como é acima, assim é embaixo: só existe UMA VIDA E UMA LEI; e o que atua é o UNO. Nada é interno, nada é Externo; nada é GRANDE, nada é Pequeno; nada é Alto, nada é Baixo, na Economia Divina.” (37)

### **Conclusão:**

Pretende-se assim ter evidenciado a importância das três Proposições Fundamentais do Proêmio de *A Doutrina Secreta* como uma essência que apresenta em síntese uma ampla visão panorâmica da assim chamada Teosofia Moderna, mas que também representa uma síntese que visa abranger uma Sabedoria Divina de todos os tempos, a partir de seu estudo de Religião Comparada, Filosofia e Ciência.

## REFERÊNCIAS:

1. BLAVATSKY, H. P. *The Secret Doctrine*. Adyar, Madras (Chennai): Theosophical Publishing House (TPH), 1978. v. 1, p. 14.
2. TAIMNI, I. K. *Man, God and the Universe*. Adyar: TPH, 1969. p. 19.
3. *Ibidem*, p. 17.
4. *Ibidem*, p. 18.
5. BLAVATSKY, *op. cit.*, v. 1, p. 14-5.
6. TAIMNI, *op. cit.*, p. 12.
7. *Ibidem*, p. 13.
8. *Ibidem*, p. 19-22.
9. BLAVATSKY, H. P. *Foundations of Esoteric Philosophy*. Adyar: TPH, 1993. p. 64-6.
10. THE MAHATMA Letters to A. P. Sinnett [in chronological sequence]. Quezon City, Philippines:  
Theosophical Publishing House, 1993. p. 271. (Letter n. 88)
11. *Ibidem*, p. 269.
12. *Ibidem*, p. 270-1. (Letter n. 88)
13. *Ibidem*, p. 55. (Letter n. 17)
14. COLLINS, Mabel. *The Idyll of the White Lotus*. Adyar, TPH, 2000. p. 161-2.
15. THE MAHATMA Letters to A. P. Sinnett, *op. cit.*, p. 181. (Letter n. 67)
16. *Ibidem*, p. 77-8. (Letter n. 21)
17. *Ibidem*, p. 474. (Letter to Hume)
18. *Ibidem*, p. 275. (Letter n. 88)
19. LEADBEATER, C. W. *The Christian Gnosis*. London, The St. Alban Press, 1983. p. 1-2. [A Gnose Cristã. Brasília: Teosófica, 1994. p. 35-36.]

20. THE HOLY Bible. King James Version [1611]. New York, American Bible Society, 1980. Acts XVII: 28. [Atos XVII: 28]
21. John X: 34. [João X: 34]
22. Matthew V: 48. [Mateus V: 48]
23. THE MAHATMA Letters to A. P. Sinnett, *op. cit.*, p. 377. (Letter n. 111)
24. BLAVATSKY, *op. cit.* 1978, v. 1, p. 15.
25. TAIMNI, I. K. *The Science of Yoga*. Adyar, TPH, 1986. p. 231. [II: 33]
26. THE KYBALION. Chicago: The Yogy Publication Society, [1908]. p. 39.
27. THE MAHATMA Letters to A. P. Sinnett, *op. cit.*, p. 273. (Letter n. 88)
28. TAIMNI, *op. cit.* 1969, p. 18.
29. BLAVATSKY, *op. cit.* 1978, v. 1, p. 16.
30. *Ibidem*, v. 1, p. 16-7.
31. *Ibidem*, v. 1, p. 16.
32. *Ibidem*, v. 1, p. 481.
33. BHAGAVAD-gitâ. Trad. Annie Besant & Ricardo Lindemann. Brasília: Teosófica, 2014. p. 56. [II: 22]
34. COLLINS, *op. cit.*, p. 161.
35. BLAVATSKY, *op. cit.* 1978, v. 1, p. 17.
36. COLLINS, *op. cit.*, p. 162.
37. BLAVATSKY, *op. cit.* 1993, p. 65-6.

## **O PLANO COSMOGÓNICO DE A *DOUTRINA SECRETA* DE HELENA BLAVATSKY**

José Manuel Anacleto, (UL)

### **Resumo:**

Helena Blavatsky foi, indiscutivelmente, a figura marcante do Esoterismo Contemporâneo, mesmo de grande parte do que não se lhe refere expressamente. A sua figura, imensa, invulgar e algo paradoxal, tem sido relativamente estudada e discutida mas grande parte do interesse não vai além de alguns episódios da sua vida e do desenvolvimento da Sociedade Teosófica que fundou, e de alguns conceitos – quando não preconceitos –, muito básicos e parciais, frequentemente mal interpretados e desgarrados do todo, acerca da Filosofia Esotérica que apresentou. Quase ninguém entre os que se referem à sua obra maior – *A Doutrina Secreta* – leu mais do que umas poucas páginas (tantas vezes aleatórias, marginais ou pouco significativas) do seu total de quase duas mil, e muito menos ainda foram os que se dispuseram a entender o majestoso sistema Cosmogónico (e também Antropogenético) aí apresentado. É justamente desse sistema que pretendemos falar... Para o efeito, tomaremos como ponto de partida e desenvolveremos em seguida as três Proposições Fundamentais de *A Doutrina Secreta*: A primeira, alusiva ao fundo sem fundo de tudo quanto é, à Ser-dade sem atributos, ao espaço ilimitado, à Duração eterna, ao Movimento Absoluto (Maha-Prana), à Realidade-Vida- Consciência Absoluta, com a inerente consequência da universalidade da vida e da consciência; A segunda, referindo-se à existência cíclica, aos dias e noites cósmicos (Manvantaras e Pralayas), ao fluxo e refluxo, à expiração e inspiração de todos os Cosmos, grandes ou pequenos (analogicamente), pressupondo o despertar do Logos Colectivo (que vai organizar a proto-matéria primordial) na aurora de cada Mahamanvantara, o trabalho das Hierarquias Criadoras e o desdobramento septenário de cada grande ou pequeno Cosmos, á medida que Fohat-Daiviprakriti imprime a Ideação na Substância; A terceira, resumindo a radiação das almas individuais a partir da Alma Universal e a sua peregrinação pelos mundos da forma, desenvolvendo a consciência de relação, até atingirem a autoconsciência, depois a consciência unificadora, e enfim, se subsumirem, com determinação individual, na Consciência Una, num esplêndido processo evolutivo, que envolve todas as unidades de vida.

**Palavras-chave:** Teosofia, Helena Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, Cosmogonia

### **Abstract:**

Helena Blavatsky has, undoubtedly, been the outstanding figure of the Contemporary Esotericism, even in a great extent that does not expressly refers to her. Her huge, unusual and somewhat paradoxical figure, has been fairly studied and discussed but much of the interest is limited to a few episodes of her life and the expansion of the Theosophical Society she founded, and some concepts - if not prejudices - very basic and partial, often misunderstood and disjointed from the whole, about the Esoteric Philosophy that she presented. Hardly anyone among those who refer to her greatest work - *The Secret Doctrine* - read more than a few pages (often random, marginal or minor) of its total of nearly two thousand, and even less were those who were willing to understand the majestic Cosmogonic system (and also Anthropogenic) presented in the work. This is precisely this system that we intend to address... For this purpose, we will take as a starting point, and then developed, the three Fundamental Propositions of *The Secret Doctrine*: The first, alluding to the ungrounded background of all that is, the Be-

ness devoid of attributes, the boundless space, the eternal Duration, the Absolute Motion (Maha-Prana), the absolute Reality-Existence- Consciousness, with the inherent consequence of universality of life and consciousness; The second, referring to the cyclic existence, the cosmic days and nights (Manvantaras and Pralayas) to the flux and reflux, the expiration and inspiration of all Cosmos, large or small (by analogy), assuming the Collective Logos awakening (which will organize the primordial proto-matter) at the dawn of each Mahamanvantara, the work of the Creative Hierarchies and the septenary split of each big or small Cosmos, as Fohat-Daiviprakriti imprints Ideation in Substance; The third, summarising the radiation of the individual souls from the Universal Soul and their journey through the worlds of form, developing the consciousness of the relation, up to reaching the self-consciousness, after the Unifying Consciousness, and finally, subsuming themselves, with individual determination, in the One Consciousness, in a splendid evolutionary process, which comprehends all life units.

**Key-words:** Theosophy, Helena Blavatsky, The Secret Doctrine, Cosmogony

Helena Blavatsky foi, indiscutivelmente, a figura marcante do Esoterismo Contemporâneo, mesmo de grande parte do que não se lhe refere expressamente.

A sua figura, imensa, invulgar e algo paradoxal, tem sido relativamente estudada e discutida mas grande parte do interesse não vai além de alguns episódios da sua vida e do desenvolvimento da Sociedade Teosófica que fundou, e de alguns conceitos – quando não preconceitos –, muito básicos e parciais, frequentemente mal interpretados e desgarrados do todo, acerca da Filosofia Esotérica que apresentou. As mais insólitas sustentações, entre as quais as que ela expressamente rejeitou, lhe são atribuídas... Quase ninguém entre os que se referem à sua obra maior – *A Doutrina Secreta* – leu mais do que umas poucas páginas (tantas vezes aleatórias, marginais ou pouco significativas) do seu total de quase duas mil, e muito menos ainda foram os que se dispuseram a entender o majestoso sistema Cosmogónico (e também Antropogenético) aí apresentado. É justamente desse sistema que pretendemos falar...

Para o efeito, tomaremos como ponto de partida e desenvolveremos em seguida as três Proposições Fundamentais da Doutrina Secreta – Doutrina Secreta no duplo sentido, de obra com esse título, de Helena Blavatsky, e de Sabedoria Oculta ou Esotérica, arcaica e universalmente implícita nas diferentes Tradições Espirituais<sup>2</sup>.

Permita-se-me aqui dizer que devo a Helena Blavatsky e à Teosofia não só muito do estímulo para estudar, ponderar e saborear uma pluralidade grande dessas Tradições, como chaves fundamentais para as entender de um modo que me parece coerente e englobante, esclarecendo muitos pontos aparentemente desconexos.

**A primeira das Proposições** mencionadas alude ao fundo sem fundo de tudo quanto é, à Ser-dade (Be-ness, na expressão original) sem atributos, ao Espaço ilimitado (Maha-Akasha), à Duração Eterna, ao Incessante Alento (Maha-Prâna), à Realidade-Vida-Consciência Absoluta, com a inerente consequência da universalidade da Vida e da Consciência<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Conferir essas três Proposições em *A Doutrina Secreta*, Vol. I, de Helena Blavatsky, Pensamento, 1973, pp. 81-7.

<sup>3</sup> “Ensina a Filosofia Esotérica que tudo vive e é consciente, mas não que toda a vida e toda a consciência sejam semelhantes às dos seres humanos ou mesmo dos animais”. Helena Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, Vol. I, *op. cit.*, p.111.

Tal corresponde ao fundamento radical de tudo, e à única Realidade – indivisível, incorruptível, inefável, sem começo nem fim, para além de qualquer circunstância, condição, comparação ou definição, para além, de qualquer dualismo ou separatividade – excluindo, pois, qualquer confusão com uma Divindade pessoal, distinta do mundo e supostamente criadora de outros seres.

Nesta primeira proposição, reconhece-se a evidência de que HÁ – de que há algo indefinível mas inamovível –, de que há SER – mas SER tão radical e inqualificável que mais propriamente diríamos não-Ser (não ser qualquer coisa em particular) –, de que há Consciência – mas Consciência tão pura e indeterminada que mais a designaríamos Inconsciência Absoluta (de qualquer coisa separada, de que há Espaço, Infinito, Ilimitado, que é simultaneamente pleno e vazio, pleno de toda a potencialidade mas vazio de toda a representação ou determinação concreta, vazio de todos os dharmas excepto da sua inerente essência, na tradição budista Mahā-**Mādhyamaka**. Esse Espaço é a matriz, o útero materno de tudo quanto-foi-é-e-será, de onde os Cosmos parecem despontar e onde se subsumem e resolvem. Esse Espaço é o que subsiste mesmo que, como na imagem de Álvaro de Campos / Fernando Pessoa<sup>4</sup>, tiremos o “mundo ao mundo”. Esse Espaço é (dizíamos) o Grande “Contenedor”, o *Arik-Anpin* dos cabalistas.

Esta Realidade Absoluta pode também ser vista como a Vida Una e o seu movimento que nunca cessa. No âmago de tudo, afirma Helena Blavatsky, há Consciência, há Vida, há movimento – mesmo até naquilo que se considera “matéria inerte”. Sim, até nos minerais há movimento atómico, há combinação de elementos, há cor, há propriedades – manifestações essas que correspondem, digamos assim, ao Númeno da Consciência e da Vida.

Tal Realidade Absoluta transcende naturalmente qualquer dualidade: espírito-matéria, sujeito-objecto, conhecedor-conhecido, causa-efeito, ou, se quisermos dizer de outro

---

<sup>4</sup> No seu poema “Passagem das horas”, onde a dado passo escreveu: “Vem, ó noite, e apaga-me, vem e afoga-me em ti. / Ó carinhosa do Além, senhora do luto infinito, / Mágoa externa da Terra, choro silencioso do Mundo. / Mão suave e antiga das emoções sem gesto, / Irmã mais velha, virgem e triste, das ideias sem nexos, / Noiva esperando sempre os nossos propósitos incompletos, / A direcção constantemente abandonada do nosso destino, / A nossa incerteza pagã sem alegria, / A nossa fraqueza cristã sem fé, / O nosso budismo inerte, sem amor pelas coisas nem êxtases, / A nossa febre, a nossa palidez, a nossa impaciência de fracasso, / A nossa vida, ó mãe, a nossa perdida vida... / Não sei sentir, não sei ser humano, conviver / De dentro da alma triste com os homens meus irmãos na terra. / Não sei ser útil mesmo sentindo, ser prático, ser quotidiano, nítido, / Ter um lugar na vida, ter um destino entre os homens, / Ter uma obra, uma força, uma vontade, uma horta, / Uma razão para descansar, uma necessidade de me distrair, / Uma coisa vinda directamente da natureza para mim. / Por isso sê para mim materna, ó noite tranquila... / Tu, que **tiras o mundo ao mundo**, tu que és a paz...!”

modo, nela são um só esses dois polos que supomos na nossa forma comum de funcionamento mental.

Entretanto, se de acordo com a nossa mente conceptual quisermos tentar entender o que, em si mesmo, sempre transcende qualquer compreensão relativa, podemos vê-lo, ou simbolizá-lo, como aspecto positivo de Ser, Consciência, Vida (Parabrahman, numa expressão da Vedanta) ou como aspecto receptivo/negativo de Substância.

Escreveu Helena Blavatsky: “Se nos voltamos para as cosmogonias Hindus, constatamos que Parabrahman não é sequer mencionado nelas, mas apenas Mulaprakriti. Esta última é, por assim dizer, o revestimento ou aspecto de Parabrahman no universo invisível. Mulaprakriti significa a Raiz da Natureza ou da Substância. Mas Parabrahman não pode ser chamado a “Raiz”, porque é a absoluta Raiz sem Raiz de tudo. Deste modo, temos que começar [no estudo da Cosmogonia] com Mulaprakriti, ou o véu desse desconhecido”<sup>5</sup>. Assim, aquele Princípio Absoluto e Uno pode ainda ser entendido como substância, ou antes, como raiz pré-cósmica da Natureza, mesmo que Helena Blavatsky relembre o aforismo budista do *Sutra do Coração*: “Aquilo que chamamos forma é vazio (Shunyatâ) e o vazio é forma”. Acerca de Shunyatâ, registre-se a definição dada pela mesma autora no *Glossário Teosófico*: “Vazio, vacuidade; o espaço; o nada. O nome do nosso universo objectivo no sentido da sua irreabilidade ou ilusão”<sup>6</sup>.

Noutras palavras, e resumindo o que foi dito, a primeira Proposição da Doutrina Secreta, e base de todo o sistema, refere um Princípio Universal, Impessoal, Ilimitado, Inominado e Inefável, absoluto Ser e não-Ser<sup>7</sup> (porque o seu único atributo é Ele mesmo), bem como Consciência absoluta, e absoluta Inconsciência (de qualquer coisa limitada). É a Duração Eterna. É o Espaço Infinito; o vácuo (*Shunyata*<sup>11</sup>) pleno; a Causa incausada, infinita e eterna; a Realidade Una e Absoluta, anterior e transcendente a tudo o que é manifestado ou condicionado.

As afirmações contidas nesta Proposição têm equivalência, embora apenas parcial, em Brahman Nirguna (Brahman sem atributos) ou Parabrahman (com a sua Avyakta ou Mulaprakriti – a raiz pré-cósmica da natureza ou matéria), referidos em escolas

---

<sup>5</sup> Blavatsky *Collected Writings*, Vol. X, The Theosophical Publishing House, Wheaton, 1964; p. 303

<sup>6</sup> Ground, p. 777.

<sup>7</sup> “O Eterno Não-ser é o Único SER”; *A Doutrina Secreta*, Vol. I, I, p. 108.

filosófico-religiosas da Índia); em Zeroane Akerne, o tempo-espço ilimitado do Mazdeísmo (na sua versão não dual ou supra-dual); em Ain Soph, ou em Ain Soph Aur, os véus que pendem de Kether, na Árvore da Vida Cabalística; no Deus que não-é, na Profundidade, no Abismo ou no Silêncio de instrutores e grupos Gnósticos; nas Trevas Primordiais do *Genesis* e do Proêmio do Evangelho segundo São João; no para além do Uno dos Neoplatônicos; e, em geral, nas teologias negativas e nos sistemas panteístas ou hilozoístas.

**A segunda proposição** refere-se à existência cíclica, aos dias e noites cósmicos (Manvantaras e Pralayas), ao fluxo e refluxo, à expiração e inspiração <sup>8</sup> de todos os Cosmos, grandes ou pequenos (analogicamente), pressupondo o despertar do Logos Colectivo (que vai organizar a proto-matéria primordial) na aurora de cada Mahamanvantara, pressupondo o trabalho das Hierarquias Criadoras e o desdobramento septenário de cada grande ou pequeno Cosmos, à medida que Fohat ou Daiviprakriti imprime a Ideação na Substância.

Para cada um dos inumeráveis Cosmos que se sucedem no tempo e exsurtem no Espaço, assim expirando – Cosmos imensos ou microcosmos como, por exemplo, o ser Humano – há um Logos ou **Īśvara**. Cada Logos é um agente propulsor de manifestação ou ondulação no Espaço matricial ilimitado. Desperta e organiza a matéria, embora, em última e verdadeira instância, o que exista não é matéria mas materialidade como projecção de modos de consciência. Também, todo o universo fenomenal é na verdade mayáxico, ilusório, porquanto tudo o que não é uno, eterno, permanente, infinito, imutável e indivisível, é ilusório. “Tudo o que é, emana do Absoluto, que, por força mesmo desse qualitativo é a única Realidade; e assim, tudo aquilo que é estranho ao Absoluto (...) deve ser uma *ilusão*, sem sombra de dúvida” <sup>9</sup>. Assim, o Logos, **Īśvara**, é de algum modo o grande ilusionista, Mâyana, como se lê no *Svetasvatara Upanishad*, 4.10

---

<sup>8</sup> “O aparecimento e o desaparecimento do Universo são descritos como expiração e inspiração do Grande Sopro, que é eterno e que, sendo Movimento, é um dos três aspectos do Absoluto; os outros dois são o Espaço Abstrato e a Duração. Quando o Grande Sopro expira, é chamado o Sopro Divino e considerado como a *respiração* da Divindade Incognoscível — a Existência Una —, emitindo esta, por assim dizer, um pensamento, que vem a ser o Cosmos. De igual modo, quando o Sopro Divino é inspirado, o Universo desaparece no seio da Grande Mãe, que então dorme “*envolta em suas Sempre Invisíveis Vestes*” (A *Doutrina Secreta*, Vol. I, p. 106).

<sup>9</sup> A *Doutrina Secreta*, Vol. I, p. 323.

Se o Cosmos objectivo nos parece tão real, é apenas porque a ilusão subjectiva e a ilusão objectiva estão coadunadas, como dois polos da mesma irreabilidade. Escreveu Helena Blavatsky: “Tudo é relativo neste Universo; tudo é ilusão. Mas a impressão experimentada em qualquer dos planos [em que se diferencia] é uma realidade para o ser que a percebe e cuja consciência pertença ao mesmo plano; muito embora essa impressão, encarada de um ponto de vista puramente metafísico, possa não apresentar nenhuma realidade objectiva” <sup>10</sup> e também: “O Universo, com tudo o que nele se contém, é chamado Mâyâ porque nele tudo é temporário, desde a vida efémera do pirilampo até à do sol. Comparado à eterna imutabilidade do UNO e à invariabilidade daquele Princípio, o Universo, com as suas formas transitórias e sempre cambiantes, certamente não parecerá, ao espírito de um filósofo, valer mais do que um fogo-fátuo. Entretanto, o Universo é suficientemente real para os seres conscientes que o habitam, e que são tão ilusórios quanto ele próprio” <sup>11</sup>. Não é isto muito diferente da concepção vedantina não dual que assevera que todo o Universo, todo o existir condicionado, é ilusório, embora possa ser admitido como real para fins práticos – de um ponto de vista de verdade relativa, não de verdade absoluta.

Nestes termos, voltemos à acção logíca ou demiúrgica. Trata-se de um processo de manifestação, de emanção e de sucessivo desdobramento ou, mais propriamente ainda, como acentua Helena Blavatsky, de irradiação do Absoluto. Não há aqui nenhuma ideia de criação tal como normalmente é concebida. Nada surge do nada, nem nada de essencialmente novo surge. Nenhum Ser é criado, pois todos participam do Todo trans-temporal. Somente se vão “criar” formas delimitadoras e disciplinadoras – lembremos como na Árvore da Vida a Coluna Feminina e da Organização da Forma, encimada por Binah, é o Pilar da severa disciplina.

Helena Blavatsky distingue nesse processo três grandes estados (estados e não seres), a que designa por Primeiro, Segundo e Terceiro Logöi.

O *Primeiro Logos* é o ponto inicial no círculo, o centro irradiante primevo do Cosmos a manifestar. É como que o primeiro motor de diferenciação no seio da substância caótica, não organizada nem separada em formas, que vela o Absoluto – substância pré-cósmica essa, que é Mûlaprakriti ou Aviakta, a verdadeira Virgem Mãe. O Primeiro Logos é *filho* de Mûlaprakriti e, ao despertar, volve-se o seu *esposo* e com ela interage.

---

<sup>10</sup> *Idem*, p. 324.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 305

Pode ser visto como um (primeiro) vórtice de força no seio do oceano das águas primordiais ou da matriz tenuíssima da substância – o supremo Akasha. É pura potência e pura unidade, embora já num *nível* de transição para a Manifestação (por isso sendo paradoxalmente designado o “Logos Imanifestado”). Tem o seu correspondente em Nârâyana, no Hinduísmo (*Sanathana Dharma*), na mónada Pitagórica, de certo modo no “Pai” aludido no versículo 18 do Capítulo I do Evangelho segundo São João, e em Kether, na Árvore da Vida Cabalística. Kether é a Coroa; e a coroa, como realidade oca ou que permite passar, é um canal de transição. Tal é o Primeiro Logos, por *onde* jorra Daiviprakriti, a brilhante energia-substância primordial, a Luz do Logos, o Poder que desperta e impulsiona a manifestação<sup>12</sup>. “Enquanto que Parabrahman é a Causa Eterna, o Primeiro Logos é a Primeira Causa, o grande Logos Invisível que origina todos os outros Logoï e que, antes da manifestação cósmica, dorme no seio de AQUILO que nunca dorme nem está desperto, porque de Parabrahman, que não é um Ser mas Sat ou Be-ness (a *Serdade*), não pode ser dito que esteja dormindo ou desperto”<sup>13</sup>, pois está além da alternância repouso (Pralaya) e actividade (Manvantara), como está além de qualquer dualidade ou relatividade.

O *Segundo Logos* corresponde à expansão do Germe. Da pura unidade, definem-se agora os protótipos dos polos espiritual e material, Purusha e Prakriti, vida e matéria, entre os quais decorrerá toda a grande animação cósmica. Esses polos não estão ainda separados, senão arquetípica ou potencialmente; são os dois em unidade, qual um ser hermafrodita: o Pai-Mãe do Universo. O Segundo Logos é o Demiurgo enquanto colectividade abstracta (dos Construtores do Universo). É o *momento* (da actividade logóica) em que o Universo existe como grande desenho, como arquétipo, como plano global: é o Cosmos idealizado. É “o Pensamento ainda latente”, na expressão de Helena Blavatsky<sup>14</sup>, ou a Sabedoria Potencial.

No *Terceiro Logos*, existe a dualidade Purusha/Prakriti, Espírito (como Ideação Cósmica) e Matéria (como base para a expressão de Mahat, a Mente Universal). Fohat

---

<sup>12</sup> No excelente livro *Philosophy of the Bhagavad Gita* (Theosophical Publishing House, Adyar, 3ª ed, 1931), que agrupa uma série de conferências suas, podemos ler a seguinte afirmação de Subba Row: “Mûlaprakriti é incapaz de produzir qualquer efeito, a menos que seja energizada pela luz do Logos”.

<sup>13</sup> Salomon Lancry, *Estudos Seletos em A Doutrina Secreta*, Editora Teosófica, Brasília, 1992; pág. 28.

<sup>14</sup> *Blavatsky Collected Writings*, Vol. X, *op. cit.*, pág. 351.

<sup>15</sup> é o mediador entre os dois, é a força dinâmica que transmite o pensamento divino e o imprime na substância. Repare-se que, de acordo com o que dissemos, o Terceiro Aspecto desdobra-se, assim, por sua vez, numa trindade: 1. Mahat – a Mente Cósmica (Mente organizadora de um Cosmos) ou Mente Divina – não no sentido de Mente de um Deus mas, sim, no de colectividade de todas as Inteligências Espirituais; 2. Fohat – a força electro-vital transmissora da ideação contida em Mahat; 3 – Prakriti, a Natureza, Substância ou Matéria, que se vai diferenciar em distintos planos, um septenário, planos progressivamente mais densos, pelo afluxo de Fohat, que combina a multiplicidade de átomos. O Terceiro Logos é a síntese dos *Sete Primordiais* (as Sete Hierarquias Criadoras principais que produzem e guiam o Cosmos ou cada uma das suas regiões) e nele todos os poderes criadores ou demiúrgicos (integrando essas Hierarquias de Poderes Criativos, entre as quais, como Mónadas Espirituais, nos encontramos) estão activos, como átomos na Alma Universal, que integram, e de que são a substância. É *aqui*, na Mente Cósmica, que o Cosmos vem realmente à existência, no seu estado prístino – “o Universo é mental”, diz um dos Princípios Herméticos.

Há, pois, o Absoluto Imanifestado, o Logos Imanifestado (Primeiro Logos), o Logos semi-Manifestado ou Imanifestado-Manifestado (o Segundo Logos) e o Logos Manifestado (o Terceiro Logos).

Questionada se “O começo do tempo, visto como distinto da Duração, corresponde ao surgimento do Primeiro Logos”, Helena Blavatsky deu uma resposta que, certamente, clarifica melhor o que temos vindo a expor: “... quando o Primeiro Logos radia através da matéria primordial e indiferenciada, ainda não há acção no Caos. ‘A última vibração da Sétima Eternidade’<sup>16</sup> é a primeira que anuncia a Aurora [da Manifestação], e é um sinónimo para o Primeiro Logos ou Logos Imanifestado. Não há tempo neste estágio.

---

<sup>15</sup> Fohat é uma palavra mongol que designa um dos conceitos mais importantes da Cosmogénese Esotérica. Tem o seu correlato no Eros da Mitologia Grega, no Apâm-Napât (“Filho das Águas”) dos Vedas e do Ahura-Mazda, no Daiviprakriti das Escolas Filosóficas Hindus, particularmente da Samkhya, e no Toom do antigo Egipto. Acerca de Fohat, veja-se José Manuel Anacleto, *Esoterismo de A a Z*, Centro Lusitano de Unificação Cultural, Lisboa, 2015; pp. 123-134.

<sup>16</sup> Expressão do *Livro de Dzyan* (de que em *A Doutrina Secreta* se reproduzem e comentam várias estâncias), que alude ao final de um Pralaya ou Período de Imanifestação, ao termo de uma Noite Cósmica. A existência do livro de Dzyan, tantas vezes posta em causa ou até ridicularizada, foi adequadamente demonstrada e comprovada por David Reigle e Nancy Reigle em *Blavatsky's Sacred Books*, Wizards Bookshelf, San Diego, 1999.

Não há Espaço <sup>17</sup> nem Tempo quando o início tem lugar; mas tudo está no Espaço e no Tempo, uma vez que a diferenciação é gerada. Ao tempo da primeira radiação, ou quando o Segundo Logos emana, é Pai-Mãe potencialmente; mas quando o Terceiro Logos ou Logos Manifestado surge, isso torna-se a Virgem-Mãe. O ‘Pai e o Filho’ são um em todas as teogonias do mundo”

Perguntada, em seguida: “Pode, então, falar-se do Tempo como existindo desde o surgimento do Segundo Logos ou Logos Imanifestado-Manifestado?”, respondeu ela: “Seguramente que não mas, sim, a partir do surgimento do Terceiro Logos. É aqui que reside a grande diferença entre os dois, como se acabou de mostrar. A ‘última vibração’ inicia-se fora do Espaço e do Tempo, e termina com o Terceiro Logos, quando o Tempo e o Espaço começam, quer dizer, o tempo periódico. O Segundo Logos participa de ambas as essências ou naturezas, do primeiro e do último. Não há diferenciação com o Primeiro Logos; ela apenas começa no latente Pensamento do Mundo, como Segundo Logos, e recebe a sua completa expressão, i.e., torna-se o ‘Verbo’ feito carne, como Terceiro Logos” <sup>18</sup>.

**A terceira Proposição** apresenta-nos a radiação das almas individuais a partir da Alma Universal – por sua vez um aspecto da Raiz sem Raiz – e a sua peregrinação pelos mundos da forma, desenvolvendo a consciência de relação, até atingirem a autoconsciência, depois a consciência unificadora, e enfim, se subsumirem, com determinação individual mas não separatista, na Consciência Una, num esplêndido processo ascensional, que envolve todas as unidades de vida. “A Doutrina Secreta ensina o progressivo desenvolvimento de todas as coisas, tanto dos mundos como dos átomos. Não é possível conceber o princípio desse maravilhoso desenvolvimento nem tampouco imaginar-lhe o fim. O nosso ‘Universo’ não passa de uma unidade num número infinito de universos, todos eles ‘Filhos da Necessidade’, elos da Grande cadeia Cósmica de Universos, cada qual em relação de efeito com o que o precedeu, e de causa com o que lhe sucede”, escreveu Helena Blavatsky<sup>19</sup>.

Neste processo a natureza expansiva da Vida contrai-se na forma material, que a cinge mas que lhe permite determinar-se, conhecendo-se a si mesma no espelho da matéria –

---

<sup>17</sup> H. Blavatsky refere-se aqui ao espaço concreto de universos objectivos, e não ao Espaço abstracto, que sempre É, “presente” e inalterável, quer nele surjam, ou não, Universos.

<sup>18</sup> *Blavatsky Collected Writings*, Vol. X, *op. cit.*, pp.358-9

<sup>19</sup> *A Doutrina Secreta*, Vol. I, *op. cit.*, p.106

ilusória, imagética, porém que lhe permite a auto-consciência, o trabalho sobre e consigo mesma, a passagem da Potencialidade à efectividade, da pureza passiva à perfeição positiva, a actuação dos poderes latentes. Nenhuma alma espiritual, lê-se em *A Doutrina Secreta*, “pode ter uma existência independente e consciente antes que a centelha emanada da pura Essência do Sexto Princípio Universal – isto é, da ALMA SUPREMA – haja (1) passado através de toda e cada forma elementar pertencente ao mundo fenomenal deste *Manvantara*, e (2) adquirido a individualidade, primeiro por impulso natural e depois à custa dos próprios esforços conscientemente dirigidos e regulados pelo Karma, percorrendo assim todos os degraus da inteligência (...) desde o mineral e a planta até ao Arcanjo mais sublime (*Dhyāni-Buddha*)”<sup>20</sup>. Tal é feito em incontáveis existências, interligadas entre si pela Lei de causa e Efeito.

Segundo a Filosofia Esotérica, não existem privilégios no Universo. Não há salvação especiais nem infernos eternos. Ainda nos universos imanifestados, todo o sofrimento é compensado e suplantado por felicidades balsâmicas<sup>21</sup>. Todos temos a mesma dignidade íntima e a mesma gama de potencialidades. A Natureza ou Realidade mais profunda e mais excelsa existe no âmago de todos os seres, esperando o seu despertar. E todos estamos interrelacionados e somos solidários no caminho. Todos se elevam quando alguém progride. Todos tropeçamos quando alguém momentaneamente fracassa. E cada um, na relatividade da sua posição nesse caminho, ajuda e é ajudado. A Humanidade, por exemplo, é amparada e auxiliada pelos que se tornaram Homens Perfeitos, Mestres de Sabedoria e Compaixão, Irmãos Maiores ou Mahatmas, como Helena Blavatsky os designava. Do mesmo modo, devemos ser um auxílio, nunca uma tirania, para os que têm ainda mais caminho a percorrer. Entretanto, todos acederemos a patamares de bem-aventurança e plenitude para os quais não apenas as nossas palavras mas também os nossos conceitos mentais são insuficientes, para os poderem expressar. Então, todos *seremos auto-conscientemente* no Todo, e cada gota do ilimitado Oceano da Vida será o próprio Oceano.

Terminando, citando uma vez mais Helena Blavatsky:

“Há um caminho, íngreme e espinhoso, envolto em perigos de toda espécie, mas ainda assim, um caminho e que leva ao próprio coração do Universo. Posso dizer-vos como

---

<sup>20</sup> *Idem*, p. 84.

<sup>21</sup> Por exemplo, no estado de Devâchan.

encontrar aqueles que mostrarão o portal secreto que abre apenas internamente e se fecha com firmeza por detrás do neófito, para sempre.

Não há perigo algum que a coragem destemida não possa vencer; não há prova alguma que a pureza imaculada não possa superar; e nenhuma dificuldade que o intelecto forte não possa transpor.

Para aqueles que prosseguem vitoriosos há uma recompensa indescritível – o poder de abençoar e salvar a humanidade; para aqueles que falham, há outras vidas nas quais o sucesso pode vir”.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> *Textos Seletos de Helena P. Blavatsky*, Vol. II, Centro Lusitano de Unificação Cultural, Lisboa, 2016.

## REFERÊNCIAS:

- Blavatsky, Helena, *A Doutrina Secreta*, 6 vols., Ed. Pensamento, S. Paulo, 1973
- Blavatsky, Helena, *Collected Writings*, 15 vols., The Theosophical Publishing House, Wheaton, Adyar, Londres
- Blavatsky, Helena, *Glossário Teosófico*, Ed. Ground, S. Paulo
- Anacleto, José Manuel, *Esoterismo de A a Z – Filosofia, Ciência e Espiritualidade*, Centro Lusitano de Unificação Cultural, Lisboa, 2015
- Anacleto, José Manuel, *Alexandria e o Conhecimento Sagrado*, Centro Lusitano de Unificação Cultural, Lisboa, 2015
- Anacleto, José Manuel, *Transcendência e Imanência de Deus*, Centro Lusitano de Unificação Cultural, Lisboa, 2002
- Barborka, Geoffrey, *The Divine Plan*, The Theosophical Publishing House, Adyar, 1961
- Cranston, Sylvia, *Helena Blavatsky – A Vida e a Influência Extraordinária da Fundadora do Movimento Teosófico Moderno*, Editora Teosófica, Brasília, 1997
- K. H. e M., *Cartas dos Mahatmas para A. P. Sinnett*, 2 vols., Editora Teosófica, Brasília, 2001
- Lancri, Salomon, *Estudos Seletos em A Doutrina Secreta*, Editora Teosófica, Brasília, 1992
- Farthing, Geoffrey A., *La Deidad, el Cosmos y el Hombre*, Fundación Blavatsky, Cuernavaca, México, 1998
- Row, Subba, *Esoteric Writings*, The Theosophical Publishing House, Adyar, 2ª ed., 2002

## A REENCARNAÇÃO SEGUNDO ORÍGENES DE ALEXANDRIA NO CRISTIANISMO PRIMITIVO

Ricardo Lindemann (UnB/UFJF)<sup>23</sup>

### Resumo:

Este trabalho tem como objetivo investigar, a partir obra *Peri Archon (De Principiis)* de Orígenes de Alexandria, a presença da doutrina da Reencarnação no Cristianismo Primitivo. Deve ficar claro que nem todos os cristãos seguiam as doutrinas da Preexistência da alma, sua possível Transmigração, até a Salvação Universal no juízo final que eram sustentadas pelo Pe. Orígenes de Alexandria (c. 185 – c. 253), mas sim que seus inúmeros seguidores tiveram a liberdade de sustentar por três séculos uma linhagem dentro do cristianismo, o origenismo, que era oficialmente aceitável até 553 d.C., data da condenação dessas doutrinas de Orígenes no Concílio Constantinopla II, convocado arbitrariamente pelo Imperador Justiniano I, que destituiu e exilou o Papa Silvério, morto neste exílio “poucos meses depois de subnutrição”. O Papa Vigílio, indicado pelo Imperador, nem compareceu ao Concílio.

**Palavras-Chave:** Metempsicose. Cristianismo Primitivo. Orígenes. Reencarnação.

### Abstract:

This paper aims to investigate from the work *Peri Archon (De Principiis)* by Origen of Alexandria, the presence of the doctrine of Reincarnation in Early Christianity. It should be clear that not all Christians followed the doctrine of the Pre-existence of the soul, its possible Transmigration, to Universal Salvation in the final judgment that were supported by Father Origen of Alexandria (c 185 - c 253), but that his numerous followers were free to hold for three centuries a strain within Christianity, the Origenism which was officially acceptable until 553 AD, the date of the conviction of Origen doctrines at the Council of Constantinople II, called arbitrarily by the Emperor Justinian I, who deposed and exiled Pope Silverio, who died in its exile "few months after malnutrition". The Pope Vigilius, appointed by the Emperor, did not attend the Council.

**Keywords:** Metempsychosis. Early Christianity. Origen. Reincarnation.

---

<sup>23</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB), aluno cursando o Doutorado em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Engenheiro Civil (UFRGS); atua em Projetos de Pesquisa de História da Filosofia da Religião no Grupo de Filosofia da Religião da UnB, e de As Tradições Soteriológicas dos Upanisads do Núcleo de Estudos em Religiões e Filosofias da Índia (NERFI) da UFJF; [ricardolindemann@uol.com.br](mailto:ricardolindemann@uol.com.br) .

## **Introdução:**

Este trabalho tem a intenção de evidenciar que a doutrina da Reencarnação podia ser encontrada no Cristianismo Primitivo no Século III, perdurando ainda por três séculos, a partir do estudo da obra do Pe. Orígenes de Alexandria, particularmente em seu livro *Peri Archon (De Principiis)*, que foi sistematicamente perseguido e destruído pelo Imperador Justiniano, mas teve uma versão reconstituída por Koetschau, com base principalmente na própria correspondência do Imperador e na ata do Concílio Constantatinopla II em 553 d.C. que condenou o livro.

## **Orígenes e sua Doutrina de Níveis de Interpretação da Escritura:**

O Pe. Orígenes de Alexandria (Alexandria, Egito c. 185 – Tiro c. 253), foi Diretor da Escola Catequética de Alexandria, um dos primeiros exegetas sistemáticos e um dos maiores expoentes da interpretação alegórica das Escrituras<sup>24</sup>, e afirma que estas tinha três níveis de significação semelhantes à constituição humana: corpo, alma e espírito<sup>25</sup>. O primeiro seria o nível literal e histórico, suficiente para pessoas simples, o segundo intelectual, alegórico e de sentido moral, e o terceiro era “o sentido místico, acessível somente às almas mais profundas”<sup>26</sup>, que corresponde à gnose cristã ou conhecimento esotérico como Jaeger<sup>27</sup> o denomina. Um exemplo prático de sua interpretação alegórica é o de não fixar literalmente os sete dias da criação do *Gênesis*<sup>28</sup> em períodos de 24 horas, como afirma Orígenes:

Que pessoa inteligente acreditaria que um primeiro, um segundo e um terceiro dia, tarde e manhã aconteceram sem Sol, Lua e estrelas? E que o primeiro dia, se podemos assim chamá-lo, foi até mesmo sem um céu? <sup>29</sup>

---

<sup>24</sup> DICIONÁRIO, 2011, p. 687-688.

<sup>25</sup> ORIGEN, 1973, p. 277-8. [*De Principiis*, IV, 2, 5] Cfe. ORÍGENES, 2012, p. 295.

<sup>26</sup> DICIONÁRIO, 2011, p. 688.

<sup>27</sup> JAEGER, 2002, p. 77-78.

<sup>28</sup> *Gênesis* I: 1 – II: 3.

<sup>29</sup> E Orígenes prossegue afirmando: “E quem seria tão infantil a ponto de acreditar que Deus, como se fosse um jardineiro [com forma humana], ‘plantou um jardim no Éden, para os lados do Oriente’ [*Gênesis* II: 8], e formou ali uma ‘árvore da vida’ visível e palpável.[...] e novamente de que alguém pudesse participar do ‘bem e do mal’ mastigando o fruto da árvore de mesmo nome? Se dizem que ‘Deus andava no jardim à brisa do dia’ [*Gênesis* II: 8] e que Adão se escondia atrás de uma árvore, imagino que ninguém há de duvidar que estas sejam expressões figuradas que indicam certos mistérios através de semelhante história, e não de fatos reais.[...] E o leitor cuidadoso detectará incontáveis casos de outras passagens como estas nos Evangelhos, das quais poderá aprender que entre aquelas narrativas que parecem ter sido lembradas literalmente estão inseridas e entrelaçadas outras que não podem ser aceitas como históricas, mas que contêm um significado espiritual.” (ORIGEN, 1973, p. 288-290 [*De Principiis* IV, 3, 1] Cfe. ORÍGENES, 2012, p. 301-302)

Porém, se tal linha de interpretação tivesse progredido e sido mais amplamente aceita pela Igreja, de modo que os dias da criação pudessem ter sido interpretados alegoricamente como um processo de eras de milhões de anos, não teria feito posteriormente enorme diferença na polêmica relação da Igreja com a teoria da evolução de Charles Darwin no século XIX?

Jaeger também afirma que “Clemente de Alexandria [...] e Orígenes se tornaram os fundadores da filosofia cristã.”<sup>30</sup> Butterworth cita São Jerônimo que vai mais longe afirmando que Orígenes seria “o maior instrutor da Igreja depois dos apóstolos.”<sup>31</sup> Jaeger também considera grande influência do platonismo, e talvez também estoica, sobre Orígenes, convergindo na ideia do retorno ou que o fim deve ser igual ao princípio chamada apocatástase <sup>32</sup>, como uma Salvação Universal em que “Deus seja tudo em todos” <sup>33</sup>. Jaeger ainda considera que Orígenes morreu como mártir justamente porque pensava de modo muito avançado para sua época ou que “não era ainda chegado o tempo propício às suas ideias.” <sup>34</sup>

### **Apocatástase ou Salvação Universal:**

A sua doutrina da apocatástase<sup>35</sup>, por exemplo, implicando na Salvação Universal<sup>36</sup>, gerou muita polêmica, como comenta Butterworth, quando Orígenes “foi forçado pela lógica de seu pensamento a afirmar [...] a possibilidade teórica da salvação do diabo, [pois...] quando Deus for ‘tudo em todos’ <sup>37</sup>, não haverá lugar para um diabo como tal”<sup>38</sup>; mas poucos parecem preocupar-se com a flagrante contradição da possibilidade oposta do Deus cristão, caracterizado na Escritura como essencialmente amoroso<sup>39</sup> e misericordioso<sup>40</sup>, pois o Princípio do Amor e do Perdão é provavelmente um dos mais

---

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 67.

<sup>31</sup> ORIGEN, 1973, p. xxiii.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 115.

<sup>33</sup> BÍBLIA, 1995, p. 2169. [*I Coríntios* XV: 28]

<sup>34</sup> JAEGER, 2002, p. 94.

<sup>35</sup> “O fim é sempre semelhante ao começo, e por isso, assim como o fim é um para todas as coisas, assim deve entender-se que o princípio de tudo é um.” (ORÍGENES, 2012, p. 109. [*De Principiis*, I, 6, 2])

<sup>36</sup> “...se dirigem para um fim bem-aventurado no qual os próprios inimigos, segundo está escrito, serão submetidos, e nesse fim se diz que Deus será tudo em todas as coisas (1Cor. 15,28).” (ORÍGENES, 2012, p. 113. [*De Principiis*, I, 6, 4])

<sup>37</sup> BÍBLIA, 1995, p. 2169. [*I Coríntios* XV: 28]

<sup>38</sup> ORIGEN, 1973, p. xl.

<sup>39</sup> *I João* IV : 8 – 16.

<sup>40</sup> *Lucas* VI : 36.

característicos do Cristianismo<sup>41</sup>, ficar assistindo impassivelmente a grande parte de seus próprios filhos sendo torturados nos fogos do inferno por toda a eternidade. Afinal, não é um Princípio fundamental do Cristianismo afirmar que “Deus é amor”<sup>42</sup>? Não seria o inferno eterno a maior contradição do Cristianismo? O que se poderia então dizer de uma justiça divina (teodiceia) tão desproporcional, onde houvesse um Deus que cobrasse penalidades eternamente de seus próprios filhos por erros cometidos na finitude do tempo? Se a maior desproporção matemática possível surge da comparação do infinito com o finito, poderia haver maior injustiça do que essa? Não seria mais próprio de um Pai amoroso, misericordioso e justo que após a expiação das respectivas faltas houvesse uma Salvação Universal, ou seja, para todos os seus filhos, como sustenta Orígenes, fundamentando-se nas escrituras?

Para sustentar tal posição Orígenes necessitou reinterpretar o temido “fogo eterno”<sup>43</sup> do inferno como sendo uma punição de “uma consciência ardente e picada pelos espinhos do remorso”<sup>44</sup>, pois ele afirma que “encontramos no profeta Isaías que o fogo pelo qual cada homem é punido é descrito como pertencente a si mesmo. Pois ele diz ‘andai entre as labaredas do vosso fogo e entre as chamas que acendestes para vós mesmos.’<sup>45,46</sup> Mas ao trazê-lo por meio de sua interpretação alegórica para a consciência ele relativiza a duração do fogo, assim como comenta Jaeger sobre Gregório de Nissa que “aceita o mito de Platão e o dogma cristão do castigo na outra vida; mas não aceita a ideia cristã de um castigo eterno depois da morte. [...] Todo o mal é para ele essencialmente uma privação do bem.”<sup>47</sup> A ideia da restauração final ou apocatástase vem-lhe, juntamente com outros elementos do seu platonismo, de Orígenes...”<sup>48</sup>, pois, como comenta

---

<sup>41</sup> Isso se pode evidenciar quando o Cristo acrescenta, em relação à tradição judaica, um novo mandamento com ênfase no amor: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros: como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.” (BÍBLIA, 1969, NT p.142, João XIII: 34-35)

<sup>42</sup> BÍBLIA, 1995, p. 2290. [I João IV: 8 – 16]

<sup>43</sup> Mateus XXV: 41-46.

<sup>44</sup> JEROME. *Ep. ad Avitum*, 7 apud ORIGEN, 1973, p. 142, nota 3.

<sup>45</sup> Isaías L: 11.

<sup>46</sup> ORIGEN, 1973, p. 141. [De Principiis II, 10, 4] Cfe. ORÍGENES, 2012, p. 193.

<sup>47</sup> Conforme considera Abbagnano: “A identificação do Mal com o não-ser torna-se tradicional na filosofia cristã. É retomada por Clemente de Alexandria (*Strom.*, IV, 13), por Orígenes (*De Principiis*, I, 109) e por S. Agostinho, que a difunde no mundo ocidental. S. Agostinho diz: ‘Nenhuma natureza é Mal, e esse nome indica apenas a privação do Bem’ (*De civ. Dei*, XI, 22). Portanto, ‘todas as coisas são boas, e o Mal não é substância, porque se fosse substância seria Bem’ (*Conf.*, VII, 12).” (ABBAGNANO, 1999, p. 638) Orígenes também afirma que “o mal é a carência do bem.” (ORÍGENES, 2012, p. 181. [De Principiis II, 9, 2])

<sup>48</sup> JAEGER, 2002, p. 114-5.

Butterworth, para Orígenes “a punição, também, tem de ser para disciplinar e para remediar o caráter, e não meramente para infligir dor, o que seria indigno de Deus.”<sup>49</sup>

### **Preexistência e Transmigração das Almas:**

Butterworth comenta, considerando que as escrituras falam de se chegaria um tempo em que Deus será “tudo em todos”<sup>50</sup>, que então “Orígenes foi levado a crer que um dia o amor de Deus provaria ser mais forte que a liberdade humana e que todos os espíritos criados retornariam àquela unidade e perfeição que era sua no princípio.”<sup>51</sup> Orígenes, contudo, deveria saber muito bem que esse dia ainda estaria muito distante, por isso, Butterworth acrescenta que para Orígenes “enfrentar essa dificuldade ele assumiu uma sucessão de mundos”<sup>52</sup> nos quais o processo de transmigração das almas poderia oferecer todo o tempo indispensável para que estas expirassem suas faltas até avançar para a perfeição última.<sup>53</sup>

Tudo parece, pois, indicar que Orígenes tentou conciliar o Cristianismo com o Platonismo, tornando-se assim, por hipótese, uma espécie de elo perdido entre essas duas visões<sup>54</sup>, inclusive por tentar especular sobre um dos pontos mais polêmicos para tal reconciliação que é a doutrina da metempsicose<sup>55</sup>, como particularmente considera Butterworth: “a preexistência e futura reencarnação<sup>56</sup> da alma humana foi uma doutrina recebida com muita oposição na Igreja devido à sua óbvia conexão com a especulação grega e oriental.”<sup>57</sup>

---

<sup>49</sup> ORIGEN, 1973, p. xxxvi.

<sup>50</sup> BÍBLIA, 1995, p. 2169. [I Coríntios XV: 28]

<sup>51</sup> ORIGEN, 1973, p. lvi.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. lvi.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. lvi.

<sup>54</sup> “Orígenes faz entre o cristianismo e o platonismo uma síntese ainda mais profunda do que a realizada por Clemente.” (DICIONÁRIO, 2002, p. 1160)

<sup>55</sup> É no mínimo curioso que o *Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs*, publicado por Vozes & Paulus, traduzido do original italiano, não apresenta nenhum verbete sobre metempsicose, transmigração, reencarnação ou qualquer de seus sinônimos em suas 1483 páginas. (cfe. DICIONÁRIO, 2002, *passim*)

<sup>56</sup> Apesar de haver várias passagens na Bíblia Sagrada relacionadas à reencarnação, principalmente relacionadas à tão importante profecia do retorno do Profeta Elias (no corpo de João Batista) para preparar a vinda do Messias, que caracteriza essencial ligação do Velho com o Novo Testamento, como o Cristo disse: “Porque todos os profetas bem como a lei profetizaram até João. E, se quiserdes dar crédito, ele é o Elias que havia de vir. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.” (BÍBLIA, 1995, p. 1858. [Mateus XI: 13-15]); vide também *Mateus XVII: 10-13; Mateus XVI: 13-14; Mateus III: 3; Marcos I: 2-3; Lucas I: 17; Lucas III: 4; Malaquias III: 23 ou IV: 5; Isaías XL: 3; Isaías XLV: 2; Sabedoria VIII: 19-20; etc.*

<sup>57</sup> ORIGEN, 1973, p. lvi

Na verdade, há autores como Santos<sup>58</sup>, que já parecem ter alguma dificuldade com a doutrina da preexistência da alma, que todos os autores aceitam como tendo sido sustentada por Orígenes, e apesar de tal doutrina aparecer claramente no livro da *Sabedoria de Salomão*<sup>59</sup>, porque ela foi arbitrariamente condenada no Concílio Constantinopla II, e foram ironicamente os textos dos próprios acusadores de Orígenes (particularmente Justiniano e Jerônimo) que acabaram por preservar os fragmentos que sobreviveram à perseguição sistemática<sup>60</sup> que foi decretada por Justiniano I. Afinal, o que se poderia esperar de um homem tão contrário ao livre-pensamento que fechou por decreto em 529 AD até a Academia de Platão<sup>61</sup> em Atenas?

Orígenes argumenta em favor de sua doutrina da preexistência das almas como segue:

Pois ‘Deus não faz acepção de pessoas’<sup>62</sup>, e entre todos estes seres que são de natureza única (pois todos os seres imortais são racionais) ele deve fazer alguns demônios, algumas almas e alguns anjos, mais propriamente está claro que Deus fez de um ser um demônio, de um ser uma alma e de um [outro] ser um anjo como um meio de punir cada um na proporção de seu pecado. Pois se não fosse assim, e as almas não tivessem preexistência, como encontraríamos bebês recém nascidos cegos<sup>63</sup>, quando eles não cometeram nenhum pecado, enquanto outros nascem sem defeito algum?<sup>64</sup>

Não parece ser esta uma doutrina lógica e justa que mereceria pelo menos algum espaço para investigação e reflexão, ao invés de ser arbitrariamente condenada no Concílio Constantinopla II, mesmo com o Papa Vigílio ausente<sup>65</sup>, em 553 d. C.?

---

<sup>58</sup> ORÍGENES, 2012, p. 13 *et seq.*

<sup>59</sup> “Eu era uma criança de boas qualidades, com alma boa. Ou melhor, porque eu era bom, vim a um corpo sem mancha.” (BÍBLIA, 2014, p. 844. [*Sabedoria* VIII:19-20])

<sup>60</sup> Conforme comenta Henri de Lubac do ocorrido com a obra de Orígenes após o Concílio Constantinopla II: “Seguiu-se a destruição física dos escritos. Começou no fim do século IV; mas neste tempo [depois de 553 d.C.] foi conduzida sistematicamente. [...] Não há meios de medir tal perda. Epifânio e Justiniano serviram bem aos inimigos da civilização cristã.” (ORIGEN, 1973, p. viii)

<sup>61</sup> REALE, 1995, v. 4, p. 604.

<sup>62</sup> BÍBLIA, 1995, p. 2068. [Atos X: 34] Tradução alternativa: “Deus não faz diferença entre as pessoas.” (BÍBLIA, 2014, p. 1340)

<sup>63</sup> Provável alusão à pergunta dos discípulos a Cristo: “Rabi, quem foi que pecou para ele nascer cego? Foi ele, ou foram seus pais?” (BÍBLIA, 2014, p. 1307. [*João* IX: 2])

<sup>64</sup> LEONTIUS Biz. *De Sectis*, Act. X. 5 (Migne P.G. 86 i., pp. 1264-5) *apud* ORIGEN, 1973, p. 67. [*De Principiis* I, 8, 1]

<sup>65</sup> O Papa Vigílio foi indicado pelo Imperador Justiniano depois que Justiniano depusera e exilara o anterior, o Papa Silvério, que assim morreu “poucos meses depois de subnutrição.” (DUFFY, 1998, p. 43) Vigílio nem compareceu ao Concílio que começou em 05 de maio de 553 d.C., inicialmente “alegando estar doente.” (DAVIS, 1990, p. 241) “Apesar do convite do Imperador e dos Bispos, Vigílio não

## O Fato Histórico:

A perseguição sistemática<sup>66</sup> do Imperador Justiniano I à obra de Orígenes é a causa do problema maior para seu estudo: O fato de que foi perdido o original grego do livro *Peri Archon* em que há evidências do tratamento deste tema da queda e transmigração das almas até a apocatástase, tendo sido apenas parcialmente reconstituído pelo magistral trabalho de Paul Koetschau<sup>67</sup> a partir de diversas fontes e fragmentos, e que a controvertida tradução remanescente feita ao latim por Rufinus de Aquileia, intitulada *De Principiis*, ser comprovadamente imprecisa por ter sido teologicamente censurada<sup>68</sup>, ou seja, foi até intencionalmente alterada em alguns pontos por motivos religiosos, a fim de se contornar o problema das condenações da Igreja. Talvez a posição mais sensata tenha sido a de Butterworth, quando compara e sistematicamente em sua tradução as versões grega reconstituída e latina em toda sua extensão, de modo a possibilitar ao leitor chegar à sua própria opinião, mas ponderando que:

Então, qualquer leitor de *Primeiros Princípios* [*De Principiis*], se tomar em consideração, como deve fazer, a irrefutável evidência de Jerônimo e do Imperador Justiniano, será forçado a admitir que Orígenes pelo menos concedeu a possibilidade da transmigração. Isto para pôr o caso pelo seu mínimo.<sup>69</sup>

---

compareceu ao Concílio.” (*Ibidem*, p. 243) Os anátemas contra Orígenes foram pulicados em 14 de junho de 553 d. C.; Justiniano anuncia publicamente o perjúrio de Vigílio em 14 de julho de 553 d.C. (*Ibidem*, p. 256) “Uma vez que o Concílio completou seus trabalhos, Justiniano enviou as atas a todos os bispos para que as assinassem.” (*Ibidem*, p. 247) “Justiniano concordou que Vigílio retornasse [à Roma] desde que reconhecesse o Concílio. Vigílio resistiu por seis meses. Em fevereiro de 554 d.C., declarando que teria sido enganado por seus conselheiros, Vigílio capitulou. Em seu *Constitutum II*, reverteu sua posição anterior e aceitou a Sentença e os anátemas do Concílio...” (*Ibidem*, p. 248)

<sup>66</sup> Conforme considera Roque Frangiotti no prefácio de *Contra Celso*: “Orígenes permanece, sem dúvida, o gênio maior que a Igreja cristã de língua grega produziu. [...] Por causa de sua exegese alegórica e pela influência da filosofia platônica, sua ortodoxia foi questionada e pelos anos 400, as disputas se acirraram violentamente. As discussões e os ataques se acalmaram só a partir do edito do imperador Justiniano I, de 543, e do II Concílio de Constantinopla, em 553, que condenou nove proposições de Orígenes, o que provocou o desaparecimento sistemático de sua imensa obra. [...] 2 mil ‘livros’, conforme informa Jerônimo.” (ORÍGENES, 2004, p. 16-17)

<sup>67</sup> Conforme refere Butterworth: “*Origenes Werke*, na série ‘Die griechischen christlichen Schriftsteller der ersten drei Jahrhunderte, herausgegeben von der Kirchenväter Commission der königl. preussischen Akademie der Wissenschaften.’ Leipsig, 1891, etc. A edição do *De Principiis* pelo Dr. Paul Koetschau é o quinto volume desta série.” (ORIGEN, 1973, p. lix)

<sup>68</sup> Bettenson chega a se referir sobre tais traduções como “as livres, e com frequência teologicamente ‘censuradas’ [‘bowdlerized’], versões de Rufinus de Aquileia” (BETTENSON, 1969, p. 185) Butterworth dedica várias páginas para analisar a censura teológica de Rufinus: “Somente em poucos casos nós possuímos o [original] grego que nos capacita a checá-lo [checar a tradução de Rufinus], e quando podemos fazê-lo o resultado não é satisfatório.” (ORIGEN, 1973, p. xxxv *et seq.*) Butterworth também cita Jerônimo clamando a Rufinus: “‘Quem te deu licença’, clama Jerônimo, ‘para omitir tanto em tua tradução?’” (JEROME. *Apol.* II, 11b. *apud* ORIGEN, 1973, p. l)

<sup>69</sup> ORIGEN, 1973, p. xxxvii.

Nesta direção, Butterworth ainda considera que se deve lembrar que Orígenes apresentava suas “opiniões não como dogmas estabelecidos, mas como especulações delineadas para responder a problemas do pensamento humano”<sup>70</sup>, apoiando-se em declarações de Orígenes citadas por São Jerônimo<sup>71</sup>.

O fato histórico é que até a resolução do Concílio Constantinopla II em 553 d.C. ainda havia espaço oficial no Cristianismo para a doutrina da reencarnação e que Orígenes ou seu grande número de seguidores<sup>72</sup> em seu nome sustentaram a transmigração das almas pelo menos por três séculos ocupando tal espaço. Foi o imperador Justiniano I quem não mediu esforços e usou todos os meios, inclusive destituindo e exilando o Papa anterior, o Papa Silvério que assim morreu de subnutrição<sup>73</sup>, e nomeando seu sucessor, o Papa Vigílio que recusou-se a comparecer ao supramencionado Concílio<sup>74</sup>, para condenar os três capítulos que acabaram por atingir a doutrina da preexistência da alma de Orígenes, condição *sine qua non* para a transmigração das almas, conforme considera Butterworth:

O fato de que havia muitos seguidores de Orígenes mesmo no século VI – foi a sua existência e influência que fez Justiniano tão ávido de assegurar a condenação de Orígenes – teria tornado necessário ser cauteloso. Havia

---

<sup>70</sup> ORIGEN, 1973, p. 74, nota 2.

<sup>71</sup> Orígenes teria declarado, de acordo com São Jerônimo, que: “Então ao final, para evitar a acusação de sustentar a doutrina Pitagórica da transmigração, depois da perversa discussão na qual ele tinha injuriado a alma de seu leitor, ele diz ‘Estes argumentos não devem, em nossa opinião, ser tomados como dogmas, mas como investigações e conjecturas, com a intenção de mostrar que os problemas não foram completamente ignorados.’” (JEROME. *Ep. ad Avitum*, 4 *apud* ORIGEN, 1973, p. 74, nota 2.)

<sup>72</sup> Deve ficar claro que nem todos os cristãos seguiam as doutrinas da Preexistência da alma, sua possível Transmigração (ORIGEN, 1973, p. xxxvii, p. 73-74, p. 145, p. 325. ) até a Salvação Universal (apocatástase) no juízo final que eram sustentadas pelo Pe. Orígenes de Alexandria (Alexandria, Egito c. 185 – Tiro c. 253), mas sim que seus inúmeros seguidores tiveram a liberdade de sustentar por três séculos uma linhagem dentro do cristianismo, o origenismo (DICIONÁRIO Patrístico, 2002, p. 1051.), que era oficialmente aceitável até 553 d.C., data da condenação dessas doutrinas de Orígenes no Concílio Constantinopla II, convocado arbitrariamente pelo Imperador Justiniano I, que destituiu e exilou o Papa Silvério, morto neste exílio “poucos meses depois de subnutrição” (DUFFY, 1998, p. 43.), num dos casos mais controversos e polêmicos de cesaropapismo, ou seja, de interferência do Estado na história da Igreja. O Papa Vigílio, indicado pelo Imperador, nem compareceu ao Concílio, inicialmente “alegando estar doente.” (DAVIS, 1990, p. 241.) “Apesar do convite do Imperador e dos Bispos, Vigílio não compareceu ao Concílio.” (*Ibidem*, p. 243)

<sup>73</sup> O Imperador Justiniano I destituiu e exilou o Papa Silvério, morto no exílio “poucos meses depois de subnutrição” (DUFFY, 1998, p. 43), num dos casos mais controversos e polêmicos de cesaropapismo, ou seja, de interferência do Estado na história da Igreja.

<sup>74</sup> O Papa Vigílio, indicado pelo Imperador Justiniano I, nem compareceu ao Concílio, inicialmente “alegando estar doente.” (DAVIS, 1990, p. 241) “Apesar do convite do Imperador e dos Bispos, Vigílio não compareceu ao Concílio.” (*Ibidem*, p. 243)

abundante material para condenação, de acordo com as ideias de Justiniano, sem a necessidade de pervertê-lo ou exagerá-lo.<sup>75</sup>

A supramencionada alegação das supostas interpolações heréticas que teriam sido feitas ainda em grego no texto do *Peri Archon* de Orígenes foi negada pelo próprio Jerônimo, conforme comenta Butterworth: “Jerônimo nega a afirmação de que as obras de Orígenes tenham sido corrompidas por heréticos; tanto Eusébio quanto Dídimo admitiram como certo que Orígenes sustentou os pontos de vista incriminados.”<sup>76</sup> Portanto, não há evidências de interpolações de heréticos, senão muito pelo contrário o que de fato há são evidências de interpolações e omissões de Rufinus de Aquileia nas suas traduções do *Peri Archon* para a versão latina ou *De Principiis*, a que Butterworth escolhe como exemplo a contradição entre o texto da obra *Defesa de Orígenes*, escrito por Pânfilo e Eusébio de Cesareia, onde Pânfilo cita em grego passagens do *Peri Archon* que foram deliberadamente omitidas<sup>77</sup> por Rufinus na sua tradução para o latim do *De Principiis*. Butterworth comenta que tal ponto “enfraquece consideravelmente a alegação de Rufinus de que o texto de Orígenes teria sido corrompido por heréticos; se alguma coisa sofreu alteração foi a teologia autorizada pela Igreja.”<sup>78</sup> Conforme Butterworth também comenta, Rufinus não podia acreditar que o texto grego do *Peri Archon* fosse autêntico pois sentia que seria impossível que um erudito como Orígenes pudesse divergir da teologia aceita no século IV, de modo que se autorizou subjetivamente a corrigir o texto onde ele acreditava que os heréticos haviam introduzido interpolações, “sem qualquer dúvida em total honestidade”<sup>79</sup>, como justifica a si mesmo no texto de sua autoria *A Corrupção das Obras de Orígenes*<sup>80</sup>, o qual anexou à sua tradução para o latim do *De Principiis* de Orígenes.

---

<sup>75</sup> ORIGEN, 1973, p. xlix.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. xliii.

<sup>77</sup> Conforme Butterworth comenta: “A declaração do próprio Orígenes, como Pânfilo o citou em grego, foi sobre a repercussão de que a obra do Pai abrange todo o universo, a obra do Filho se estende somente às criaturas racionais, e que a obra do Espírito [Santo] é confinada aos santos. O Filho é portanto ‘menos do que o Pai, e o Espírito [Santo] é ‘ainda menos’ do que o Filho. Não poderia ter sido por acidente ou por mero hábito de tradução livre que essas frases ofensivas foram evitadas; a omissão foi deliberada. Quando Pânfilo citou essa passagem de Orígenes, claramente não imaginou que ela poderia ser considerada herética.” (ORIGEN, 1973, p. xxxv – xxxvi)

<sup>78</sup> ORIGEN, 1973, p. xxxvi.

<sup>79</sup> *Ibidem*, p. xxxiv.

<sup>80</sup> RUFINUS. *Liber de adulteratione librorum Origenis*. Migne P.G. XVII 615, apud ORIGEN, 1973, p. xxxviii.

### Três Doutrinas Interdependentes:

Em resumo, tudo parece indicar que pelo menos três das criativas doutrinas de Orígenes são interdependentes, a saber (i) a preexistência da alma e sua eventual queda da condição angelical original, a sua (ii) transmigração que possibilita a expiação ou purificação progressiva, e finalmente o retorno à condição primordial chamada (iii) apocatástase ou Salvação Universal. O fato é que entre os autores e Dicionários citados há consenso somente quanto à (i) preexistência e (iii) apocatástase, não havendo consenso quanto à (ii) transmigração. Poder-se-ia ver, mas para tanto se necessitaria muito mais espaço do este trabalho se propõe, que aceitar (i) e (iii) sem aceitar (ii) enquanto necessário processo intermediário, criaria uma inconsistência lógica, porém Reale e Antiseri resumem magistralmente o essencial de Orígenes sobre a transmigração das almas, como segue:

Tal visão relaciona-se estreitamente com a concepção origeniana segundo a qual, no fim, todos os espíritos se purificarão, resgatando suas culpas, mas, para se purificarem inteiramente é necessário que sofram longa, gradual e progressiva expiação e correção, passando, portanto, por muitas reencarnações em mundos sucessivos.<sup>81</sup>

Tudo parece, pois, indicar que a doutrina de transmigração das almas sustentada por Orígenes é algo distinta da doutrina pitagórica particularmente na ideia dos mundos sucessivos<sup>82</sup>, mencionada acima por Reale e Antiseri, pois quando argumenta em seu *Comentário sobre Mateus* contrariamente à doutrina pitagórica<sup>83</sup> parece mais preocupado em evitar argumentos contrários à sua doutrina da apocatástase, mas que ele parece melhor conciliar com a transmigração em mundos sucessivos<sup>84</sup> levando à

---

<sup>81</sup> REALE & ANTISERI, 2003, v. 2, p. 46. Conforme também considera Orígenes: “Talvez, entretanto, ‘tristeza e trevas’ devam ser tomadas como significando esse corpo grosseiro e terreno, por meio do qual no fim deste mundo cada homem que terá de passar para outro mundo receberá o princípio de um novo nascimento.” (JEROME. *Ep. ad Avitum*, 7 *apud* ORIGEN, 1973, p. 145.) [*De Principiis*, II, 10, 3]

<sup>82</sup> “...sendo o fim deste mundo o início do mundo futuro.” (ORÍGENES, 2012, p.129. [*De Principiis*, II, 1, 3 ])

<sup>83</sup> Butterworth resume tal argumento de Orígenes: “Se tal transmigração pudesse ocorrer, ela poderia acontecer, por hipótese, como uma punição para o pecado. O que então poderia evitar que o processo prosseguisse infinitamente, destruindo a possibilidade do tempo quando ‘o céu e a terra passarão’ [*Mateus* XXIV: 35]?” (ORIGEN, 1973, p. xxxvii. Cf. ORIGEN. *Comm. In Matthaeum*, xiii *apud* BETTENSON, 1969, p. 199) No entanto, Orígenes recebeu anátema no Concílio Constantinopla II por sustentar que “a alma recebeu seu corpo como um resultado de pecados anteriores [doutrina da preexistência das almas], com o propósito de punição ou vingança.” (*Anátemas contra Orígenes. apud* ORIGEN, 1973, p. 126.)

<sup>84</sup> Conforme menciona Justiniano: “Então novamente uma segunda e uma terceira ou muitas outras vezes eles [seres racionais] são revestidos em diferentes corpos para punição. Pois é provável que diferentes mundos têm existido e existirão, alguns no passado e alguns no futuro” (*De Principiis* II, 8, 3, trecho

apocatástase no *De Principiis*, publicado aproximadamente “entre 219 e 230”<sup>85</sup> d.C. quando ele ainda era mais jovem e talvez mais ousado como também argumenta Butterworth:

É possível que a opinião de Orígenes tenha mudado ao longo dos anos intermediários. Ou ele pode ter sentido que mais cautela fosse necessária num comentário que circularia amplamente entre todas as classes de cristãos, do que num tratado [*De Principiis*] que refletia na maior parte as discussões entre ele e seus alunos na Escola Catequética.<sup>86</sup>

Assim Butterworth estaria justificando por que as alusões de Orígenes favoráveis à transmigração encontram-se no *De Principiis*. É sempre importante ter também em mente que a maioria das Homílias e Comentários remanescentes de Orígenes chegou a nossa época por meio das duvidosas traduções de Rufinus<sup>87</sup>. Além disso, quando Butterworth considera que “de um caráter diferente são os oito livros de *Contra Celso*.”<sup>88</sup>, obra publicada aproximadamente em 248 d.C.<sup>89</sup>, quando Orígenes já tinha 63 anos, tais possibilidades acima sugeridas por Butterworth parecem também aplicáveis à uma rápida passagem de *Contra Celso* onde Orígenes critica a fundamentação da metempsicose na dieta pitagórica e parece não asseverar “qualquer queda da alma ao nível de criaturas irracionais”<sup>90</sup>, concordando mais nesse ponto com a teosofia

---

reconstituído por Koetschau a partir da carta de Justiniano a Menas: JUSTINIAN, *Ep. ad Mennam* [Mansi 489 – 492] *apud* ORIGEN, 1973, p. 126) Também na Carta Pascal de Teófilo de Alexandria, traduzida por Jerônimo [*Ep.*, 96], Teófilo afirma: “Nenhum homem morre nova e novamente, como Orígenes ousou escrever, no seu desejo de estabelecer a mais ímpia doutrina dos Estoicos pela autoridade da escrituras divinas.” (ORIGEN, 1973, p. 83, nota 1)

<sup>85</sup> ORIGEN, 1973, p. xxix.

<sup>86</sup> ORIGEN, 1973, p. xxxvii – xxxviii.

<sup>87</sup> Butterworth considera que “até os seus sessenta anos, Orígenes não permitiria que suas homílias apresentadas extemporaneamente na Igreja fossem transcritas e publicadas. Mas quando ele então retirou sua proibição, e mais de duzentas foram [assim] preservadas, na maior parte por traduções em latim feitas por Rufinus.” (ORIGEN, 1973, p. xxv)

<sup>88</sup> ORIGEN, 1973, p. xxv.

<sup>89</sup> ORÍGENES, 2004, p. 19.

<sup>90</sup> ORIGEN. *Contra Celsum*, viii: 30. *apud* BETTENSON, 1969, p. 197. Cfe. ORÍGENES, 2004, p. 635.

neoplatônica de Jâmblico e Proclo<sup>91</sup>, pois naquela idade ele já havia sido condenado pelo menos duas vezes<sup>92</sup>.

Parece, pois, muito plausível a hipótese acima sugerida por Butterworth de que Orígenes, que, como foi visto acima, sustentava os distintos níveis histórico, alegórico e esotérico para a interpretação da escritura, tenha adotado um certo tipo de ensinamento interno para seus discípulos intencionalmente distinto do que ele divulgava ao público, como Butterworth sugere acima particularmente em relação ao caso do *Peri Archon* ou *De Principiis* de Orígenes para seus discípulos da Escola Catequética de Alexandria, o que também era próprio de uma época em que o exercício da liberdade de pensamento podia acabar em martírio, como aliás foi o seu caso. Dessa forma, poderia se explicar a natureza declaradamente velada de sua linguagem quando no *Contra Celso* parece declarar-se contrário à metempsicose, mas simultaneamente vela a sua opinião a respeito afirmando que “não devemos expor aos ouvidos profanos a doutrina sobre a entrada das almas no corpo”<sup>93</sup>, citando inclusive a Escritura: “É bom manter oculto o segredo do rei”<sup>94</sup>, e também que não se deve dar aos cães o que é santo, nem pérolas aos porcos<sup>95</sup>, concluindo o mesmo parágrafo com a utilidade da divisão dos níveis de interpretação da escritura e, nesse caso, da linguagem histórica ou nível literal da escritura para encobrir intencionalmente um significado mais interno: “Basta haver exposto, em forma histórica, o que, ao estilo de história, foi ocultamente dito, para que aqueles que sejam capazes elaborem para si mesmos o que o tema encerra.”<sup>96</sup>

### A Queda das Almas:

Orígenes sustentava no *Peri Archon* ou *De Principiis*, ainda segundo Reale e Antiseri, que as (i) almas preexistiam aos seus corpos, e assim foram criadas por Deus como

---

<sup>91</sup> Proclo prefere interpretar Platão alegoricamente na metempsicose incluindo animais Mito de Er [República, Livro X, § 614 b et seq.] afirmando que uma alma racional humana não poderia transmigrar para um corpo animal, mas que poderia assumir uma vida humana com característica bestial ou animal. (PROCLUS. *Commentaries on the Timeus*, V. 329 apud MEAD, 1966, p. 36-37) O mesmo era sustentado por Jâmblico (cfe. REALE, 1995, v. 4, p. 565, nota 23.), e pelas tendências da teosofia neoplatônica (cfe. ABBAGNANO, 1999, p. 954), que Reale prefere atribuir ao neoplatonismo tardio (cfe. REALE, 1995, v. 5, p. 254).

<sup>92</sup> Conforme comenta Butterworth: “[Antes de 231 d.C, o bispo] Demétrio convocou um sínodo de bispos egípcios que decidiram que não deveria mais ser permitido a Orígenes ensinar em Alexandria. Logo depois ele foi excomungado sem que se saiba em que bases, exceto que Jerônimo nos diz que não foram doutrinárias [...] – inveja foi o motivo para a condenação de Orígenes, e irregularidades eclesiásticas foram a escusa.” (ORIGEN, 1973, p. xxiv.)

<sup>93</sup> ORÍGENES, 2004, p. 412. [*Contra Celso*. V: 29]

<sup>94</sup> BÍBLIA, 1995, p. 742. [*Tobias XII: 7*]

<sup>95</sup> *Mateus VII: 6*.

<sup>96</sup> ORÍGENES, 1967, p. 356. [*Contra Celso*. V: 29]

seres racionais, livres e iguais entre si, mas pelo exercício do seu livre-arbítrio<sup>97</sup> algumas pecaram, e se afastaram de Deus, por um resfriamento de seu amor a Deus. Assim, caíram de seu estado espiritual original num processo de descenso que, no caso do mérito de um afastamento menor gerava os anjos<sup>98</sup>, e maior gerava os demônios. O estágio de afastamento intermediário gerava as almas dos homens: “Deus revestiu de corpos as almas que se afastaram parcialmente dele. Mas o corpo não é algo negativo [...]: ele é o instrumento<sup>99</sup> e o meio de expiação e purificação.”<sup>100</sup>

A doutrina da queda de algumas almas que pecaram, segundo o Orígenes, a partir do mau uso do seu livre-arbítrio, que obviamente depende de sua preexistência ao corpo, altera profundamente a interpretação de um pecado original herdado coletivamente pela condição humana a partir de Adão. Para Orígenes a questão do pecado não é hereditária, mas preserva a justiça divina ao se tornar individual, pois se a alma não pecar, não sofrerá a queda, mas permanecerá no céu<sup>101</sup> ou na condição de anjo, se tiver o mérito de ter pecado pouco, como foi visto acima, pois o corpo é necessário para a expiação dos pecados na medida em que existirem, pois Orígenes respeita profundamente o Princípio do Mérito pelas Obras, como comenta Butterworth: “O único motivo de Orígenes para atribuir a preexistência às almas foi defender a justiça de Deus.”<sup>102</sup>

O raciocínio de Orígenes de que a queda proporciona um corpo que é instrumento para a expiação dos pecados dá um sentido à vida corpórea, pois caso a ascensão para a perfeição pudesse ser feita sem corpo em alguma condição escatológica *post-mortem*, então quanto antes se morresse melhor seria ou mais rapidamente se poderia alcançar o céu.

---

<sup>97</sup> “Orígenes exaltou ao máximo o livre-arbítrio das criaturas em todos os níveis de sua existência.” (REALE & ANTISERI, 2003, v. 2, p. 46)

<sup>98</sup> “No processo das reencarnações, porém, deve-se destacar que, para as criaturas individualmente, pode-se verificar tanto um *progresso* como um *retrocesso*, ou seja, tanto a passagem de demônio a homem, a anjo ou vice-versa, antes que tudo retorne ao estado original.” (REALE & ANTISERI, 2003, v. 2, p. 46)

<sup>99</sup> Uma das mais clássicas alegorias da filosofia oriental talvez seja a do *Katha Upanishad* que compara o corpo físico com uma carruagem, ou seja, apenas um meio de transporte para a jornada do Ser que é comparado ao dono ou passageiro desta carruagem, como também é comentado por Zimmer (2012, p. 263 *et seq.*).

<sup>100</sup> REALE & ANTISERI, 2003, v. 2, p. 46.

<sup>101</sup> Conforme menciona Orígenes: “Nações inteiras de almas estão guardadas em algum lugar em certo reino próprio, com uma existência comparável à nossa vida corporal...” (NYSSA, Gregory of. *De Anima et Resurr.* [Migne, P.G. 44, , pp. 112 C- 113D] *apud* ORIGEN, 1973, p. 72) “...e enquanto uma alma continua a seguir o bem, ela não tem experiência de união com um corpo [i.e., não nasce num corpo]” ...” (NYSSA, Gregory of. *De Hom. Opificio.* c. 28 [Migne, P.G. 44, , p. 250] *apud* ORIGEN, 1973, p. 73 [*De Principiis* I, 8, 4])

<sup>102</sup> ORIGEN, 1973, p. xlv.

A ideia de Orígenes de ver o corpo como instrumento de expiação e purificação é também coerente com sua visão da Bondade de Deus. Entretanto, o Padre Orígenes parece ser um dos poucos cristãos, na época do Cristianismo Primitivo, que se preocupava em formular a hipótese da preexistência da alma para solucionar essas questões, que envolvem a justificação do problema do mal e do sofrimento humano em um universo gerado por um Deus Bondoso, afirmando:

Aqueles que sustentam que tudo neste mundo é governado pela providência de Deus, uma doutrina que é também parte de nossa fé, não podem dar outra resposta, segundo me parece, que provará ser a divina providência livre de toda suspeita de injustiça, senão dizer que havia certas causas preexistentes que conduziram essas almas, antes de terem nascido no corpo, a contrair algum grau de culpa em sua natureza sensitiva ou emocional, em consequência das quais a providência divina julgou-as merecedoras de suportar esses sofrimentos.<sup>103</sup>

Butterworth, apoiado na magistral reconstituição de Koetschau, cita diversos autores e fontes como a *Philocalia*, baseada em obras de Basílio e Gregório Nanziano, a carta de Justiniano I ao Patriarca Menas de Constantinopla, os quinze anátemas decretados contra Orígenes no Concílio Constantinopla II, e vários fragmentos de Antípatro de Bostra, Leôncio Bizantino, Teófilo de Alexandria, Epifânio, entre outros<sup>104</sup>, a carta de Jerônimo ao Imperador Ávito, bem como Gregório de Nissa comentando a questão da queda e ascensão segundo Orígenes:

Mas por certa inclinação em direção ao mal essas almas perdem as suas asas e vem para corpos, primeiramente de homens, então pela sua associação com as paixões irracionais, [...] quando a faculdade da razão se extingue, ela [a alma] vive a vida de um animal irracional; e finalmente mesmo o gracioso dom da sensação é retirado e ela torna para a vida insensível de uma planta. Dessa condição ela ascende novamente através dos mesmos estágios e é restabelecida ao seu lugar celestial.<sup>105</sup>

---

<sup>103</sup> ORIGEN, 1973, p. 228. [*De Principiis*. III, 3, 5] Cfe. ORÍGENES, 2012, p. 256.

<sup>104</sup> ORIGEN, 1973, p. xlviii – xlix.

<sup>105</sup> NYSSA, Gregory of. *De Anima et Resurr.* 112 C. *apud* ORIGEN, 1973, p. 73. [*De Principiis*. I, 8, 4] Apresenta semelhança à doutrina oriental de *pravritti* (arco ou senda de descenso, involução ou exteriorização) e *nivritti marga* (arco ou senda de retorno, evolução ou interiorização) esboçada por Zimmer, onde o espírito ou *purusha* é conduzido, inicialmente por instinto inconsciente, e

A mesma ideia expressa com outras palavras, constituindo assim poderosa evidência independente, foi afirmada por São Jerônimo<sup>106</sup> em sua carta ao Imperador Ávito (*Marcus Maecilius Flavius Eparchius Avitus*, 385 – 456 AD).

### **Memória, Reminiscência e Perfeição Final:**

Uma relevante teoria de Orígenes sobre a memória, sempre muito importante para qualquer autor de alguma forma influenciado pela doutrina platônica da Reminiscência, é plenamente coerente para justificar essa possível perda gradual da racionalidade e ‘sobreviveu’ sem ser censurada mesmo na tradução de Rufinus do livro I do *De Principiis*, como segue: “Para explicar essa degradação ou queda”<sup>107</sup>, Orígenes utiliza-se de uma comparação. Ele supõe que alguém tivesse adquirido pouco a pouco certa competência ou habilidade em algum campo de conhecimento como geometria ou medicina até chegar à perfeição, conservando tais conhecimento enquanto os utiliza e exercita sua ciência, “mas se não a exerce e se negligencia a prática, vai esquecendo e perdendo umas poucas coisas, e depois outras mais numerosas, e, desse modo, ao fim de muito tempo, tudo se vai no esquecimento e desaparece completamente da memória.”<sup>108</sup>, porém a conclusão do argumento que teria sido omitida por Rufinus foi reconstituída a por Koetschau a partir da carta de Jerônimo a Ávito, como segue: “É uma marca de extrema negligência e preguiça para qualquer alma descer e perder sua

---

progressivamente, conquistando a individualidade (*ahamkara*) a partir da condição humana, por seu próprio mérito ou *karma*, por meio de inúmeras metempsicoses pela roda do *samsara* através dos distintos reinos da natureza, ascendendo por todos os graus de inteligência (*manas*), até retornar ao Uno-sem-segundo ou *Brahman* por meio dos do atingimento de *Kaivalya* ou perfeição. (ZIMMER, 2012, p. 41, p. 53, p. 177, p. 224, p. 231, p. 234, p. 238, p. 263-4, p. 280, p. 374. Cfe. LINDEMANN & OLIVEIRA, 2011, p. 106-130. )

<sup>106</sup> “A seguinte passagem também convenceu-o [i.e. Orígenes] de crer na transmigração das almas e aniquilação dos corpos: Se qualquer um pode mostrar que a natureza incorpórea e racional, quando despojada de um corpo, pode viver por si mesma, e que está em uma condição pior quando revestida com um corpo, e numa melhor quando deixa o corpo à parte, então ninguém pode duvidar que os corpos não existiam no princípio, mas são agora criados em intervalos por causa dos diferentes momentos das criaturas racionais, a fim de fornecer um revestimento para elas quando necessário; e por outro lado, quando estas criaturas ascenderam da degradação de suas quedas para uma condição melhor, os corpos são dissolvidos em nada; e que essas mudanças continuam acontecendo para sempre.” (JEROME. *Ep. Ad Avitum*. 14 *apud* ORIGEN, 1973, p. 325, nota 1) Butterworth lembra que a última metade da citação equivale à do fragmento 40 selecionado por Koetschau da carta de Justiniano a Menas: “É necessário que a natureza dos corpos não seja primária, mas que ela é criada em intervalos por causa de certas quedas que ocorrem aos seres racionais, que vem a necessitar de corpos; e novamente, que quando sua restauração é perfeitamente alcançada esses corpos são dissolvidos em nada, portanto isso está acontecendo para sempre.” (JUSTINIAN. *Ep. Ad Mennam* [Mansi IX. 532] *apud* ORIGEN, 1973, p. 325) [*De Principiis*. IV, 4, 8]

<sup>107</sup> ORÍGENES, 2012, p. 94. [*De Principiis* I, 4, 1]

<sup>108</sup> *Ibidem*, p. 95. [*De Principiis* I, 4, 1]

própria natureza tão completamente para ser vinculado, como consequência de seus vícios, ao corpo grosseiro de um dos animais irracionais.”<sup>109</sup> Além disso, São Jerônimo também comenta que “Orígenes usava a Escada de Jacó para ensinar que criaturas racionais desciam gradualmente para o degrau mais baixo, a saber, para a carne e o sangue.”<sup>110</sup> Evidentemente, a mesma ideia da Escada de Jacó simboliza tanto o descenso quanto a ascensão, como foi visto anteriormente, e pode ser usada tanto para a queda das almas quanto para sua posterior ascensão ou restabelecimento ao seu lugar celestial primordial.

Entretanto, foi justamente a falta de sentido evolutivo, conforme também destacam Reale e Antiseri <sup>111</sup>, nesse mero retorno à condição primordial, indicando influencia estoica<sup>112</sup>, que chegou a ser considerada como o ponto fraco do sistema de Orígenes<sup>113</sup>, pois também parece faltar em Orígenes um processo evolutivo de desenvolvimento da alma racional quando sugere uma possível transmigração da alma para corpos de seres irracionais como foi visto acima, contrariamente ao que foi visto *en passant* na doutrina da teosofia neoplatônica de Jâmblico e Proclo.<sup>114</sup>

---

<sup>109</sup> JEROME. *Ep. Ad Avitum*, 3 *apud* ORIGEN, 1973, p. 41. [*De Principiis* I, 4, 1] Similarmente, se encontra na Carta de Justiniano a Menas, citando Orígenes: “Quando a alma cai se afastando do bem e se inclina em direção ao mal, se envolve mais e mais nisso. Então, a menos que retorne, vai se tornando bruta por sua loucura e bestial por sua iniquidade, sendo levada em direção às condições irracionais e, por assim dizer, de vida aquática. Então, condizente com o grau de sua queda no mal, é revestida com o corpo deste ou daquele animal irracional.” (JUSTINIAN, *Ep. Ad Mennam* [Mansi IX. 529] *apud* ORIGEN, 1973, p. 74 [*De Principiis* I, 8, 4]) Compare-se com Jerônimo citando Orígenes na Carta a Ávito: “No fim (i.e. do Livro I) ele argumenta em muito longa extensão que um anjo, ou uma alma humana, ou um demônio (todos os quais ele sustenta são de uma natureza única embora diversa em suas vontades) podem através de excessivamente grande descuido ser reduzido a uma condição de besta irracional; e tão logo tenha suportado a dor de suas punições e o tormento do fogo eles podem escolher tornar-se criaturas mudas e habitar nos mares ou rios ou tomar o corpo deste ou daquele animal; de modo que nós temos de temer não somente assumir os corpos de quadrúpedes, mas mesmo de peixes.” (JEROME. *Ep. Ad Avitum*, 4 *apud* ORIGEN, 1973, p. 74, nota 2. [*De Principiis* I, 8, 4])

<sup>110</sup> JEROME. *Con. Joh. Hieros.*, 19 *apud* ORIGEN, 1973, p. 41, nota 2.

<sup>111</sup> “No processo das reencarnações, porém, deve-se destacar que, para as criaturas individualmente, pode-se verificar tanto um *progresso* como um *retrocesso*, ou seja, tanto a passagem de demônio a homem, a anjo ou vice-versa, antes que tudo retorne ao estado original.” (REALE & ANTISERI, 2003, v. 2, p. 46)

<sup>112</sup> “Orígenes reelabora em chave cristã a doutrina de origem estoica da recapitulação final do cosmo. No fim tudo será exatamente igual ao princípio, e Deus será tudo em todos: essa concepção implica a redenção final de toda criatura (também dos demônios e dos danados).” (REALE & ANTISERI, 2003, v. 2, p. 46)

<sup>113</sup> ORIGEN, 1973, p. lviii.

<sup>114</sup> Proclo (412 - 485), o último grande filósofo neoplatônico grego e sucessor na Academia, “em seu *Comentário sobre o Timeu* diz: ‘É usual inquerir como almas humanas podem descer para animais irracionais. E alguns de fato pensam que há certas semelhanças dos homens com as bestas, que chamam de vidas selvagens; pois de nenhuma maneira pensam ser possível que a essência racional possa tornar-se a alma de um animal selvagem. [...] Nós acrescentamos que, em sua *República*, ele [Platão] diz que a alma de Tersites assumiu um macaco, mas não o corpo de um macaco; e no *Fedro*, que a alma desce a uma vida selvagem, mas não a um corpo selvagem. Pois a vida é unida com sua própria alma. E nessa

Por outro lado, Orígenes parece muito próximo de um sentido evolutivo quando dá indícios de estabelecer uma meta final a ser conquistada pelo homem, coerente como o Princípio da Semelhança e do Mérito pelas Obras, como foi visto, pois Orígenes considera que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus<sup>115</sup> com o propósito de que

deve adquiri-la [a perfeição da semelhança de Deus] por si mesmo a partir de seus próprios encarecidos esforços para imitar Deus, de modo que enquanto a possibilidade de atingir a perfeição<sup>116</sup> lhe foi dada no princípio pela honra da ‘imagem’, ele deva no fim, pelo cumprimento destas obras, obter por si mesmo a perfeita ‘semelhança’<sup>117</sup>

Entretanto, é justamente a sua doutrina da transmigração que oferece tempo infinito para o crescimento de qualquer alma até a perfeição, conforme São Paulo também exorta: “Até que alcancemos todos nós a unidade da fê e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de Homem Perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo.”<sup>118</sup>

### **Conclusão:**

Este trabalho pretende ter evidenciado que a doutrina da Reencarnação podia ser encontrada na obra do Pe. Orígenes de Alexandria, particularmente em seu livro *Peri Archon (De Principiis)*, a partir de sua versão reconstituída por Koetschau, com base principalmente na própria correspondência do Imperador e na ata do Concílio Constantatinopla II em 553 d.C. que condenou o livro, caracterizando a presença desta

---

passagem ele diz que é transformado numa natureza bestial. Pois uma natureza bestial não é um corpo bestial, mas uma vida bestial.” (PROCLUS. *Commentaries on the Timeus*, V. 329 *apud* MEAD, 1966, p. 36-37) O mesmo era sustentado por Jâmblico (cfe. REALE, 1995, v. 4, p. 565, nota 23), e pelas tendências da teosofia neoplatônica ( cfe. ABBAGNANO, 1999, p. 954), que Reale prefere atribuir ao neoplatonismo tardio (cfe. REALE, 1995, v. 5, p. 254).

<sup>115</sup> BÍBLIA, 1969, VT p. 2. [*Gênesis* I: 26]

<sup>116</sup> Dessa forma, Orígenes responde a uma das faces do problema do mal, como o expressou Comte-Sponville: “Se formos à imagem e semelhança de Deus, então, os incontáveis defeitos humanos são boa razão para pensar que um Deus perfeito não pode existir.” (Paráfrase de COMTE-SPONVILLE, André. *L'esprit de l'athéisme – Introduction à une spiritualité sans Dieu*. Paris: Albin Michel, 2006, p. 139 *apud* PORTUGAL & COSTA, 2010, p. 136) O homem, segundo Orígenes, recebeu a imagem de Deus enquanto possibilidade de atingir a perfeição, mas necessitaria ainda evoluir ou conquistar a semelhança por seus próprios méritos, sempre no pleno exercício de seu livre-arbítrio, como foi visto acima.

<sup>117</sup> ORIGEN, 1973, p. 245. [*De Principiis* III, 6, 1] Cfe. também ORÍGENES, 2012, p. 274.

<sup>118</sup> BÍBLIA, 1995, p. 2201. [*Efésios* IV: 13]

doutrina no Século III, ainda considerado período do Cristianismo Primitivo. [Maiores detalhes podem ser obtidos em minha Dissertação de Mestrado. (LINDEMANN, 2014)]

## REFERÊNCIAS:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 2. ed.

BETTENSON, Henry. *The Early Christian Fathers*. London: Oxford University Press, 1969.

DAVIS, Leo Donald. S.J. *The First Seven Ecumenical Councils (325 - 787); Their History and Theology*. Collegeville, USA: The Liturgical Press, 1990. DICIONÁRIO de Filosofia de Cambridge. São Paulo: Paulus, 2011. 2. ed.

DICIONÁRIO Patrístico e de Antigüidades Cristãs. Petrópolis: Vozes, 2002.

DUFFY, Eamon. *Santos e Pecadores: história dos papas*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

JAEGER, Werner. *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*. Lisboa: Edições 70, 2002.

\_\_\_\_\_. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LINDEMANN, Ricardo. *Reconciliação do Platonismo com o Cristianismo na Relação Mestre e Discípulo: uma análise a partir de Migalhas Filosóficas e Kierkegaard*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2014. [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16594/1/2014\\_RicardoLindemann.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16594/1/2014_RicardoLindemann.pdf)

LINDEMANN, Ricardo & OLIVEIRA, Pedro. *A Tradição-Sabedoria: uma introdução ao estudo comparado de filosofia oriental e ocidental*. Brasília: Teosófica, 2011. 5. ed.

MEAD, G.R.S. *Plotinus*. Mokolunne Hill, CA, USA: Health Research Unusual Books, 1966. [Republishing TAYLOR, Thomas. *Select Works of Plotinus*. 1895]

ORIGEN. *On The First Principles*. [Koetschau's text of *De Principiis*] 1<sup>st</sup> Introduction by Henry de Lubac. 2<sup>nd</sup> Introduction and Translation by G.W. Butterworth [Former Edition: New York, Harper & Row, 1966] Gloucester, MA, USA: Peter Smith Pub. Inc., 1973. [ISBN: 0-8446-2685-6]

ORÍGENES. *Contra Celso*. Trad. Orlando dos Reis. São Paulo: Paulus, 2004. (Coleção Patrística; 20)

\_\_\_\_\_. *Tratado sobre os Princípios*. Introd. Bento Silva Santos. Trad. João Eduardo Pinto Basto Lupi. São Paulo: Paulus, 2012. (Coleção Patrística; 30)

\_\_\_\_\_. *Contra Celso*. Trad. Daniel Ruiz Bueno. Madrid: Editorial Católica, 1967.

PLATÃO. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2010. 12. ed.

\_\_\_\_\_. *A República [de]*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo, Perspectiva: 2012. 1. ed. 2. reimp.

\_\_\_\_\_. *Diálogos: A República*. Trad. Leonel Vallandro. [Direitos cedidos por Editora Globo S.A.] Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 24. ed.

\_\_\_\_\_. *Mênon*. Trad. Maura Iglésias. [Texto grego estabelecido por John Burnet.] Rio de Janeiro: PUC-Rio / Loyola, 2001.

REALE, G. & ANTISERI, D. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 2003.

REALE, G. *História da Filosofia Antiga*. São Paulo: Loyola, 1995. [obra completa] 5v.

## FRATERNIDADE: DO IDEAL À PRAXIS. LINHA MESTRA FUNDAMENTAL NA TEOSOFIA ANTIGA E MODERNA.

Otavio Ernesto Marchesini (UniCuritiba/UniBrasil)<sup>119</sup>

### Resumo

O valor da fraternidade, como estertor ético da vida social e instrumento condutor para a experiência espiritual, é tema de investigação no presente trabalho, que busca aportes em fundamentos apresentados nas escolas teosóficas da antiguidade e da modernidade. Será procedido um cotejo analítico entre as ideias apresentadas por Plotino, e, posteriormente, por Blavatsky, a partir do que alhures se produziu ao longo da História Ocidental, a fim de se perceber a recorrente temática da fraternidade, que encontra laços no preceito da unidade da vida.

Com efeito, o pensamento ocidental acerca da temática, discorre, com Plotino, acerca da origem da multiplicidade a partir do Uno, em face do qual sempre retorna, sem nunca ter, em si, perdido sua conotação essencial de singularidade. Outrossim, a partir de Blavatsky, e da fundação da chamada Sociedade Teosófica Moderna, eclode, ou melhor, reeclode, a constatação de que por detrás da aparente multiplicidade fenomênica, subjaz, no seio da realidade, a unidade numênica, donde tudo provém. Respectivamente, as Enéadas e a Doutrina Secreta, são mote e manancial para a pesquisa, que se concentra nas proposições fundamentais percorridas por Blavatsky, especialmente à vista da identidade fundamental de todas as almas com a grande alma cósmica.

Em complemento, a partir da aproximação do perene ideal – que perdura ao longo dos séculos na racionalidade e consciência ocidental – busca-se expor que a fraternidade soa como a exortar um viver prático, na vida cotidiana do ser humano. Daí o trabalho dos antigos *Philaletheus*, que buscavam estabelecer um viver puro e ético, com respeito a todos os demais, conquanto, no mais, a literatura teosófica moderna tenha trazido ao Ocidente o convite à purificação vivencial com a tônica de A Voz do Silêncio.

**Palavras Chave:** Fraternidade. Unidade da Vida. Purificação do Viver. Teosofia Antiga e Moderna.

### Abstract

The value of fraternity, as an ethical throes of social life and guiding tool for spiritual experience, is the subject of research in this work, which seeks contributions on pleas in ancient and modern theosophical schools. It will be carried an analytical comparison between the ideas presented by Plotinus, and later by Blavatsky, from what elsewhere is produced throughout Western history, in order to realize the recurring theme of fraternity which finds links in the drive precept of life.

Indeed, Western thought about the theme, talks with Plotinus, about the origin of the multiplicity from the One, in the face of which always returns without ever having itself lost its essential connotation of singularity. Furthermore, from Blavatsky, and the founding of the Theosophical Society called Modern, breaks, or rather reeclode, the realization that behind the apparent phenomenal multiplicity, underlying, within the reality, the noumenal unity, where everything comes from. Respectively, the Enneads and the Secret Doctrine are mote and source for research, which focuses on the

---

<sup>119</sup> Especialista em Teoria Geral do Direito, com ênfase no Direito Internacional dos Direitos Humanos, pela UNIBRASIL. Bacharel em Direito pela UNICURITIBA. Atua como livre pesquisador no âmbito da Sociedade Teosófica, dedicando suas pesquisas às causas do aprisionamento da consciência humana e aos meios para obtenção de libertação. Contatos: otaviomarchesini@hotmail.com.

fundamental propositions elaborated upon by Blavatsky, especially in view of the fundamental identity of all souls with the great cosmic soul.

In addition, from the approach of the perennial ideal - that lasts for centuries in rationality and Western consciousness - seek to expose that fraternity sounds like to urge one to live practical in everyday human life. Hence the work of the former *Philaletheus*, who sought to establish a live pure and ethical, with respect to all the others, although, in more modern theosophical literature has brought to the West the call experiential purification with the tone of The Voice of Silence.

**Keywords:** Brotherhood. Unity of Life. Living Purification. Theosophy Ancient and Modern.

## **Teosofia Antiga E Moderna. O Itinerário De Um Movimento Espiritual, De Plotino A Blavatsky E A Sociedade Teosófica.**

Em que pese fundada em 1875, a Sociedade Teosófica sedimenta e consagra a expressão moderna de antigas escolas de sabedoria, cuja atuação no cerne social - permeando a humanidade -, remonta a priscas eras, acompanhando o mundo conhecido desde a noite dos tempos. Em *A Chave para a Teosofia*, Blavatsky destaca tal fato, aduzindo que:

Se for dado algum crédito a Diógenes Laertius, sua origem é muito anterior, pois ele atribuiu o Sistema a um sacerdote egípcio, Pot-Amun, que viveu nos primeiros dias da Dinastia Ptolomaica. O mesmo autor nos diz que é um nome copto, e significa “consagrado a Amun, Deus da Sabedoria”. Teosofia é o equivalente a *Brahma-Vidya*, conhecimento divino.<sup>120</sup>

Naquilo que nos é dado a conhecer, a partir das premissas historiográficas, tem-se que Pitágoras fundou e manteve uma escola com tais matizes, após pespegar aportes da Tradição-Sabedoria na Índia, em contatos com Buda, seu contemporâneo. Subsequentemente, Platão passa a ser depositário deste conhecimento, que se lhe acorre através de livros obtidos junto a Filolau, discípulo de Pitágoras. Ainda que a Academia de Platão tenha sido fechada, os ensinamentos lá outrora disseminados ressurgem na Antiguidade, em Alexandria, com Amônio Saccas, sendo posteriormente mantidos com os discípulos Plotino, Porfírio e Proclo, dentre outros, conhecidos, doravante, como neoplatônicos. A propósito, ressalta Blavatsky:

Filósofos alexandrinos, conhecidos como os que amam a verdade, *Philaetheus*, de (*phil*) “aquele que ama” e (*aletheia*), “verdade”. O nome Teosofia data do terceiro século de nossa era, e foi introduzido por Amônio Saccas e seus discípulos, os quais iniciaram o Sistema Teosófico Eclético.<sup>121</sup>

No que toca aos propósitos daquela antiga escola, ou, do Sistema Teosófico Eclético, Blavatsky aduz:

Em primeiro lugar, inculcar certas grandes verdades morais em seus discípulos, e em todos aqueles que “amam a verdade”. Daí o lema adotado pela Sociedade

---

<sup>120</sup> BLAVATSKY, Helena Petrovna. *A Chave para a Teosofia*, Brasília: Editora Teosófica, 2004, p. 14.

<sup>121</sup> *Ibidem*, p. 13.

Teosófica: “Não Há Religião Superior à Verdade”. O objetivo principal dos fundadores da Escola Teosófica Eclética era um dos três objetivos de sua sucessora moderna, a Sociedade Teosófica, ou seja, reconciliar todas as religiões, seitas e nações sob um sistema de ética comum, baseado em verdades eternas.<sup>122</sup>

Mais ainda:

Os antigos teósofos afirmam, assim como fazem os modernos, que o infinito não pode ser conhecido pelo finito – ou seja, percebido pelo finito – mas que a essência divina podia ser comunicada ao Eu superior espiritual em um estado de êxtase.<sup>123</sup>

Ao se referir àquele antigo Sistema Teosófico Eclético, Blavatsky faz referências às lições deixadas por Plotino, destacando o seguinte:

O verdadeiro êxtase foi definido por Plotino como “a liberação da mente de sua consciência finita, tornando-se una e identificada com o infinito”. Essa é a condição mais elevada.<sup>124</sup>

O próprio Plotino, em suas *Enéadas*, alude aos propósitos da Alma Humana, no afã de se restabelecer no âmbito da Alma Cósmica, afirmando:

Quanto às belezas mais elevadas, que não podem ser percebidas pelos sentidos, mas que são vistas pela Alma e a respeito das quais ela se pronuncia sem o auxílio dos órgãos dos sentidos, para contemplá-las temos de nos elevar ainda mais, abandonando os sentidos embaixo. Assim como aqueles que nasceram cegos não podem falar a respeito das belezas sensíveis, assim também não é possível se falar a respeito da beleza das condutas, das ciências e de outras coisas semelhantes sem ter antes se interessado por essas questões, nem é possível falar a respeito do esplendor da virtude sem antes ter contemplado a bela face da justiça e da temperança, “cuja beleza é maior que a da aurora e a do crepúsculo”.<sup>125</sup>

---

<sup>122</sup> *Ibidem*, p. 14.

<sup>123</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>124</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>125</sup> PLOTINO. *Tratado das Enéadas. Enéada I*, 6. São Paulo: Editora Polar, 2007, p. 25.

Percebe-se, pois, que o ideário de libertação da consciência, através de um concitar à percepção da Verdade, passível, eventualmente, de realização, mediante transformação associada à motivação do viver, é tema recorrente ao longo das eras, ensejando o surgir e ressurgir de escolas que se o preconizam à humanidade, aparecendo, desaparecendo e voltando a aparecer, inclusive sob a denominação de Sociedade Teosófica, fomentando um movimento espiritual, focado na ascensão do humano à fonte divina de que proveio.

### **A contextualização do ideário teosófico antigo e moderno baseado na fraternidade.**

Expostas as linhas que convergem para o surgimento da moderna Sociedade Teosófica, que vem ao mundo não como detentora da Sabedoria, mas antes como mera depositária do Saber legado à Humanidade ao longo do tempo, cumpre verificar a possível existência de uma base comum, que campeia e campeou a difusão da Verdade em meio à sociedade.

Nesta toada, de se aduzir que entre os antigos *Philaleteus*, a possibilidade de apreensão perceptiva da Verdade se lhes demandava um buscar do imarcescível por meio de uma transformação dos apetites pessoais, o que poderia redundar na experiência mística de contato com o Mistério, através da meditação. Aludida transformação implicava em levar o Ser Humano para além de mero contato intelectual com os conceitos que expressam a Verdade, mas, antes, por meio de uma construção, em si, de espacialidade e ambiente passível de contemplar e ver o Real, desde o próprio vidente.<sup>126</sup> Este transformar de si perpassa a motivação existencial do ser, com um (re) perceber da unidade da vida e, por corolário, com o expressar deste (re) percebimento, através de um viver fraterno, dada a identidade fundamental e última de todas as almas, com a grande Alma Cósmica Universal.

Lado outro, tem-se a considerar que a fundação da moderna Sociedade Teosófica não se deu com propósito maior, que não o de fomentar a construção de uma percepção consciente de um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, o que vem ressaltado no seu primeiro objetivo. Referida premissa basilar é destacada nas considerações apresentadas por Cranston, assim:

O movimento teosófico tem três objetivos... São os seguintes: 1. Formar o núcleo de uma fraternidade universal da humanidade, sem distinção de raça,

---

<sup>126</sup> Em *A Chave para a Teosofia*, Blavatsky ressalta: “Amônio Saccas...tornou-se neoplatônico; e assim como Jacob Boehme e outros grandes videntes e místicos, diz-se que obteve a sabedoria divina por revelação em sonhos e visões. Daí chamarem-se *Theodidaktos*...” (*apud*, p. 15).

credo, sexo, casta ou cor; 2. O estudo de religiões, filosofia e ciências antigas e modernas e a demonstração da importância de tal estudo; e 3. A investigação das leis inexplicadas da natureza e dos poderes psíquicos latentes no homem.<sup>127</sup>

Quanto à importância insuplantável do primeiro destes objetivos, é ainda explicitado que:

Para o ingresso na S.T. era exigida apenas a concordância com o primeiro objetivo. Não era necessário acreditar em carma, reencarnação, existência dos Mestres, ou qualquer outro ensinamento.<sup>128</sup>

Demais disso, Cranston alude às reflexões apresentadas por Blavatsky, destacando o teor da carta aberta de Blavatsky aos teosofistas, datada de 1888, assim posta:

Os teosofistas são necessariamente amigos de todos os movimentos pelo melhoramento das condições da humanidade, sejam eles intelectuais ou simplesmente práticos... A função do teosofista é abrir os corações e as mentes dos homens para a caridade, a justiça e a generosidade, atributos que pertencem especificamente ao reino humano e são naturais no homem, quando ele já tem desenvolvidas as qualidades do ser humano. A teosofia ensina o homem-animal a ser um homem-humano; e quando as pessoas tiverem aprendido a pensar e a sentir da forma como verdadeiros seres humanos devem sentir e pensar, elas agirão humanitariamente, e trabalhos de caridade, justiça e generosidade serão feitos espontaneamente por todos.<sup>129</sup>

À vista destes pontos de convergência, sigamos, pois, analisando o material que explicita os propósitos apresentados pelo movimento teosófico ao longo do tempo, tanto na antiguidade, com os escritos de Plotino, como na modernidade, com Blavatsky, em *A Doutrina Secreta*.

### **As Enéadas de Plotino. Constructo expressivo da inferência teosófica.**

Apesar de ter reservado seus ensinamentos a uma prática de oralidade, diretamente a seus discípulos, sob o manto do sigilo (próprio do esoterismo), o correlato teor das

---

<sup>127</sup> CRANSTON, Sylvia. *Helena Blavatsky. A Vida e a Influência Extraordinária da Fundadora do Movimento Teosófico Moderno*. Brasília: Editora Teosófica, 1997, pp. 170-171.

<sup>128</sup> *Ibidem*, p. 171.

<sup>129</sup> CRANSTON, Sylvia. *Helena Blavatsky. A Vida e a Influência Extraordinária da Fundadora do Movimento Teosófico Moderno*. Brasília: Editora Teosófica, 1997, p. 170.

respectivas lições de sabedoria foi dado a um conhecer do mundo, através de Porfírio, que o sistematizou em seis grupos com nove tratados cada qual, formando assim, as decantadas *Enéadas*, constituídas, pois, de 54 (cinquenta e quatro) tratados.

Naquilo que ora se nos interessa, há que se considerar o que foi explicitado por Plotino, acerca de sua percepção cosmogônica, cumprindo ressaltar sua perene percepção do Uno, que enseja o Belo (ou o Bem) no próprio âmbito do Mundo Inteligível (sem, portanto, qualquer dualidade), donde, todavia, há expressão da Inteligência, por meio da qual se emana a Alma Universal, e, desta, as diversas Almas que compõem o cosmos. Indica Plotino, na construção de sua percepção, o seguinte:

Então, precisamos subir de novo em direção ao Bem, para o qual tende o desejo de todas as Almas. Quem quer que o tenha visto sabe o que quero dizer quando digo que ele é belo. Como Bem, ele é desejado e o desejo tende para ele; mas só o alcançam aqueles que se elevam à região superior e se despojam das vestes que colocaram em sua descida... até que, tendo abandonado nessa subida tudo o que é estranho a Deus, vejam, sozinhos, em seu isolamento, simplicidade e pureza o Ser do qual tudo depende, para o qual todos os olhares se dirigem, do qual provêm o ser, a vida e o pensamento, pois ele é a causa da Vida, da Inteligência e do Ser.<sup>130</sup>

Após o caminho da manifestação, Plotino resalta acerca do famoso voo do solitário para o Solitário<sup>131</sup>, destacando um possível plano com três vias de ascensão: dialética, estética e ética, a última das quais baseada no ideal de um viver altruísta, lastreado pela efetivação da fraternidade, que leva à percepção inequívoca da unidade da vida, por meio de uma profunda contemplação.

Com efeito, Plotino sugere e discorre acerca do agir contemplativo do Bom, do Bem, do Belo, ressaltando, todavia, a necessidade de que possamos abrir os olhos que veem, construindo a virtude em nosso ser, capacitando-o para a percepção do Ser, assim:

Então, começa para a Alma a maior de todas as lutas: ela emprega todo o seu esforço para não ser privada desta alta contemplação. Quem a vence é conduzido ao êxtase da contemplação da mais bela das visões; mas quem não a

---

<sup>130</sup> PLOTINO. *Tratados das Enéadas*, *Enéada I*, 6. São Paulo: Editora Polar, 2007, p. 30.

<sup>131</sup> Vide a descrição da experiência mística contida na última parte da *Enéada VI*, 9, intitulada *Sobre o Bem ou o Uno*, assim concluída: “Esta é a vida dos deuses e dos homens divinos e bem-aventurados: ser livre em relação às coisas deste mundo; viver sem se deleitar nas coisas terrenas; fugir, na solidão, ao Solitário.

vence é o verdadeiro infeliz...o infeliz é quem não encontrou o Belo, e apenas ele. Para obtê-lo é preciso renunciar aos reinos e à dominação da terra, do mar e do céu, uma vez que só abandonando e desprezando estas coisas é possível voltar-se para ele e vê-lo.<sup>132</sup>

Mas, o que temos que fazer para chegar a isso? Qual é o caminho para alcançá-lo? Como poderemos ver essa Beleza imensa que permanece, por assim dizer, no interior do santuário e não se dirige para fora para ser vista pelo profano? Tais indagações são feitas pelo próprio Plotino, que as responde:

Volta o teu olhar para ti mesmo e olha. Se ainda não vires a beleza em ti, faz como o escultor de uma estátua que tem que ser tornada bela. Ela talha aqui, lixa ali, lustra acolá, torna um traço mais fino, outro mais definido, até dar à sua estátua uma bela face... até que o esplendor divino da virtude se manifeste em ti, até que vejas a disciplina moral estabelecida num trono santo.<sup>133</sup>

Aludida percepção pode ser alcançada por cada qual dos seres humanos, conquanto seja, em si, o próprio poder latente que repousa no âmago da consciência, prestes a despertar, forjada pela unicidade indelével entre todas as Almas com a grande Alma Universal, aspecto que, *per se*, explicita o fundamento último (quiçá desvela a base fundante inicial), da fraternidade.

Tem-se, portanto, que a filosofia plotiniana dá ensanchas à Fraternidade Universal da Humanidade, ao decantar a unidade da vida como singular premissa ética, que cimenta e baliza uma realidade que, embora multifacetada, encontra pontos de fomento orgânico indissociável, conquanto, no mais, demonstre uma vindoura senda de realização, como promessa de reencontro do ser com o Ser, ou, da alma humana com a Alma Cósmica, que sempre se lhe foi intrínseca.

As passagens aqui expostas, extraídas do pensamento de Plotino, bem demonstram que o filósofo neoplatônico sedimenta o ideário teosófico com maestria, explicitando a possibilidade de um (re) percebimento da origem divina da Alma Humana, com unificação para além de uma atividade contemplativa, mas por meio desta, em um viver inegoístico, desapegado dos reclamos sensíveis.

---

<sup>132</sup> PLOTINO. *Tratados das Enéadas*. *Enéada I*, 6. São Paulo: Editora Polar, 2007, pp. 31-32.

<sup>133</sup> *Ibidem*, p. 33.

### **A Doutrina Secreta. Proposições fundamentais para percepção do Real.**

Similarmente àquilo exposto por Plotino, Blavatsky discorre acerca da cosmogênese em *A Doutrina Secreta*. Para fazê-lo, ressalta acerca de três proposições fundamentais, que devem perdurar como um pano de fundo na mente do estudante que busca compreender o tema em questão. De modo sintético, referidas proposições tratam do seguinte:

- I) a existência de um princípio Onipresente, Sem Limites e Imutável, sobre o qual toda especulação é impossível, porque transcende o poder da concepção humana e porque toda a expressão ou comparação da mente humana não poderia senão diminuí-lo...; II) a universalidade absoluta da lei de periodicidade, de fluxo e refluxo, de crescimento e decadência, que a ciência física tem observado e registrado em todos os departamentos da Natureza...; III) a identidade fundamental de todas as Almas, com a Alma Suprema Universal e a peregrinação obrigatória para todas as Almas, centelhas daquela Alma Suprema, através do Ciclo de Encarnação, ou de Necessidade...<sup>134</sup>

Percebe-se, que, como nos ensinamentos dos antigos, também no âmbito da moderna Sociedade Teosófica, preconiza-se um sistema cosmogônico que enseja manifestação e recolhimento, em face do que subjaz a Realidade Imutável e Eterna, por detrás dos véus da temporalidade e expressão, bem como de uma manifestação através da Alma Suprema Universal, donde eclodem todas as Almas, que para aquela retornam.

Destarte, tem-se que a tônica matriz da Fraternidade Universal da Humanidade também se faz presente na escola teosófica moderna, mantendo mesmo alinhamento perceptivo outrora expressado por Plotino, agora *ex vi* da ideia contida na assim indicada terceira proposição fundamental de *A Doutrina Secreta*. Com efeito, ladeando àquela construção cosmogônica atinente ao Real e ao movimento de expressão e recolhimento, tem-se a inefável constatação de que o Pensamento Divino dorme na Alma Cósmica Universal, bem como de que todas as Almas guardam identidade última e fundamental com aquela Alma Suprema.

Aduzindo que a Realidade Una possibilita a efetiva manifestação da Vida por meio instrumental de uma expressão trina do Logos, Blavatsky enaltece a ideia de que

---

<sup>134</sup> BLAVATSKY, Helena Petrovna. *A Doutrina Secreta*. São Paulo: Editora Pensamento, 2008, pp. 81 e 84.

perdura uma identidade fundamental entre todas as aparentes Almas com *Alaya*, aquela que é a Alma Cósmica Universal, sendo, as almas múltiplas, fragmentos, raios cósmicos, fagulhas ou chispas do grande fogo que pulsa no coração do Universo.

Inequívoca, soa, pois, a similitude do ensinamento preconizado tanto na escola teosófica antiga, como na Sociedade Teosófica Moderna, notadamente naquilo que versa acerca da Unidade da Vida e na fragmentação da Grande Alma em múltiplas expressões facetadas da Realidade, conquanto a aparente diversidade das almas seja fomento para o paulatino (re) perceber e realizar da Unidade, através de uma fusão dissolutiva (ou, quiçá, melhor expressado, por meio de uma transcendência consciencial), que embasa a tônica essencial da Fraternidade Universal da Humanidade, centrada na percepção da unidade comum de todos os Seres e sua idêntica filiação divina.

Demais disso, tem-se que a tópica dissolutiva (ou, como também antes ressaltado no contraponto expositivo desta constatação: a transcendência que expande a consciência da parte para a percepção viva da Unidade), é similar, tanto na exposição procedida no Pensamento Teosófico Antigo, como no Pensamento Teosófico Moderno, ambos ressaltando a existência de uma senda de regresso, do múltiplo ao Uno, percorrida por meio da renúncia aos interesses pessoais e às buscas de ganhos individuais, ao revés do egoísmo, mas por meio do paulatino desenvolvimento das virtudes que levam à excelência do pleno desenvolvimento do altruísmo.

O aprender acerca da Realidade e o apreender a Realidade, mediante percepção direta, através da purificação do ser que busca tal apreensão, é tema tratado no Pensamento Teosófico de antanho, mas também do presente, o que demonstra que, independentemente de tempo, de local e de características próprias sociais, a Sabedoria é permanente, e como tal se apresentou e voltou a se apresentar àqueles que buscam com ela ter contato.

### **Para Além Da Inferição Intelectual, A Prática De Um Viver Fraterno Como Mote Instrumental Da Ascese.**

Segundo aquilo que vem sendo preconizado ao longo do tempo, tanto na escola teosófica antiga, como na moderna, a percepção do Real, por detrás dos véus fenomênicos da realidade sensível, é passível de alcance não pelo exercício intelectual da razão humana, mas, quiçá, pelo alçar do Ser Humano à essência que em si subjaz, de modo perene e imortal. Há, com efeito, uma indelével distinção realizada quanto ao âmbito da informação e mesmo do conhecimento, em face do alcance da verdadeira

Sabedoria, que, como tal, implica em uma busca vivencial dos conceitos apreendidos acerca da Realidade, concitando, por corolário, uma transformação do buscador.

Nesta linha, tem-se que a experiência vívida da fraternidade acaba por se tornar um convite para o encontro do ser no tempo com o Ser Eterno, soando como mote instrumental do místico que percebe o Belo plotiniano ou o Absoluto de que fala Blavatsky, mesmo em meio às agruras associadas à sobrevivência; o que se desvela claro - às raias de uma luz solar -, a partir do momento em que a própria sobrevivência deixa de conduzir o interesse humano, mas, antes, passa a ser percebida como oportunidade para pura expressão da Vida, em meio a todos os que guarnecem o constante convite a (re) despertar de um sono atávico para a iluminação que realça à consciência a percepção que a identifica com sua fonte, para além de qualquer exegese.

Plotino e Blavatsky trataram do tema, demonstrando que o ideal da Fraternidade Universal da Humanidade, levado à busca de efetiva vivência, com percebimento e respeito às características que matizam a multiplicidade, sem um olvidar da essência una que se mantém coesa por detrás das formas, é magnífico manancial a oportunizar um tocar a Realidade, inspirando o buscador à concretização da transformação que ascenda a consciência das peias da ilusão para o esplendor da Vida Una.

### **Plotino e o partilhar de sua experiência mística. Fraternidade como estertor de ascese pela contemplação.**

Como antes expressado, os ensinamentos legados por Plotino chegam ao mundo através de seu discípulo Porfírio, que não só organizou e publicou os diversos tratados que compõem as *Enéadas*, mas que também apresentou uma biografia deveras inspiradora do seu mestre, em meio à qual indica que:

Plotino tinha o dom de ler o caráter e o futuro das pessoas pela fisionomia, não comia carne e por quatro vezes em sua vida viveu a ascensão ao Uno, tendo-o contemplado e retornado ao corpo.<sup>135</sup>

Assim é que, em meio às *Enéadas*, Porfírio descreve as experiências místicas alhures vividas por Plotino, donde se colhe o seguinte:

---

<sup>135</sup> PLOTINO, *Tratados das Enéadas*. São Paulo: Editora Polar, 2007, p. 13.

Muitas vezes ocorreu-me ser retirado de meu corpo e conduzido a mim mesmo; ser retirado das coisas externas e introduzido em mim mesmo; e então ver uma Beleza maravilhosa, tornando-se ainda maior a certeza de que pertença à ordem superior dos seres por ter realizado em ato a mais nobre forma de vida; ter-me estabelecido nela; ter vivido o seu ato e me situado acima de tudo quanto é inteligível, exceto o Supremo. No entanto, depois dessa estadia na região divina, quando desço da Inteligência ao raciocínio, pergunto-me perplexo como é possível a minha Alma estar neste corpo, sendo ela, mesmo estando no corpo, essa coisa elevada que se revelou a mim?<sup>136</sup>

A possibilidade de Plotino perceber o Uno e contemplar a Beleza Suprema o faz constatar que o mergulho de sua consciência na fonte da Inteligência é percebida e se faz soar como um reencontro consigo próprio, com o que É, efetivamente, em essência, gerando até estupefação quanto ao volver da Alma ao corpo.

Demais disso, Plotino descreve a existência de três vias passíveis de levar à elevação da consciência, a ponto de que se produza um (re) perceber, pela Alma, de seu partilhar do seio da grande Alma Cósmica, abarcando a dialética, a ética e a estética, conquanto aduza, fundamentalmente, acerca da contemplação, como prática inefável a tanto associada, o que se constitui em elemento motor produzido através de uma vivência da fraternidade.

Aludida tema é discorrido na Enéada VI, 9, denominada *Sobre o Bem ou o Uno*, que, em sua parte final, contém nova descrição acerca das experiências místicas vivenciadas por Plotino, assim postas:

Portanto, como eles não eram dois, mas aquele que contemplava era uno com o que o era contemplado – pois não era propriamente uma visão e sim uma união –, basta que aquele que viveu essa união lembre-se dela para que uma imagem dela esteja presente em seu interior.<sup>137</sup>

E a experiência de unificação, ou, ora tratada como arrebatamento do ser no tempo pela Realidade Una Imutável, possibilita, demais disso, a seguinte descrição plotiniana:

Naquele momento, ele alcançou a Unidade: nada nele ou fora dele o induzia à diversidade; nada mais se movia nele; não tinha nenhuma paixão, nenhum desejo exterior quando estava lá no alto; não tinha mais raciocínio, nem

---

<sup>136</sup> *Ibidem*, p. 81.

<sup>137</sup> *Ibidem*, p. 143.

intelecção alguma, e ele mesmo não era mais ele mesmo, se podemos dizer isso. Arrebatado, possuído pacificamente por Deus, entrou no isolamento e num estado de tranquilidade perfeita... Estando em repouso total, de certo modo, tornou-se o próprio repouso.<sup>138</sup>

Importante, contudo, destacar que a possibilidade desta vivência de expansão de consciência, com a percepção da plenitude em um estado de absoluta tranquilidade, é construída por meio de uma convivência fraterna da Alma Humana, que percebe a Alma Cósmica Universal em todos que a cercam. Veja-se, com efeito, como a expertise daquele que logrou tal ascensão, é apresentada ao mundo:

Na verdade, não se trata de uma contemplação no sentido comum, mas de uma contemplação de outra espécie, de uma saída de si, um abandono de si, uma simplificação, uma aspiração ao contato e ao repouso... um sacerdote sábio, que compreenda o sentido dos signos, pode entrar no santuário e realizar a contemplação verdadeira do inacessível. E mesmo se não houver entrado ali, mas admitir a existência do invisível, poderá conhecer a origem e o princípio... pois saberá que é pelo princípio que se vê o Princípio e que é pelo semelhante que a união com o Semelhante se dá.<sup>139</sup>

Por meio das *Enéadas*, constata-se que Plotino relata não só a identidade de todas as Almas Humanas com a Alma Suprema Universal, mas, além disso, a possibilidade de ascensão ao Mundo Inteligível, e, por consectário, o tocar da Unidade, com percepção do Belo, através da pura e mais profunda contemplação, o que se dá com o percebimento de que o Ser está imantado e unido a todos os seres, conquanto, a realização divina no humano ocorra quanto o buscador vivencia o preceito fraternal com todos os seus semelhantes.

### **Blavatsky e A Voz do Silêncio. A regeneração humana pela reorientação da motivação existencial a partir da percepção e vivência da unidade da vida.**

Proveniente da tradição Budista *Mahayana*, *A Voz do Silêncio* expressa a chamada Senda do *Bodhisattva*, aludindo à motivação existencial baseada na compaixão. Colhe-se, com efeito, a seguinte passagem no fragmento denominado *As Duas Sendas*:

---

<sup>138</sup> *Ibidem*, p. 143.

<sup>139</sup> *Ibidem*, p. 144.

Viver para beneficiar a humanidade é o primeiro passo. Praticar as seis gloriosas virtudes é o segundo.<sup>140</sup>

Mais que isso, em *A Voz do Silêncio*, a Alma Suprema Universal é denominada *Alaya*, havendo afirmações no sentido de que todos os seres humanos estão dotados, no seu âmago, de uma fagulha desta Grande Alma. Veja-se:

Dói saber que embora todos os homens possuam *Alaya*, sejam unos com a grande Alma, e mesmo assim, possuindo-a, *Alaya* tão pouco lhes sirva.<sup>141</sup>

Pois bem, em que pese dotados de uma parcela desta Alma Suprema Universal, os Seres Humanos não se apercebem disso, e às cegas vagam pelo mundo buscando satisfazer seus desejos, fugindo, outrossim, daquilo tudo que em sua memória representa a experiência de dor e sofrimento, olvidando à Real dimensão da Vida, mas, antes, dispersando a quota da energia que detêm buscando afirmações pessoais. Nesta linha de raciocínio, eclode *A Voz do Silêncio* lembrando que o Humano mortal pode perceber a Imortalidade, mas apenas abandonando a pequena vida pessoalizada poderá adentrar, efetivamente, na Vida Eterna, assim:

Cavalga a Ave da Vida, se queres saber. Renuncia a tua vida, se queres viver...<sup>142</sup>

Há, em referida passagem, uma falsa contradição (assim apropriadamente tratada, na Filosofia, como um paradoxo), porquanto, de um lado haja um concitar à renúncia da vida, inobstante, de outro, exorte-se a um encontrar o sentido do viver. Diz-se falsa, tal contradição, porque se está diante de duas dimensões daquilo que se possa perceber como sendo a vida: uma tida como efêmera e inferior, associada aos quereres pessoais e às satisfações das inclinações por si próprias; e outra que se lança àquilo que se possa ter como a Vida efetiva, que vale ser vivida.

E, esta Vida efetiva, que exorta possa ser vivida, implica em um agir ativo no mundo, em meio aos semelhantes todos, em um agir profícuo e proveitoso, que a todos acolhe e auxilia, que não divisa amigos ou inimigos, mas, antes, percebe a divindade que se

---

<sup>140</sup> BLAVATSKY, Helena Petrovna, *A Voz do Silêncio*. Brasília: Editora Teosófica, 2011, p. 157.

<sup>141</sup> *Ibidem*, p. 138.

<sup>142</sup> *Ibidem*, p. 97.

irradia em toda a manifestação, como se percebe, novamente com os aportes de *A Voz do Silêncio*:

Antes que te possas acercar do portal principal tens de aprender a separar o teu corpo da tua mente, a dissipar a sombra e a viver no eterno. Para isso, tens de viver e respirar em tudo, como tudo que vês respira em ti; tens de existir em todas as coisas, e todas as coisas em ti.<sup>143</sup>

Segue-se, em mesma ideia, a partir desta premissa, percebendo-se que:

Assim estarás em plena harmonia com tudo que vive; ama os homens como se eles fossem os teus condiscípulos, discípulos do mesmo Instrutor, filhos de uma única mãe.<sup>144</sup>

Isso porque:

Instrutores há muitos; a ALMA-MESTRA é uma, *Alaya*, a Alma Universal. Vive nesse MESTRE como o Seu raio em ti. Vive nos teus semelhantes como eles n'ELA.<sup>145</sup>

O alcance desta coexistência em todos os seres, a autoconsciência ativa de *Alaya*, que passa a viver e expressar-se através da Alma Humana, segundo *A Voz do Silêncio*, dá-se quando o buscador do Real, aqui tratado como discípulo, passa a remotivar seu viver com as diretrizes da Vida Una, não relegando o cumprimento de seus deveres todos, em meio ao cotidiano. Assim estando o discípulo, cabe-lhe, de modo espontâneo agir em prol da humanidade, esquecendo-se de si próprio, para auxiliar a todos os que sofrem, senão vejamos:

Não deixes que o sol feroz seque uma única lágrima de dor antes que a tenhas, tu mesmo, enxugado dos olhos de quem sofre. Que cada ardente lágrima humana goteje no teu coração e aí fique; nem nunca a seques enquanto não for retirada a dor que a causou. Estas lágrimas, ó tu de coração tão compassivo, são os rios que irrigam os campos da caridade imortal...<sup>146</sup>

---

<sup>143</sup> *Ibidem*, pp. 192-193.

<sup>144</sup> *Ibidem*, pp. 193-194.

<sup>145</sup> *Ibidem*, p. 194.

<sup>146</sup> *Ibidem*, p. 114.

Como indicado, esquecendo-se de si, o buscador da Verdade tem a possibilidade de cumprir efetivamente o que se lhe cabe, e, vivendo em sintonia com o fluxo da Vida, descobre e realiza a Fraternidade Universal, imiscuindo-se nos segredos mais recônditos da Natureza, como o ressalta *A Voz do Silêncio*, na seguinte passagem:

Auxilia a Natureza e trabalha com ela; e a Natureza te terá por um dos seus criadores e te obedecerá. E, diante de ti, ela abrirá de par em par as portas das suas câmaras secretas, desnudará ante tua vista os tesouros ocultos nas profundezas do seu seio virgem... Então ela te mostrará os meios e o Caminho...<sup>147</sup>

Caminho, este, que, como se vê, é alcançado e percorrido, quando o Ser Humano:

Segue a roda da vida; segue a roda do dever para com a (tua) raça e a família, para com o amigo e o inimigo, e imuniza a (tua) mente aos prazeres e à dor.<sup>148</sup>

De se constatar, pois, que o ensinamento teosófico moderno é apresentado à humanidade como ponto exortativo de alcance e realização da natureza divina, através de uma regeneração do mote existencial, com prática de atos altruístas, por amor a todos os seres, o que possibilita a experiência mística de contato e realização da Unidade, por meio de um viver ativo e empírico da fraternidade, o que, como visto, leva a uma purificação espiritual, gerando efeito de consciente ascensão, não pela ascese em si, mas por amor a todos os seres, que, doravante, podem ser auxiliados por aquele que passa a deter a Sabedoria.

Ao longo do presente tópico, demonstrou-se a similaridade unívoca dos ensinamentos teosóficos ao longo do tempo, porquanto os escritos de Blavatsky, mais especificamente à luz de *A Voz do Silêncio*, reapresentem e expressem a possibilidade de ascensão consciencial ao âmbito da Vida Una, através de uma vivência ativa no cerne social, com a formação de uma Fraternidade Universal da Humanidade, que concita participação plena, bem como leva a uma purificação do ser humano, que refunda o mote de sua existência, desvelando a naturalidade do altruísmo.

---

<sup>147</sup> *Ibidem*, pp. 116-117.

<sup>148</sup> *Ibidem*, p. 163.

### **Considerações Finais.**

Ao longo do presente artigo, foram abordadas questões reflexivas acerca da unidade presente na Escola Teosófica antiga - de que Plotino é expoente referencial -, e na chamada Sociedade Teosófica Moderna, fundada em 1875, por Blavatsky, dentre outras pessoas mais; encontrando-se nas premissas de busca da Verdade, contato com a Sabedoria, purificação transformadora do Ser e sobretudo, ideal da Fraternidade Universal da Humanidade, pontos de convergência que corroboram à indagada unicidade.

A temática atinente à fraternidade, ademais, pôde ser constatada não só como recorrente, mas como salutar eco, que vibra tanto no movimento teosófico da Antiguidade, como também na Filosofia Esotérica expressada pela atual Sociedade Teosófica, à vista daquilo exposto à luz das *Enéadas* de Plotino, de *A Doutrina Secreta* e de *A Voz do Silêncio*, estas trazidas ao mundo pela pena de Blavatsky. Mais que isso, percebeu-se que o ideal da fraternidade pode ser levado à prática, e, como tal, suscitar a experiência mística, que conecta a consciência-parte com a Consciência-Oniabaricante, possibilitando um (re) percebimento do Real que subjaz no seio da aparente realidade fenomênica, demonstrando-se ser, pois, a Fraternidade Universal da Humanidade um verdadeiro instrumento e mote para a construção da libertação da Alma Humana, que se reencontra e se (re) percebe como a própria Alma Cósmica Universal, denominada *Alaya* em *A Voz do Silêncio*.

De se ressaltar, sob prumo de consideração final, a singular importância da Fraternidade em meio à humanidade, cujo tema há de despertar, ao seu tempo, a paulatina busca de realização humana na convergência e autoconsciente expressão do divino, mediante uma primeira percepção de convite lógico de sua verdade, e, ao depois, através de uma efetiva vivência, mesmo em meio às peias da sobrevivência, na realização dos deveres que cabem a cada qual dos viventes, que vão, aos poucos, tornando-se a própria Vida, sob o primado da liberdade (própria do Humano) e da igualdade, com sua dinamização equacional do próprio viver fraterno.

## REFERÊNCIAS.

BLAVATSKY, Helena Petrovna. *A Chave para a Teosofia*. Brasília: Editora Teosófica, 2004.

\_\_\_\_\_. *A Doutrina Secreta*. São Paulo: Pensamento, 2003.

\_\_\_\_\_. *A Voz do Silêncio*. Brasília: Editora Teosófica, 2011.

CRANSTON, Sylvia. *Helena Blavatsky. A Vida e a Influência Extraordinária da Fundadora do Movimento Teosófico Moderno*. Brasília: Editora Teosófica, 1997.

PLOTINO. *Tratados das Enéadas*. São Paulo: Polar, 2007.

## A UTILIZAÇÃO DO PRANAYAMA PARA A MEDITAÇÃO THE USE OF PRANAYAMA FOR MEDITATION

Erlinda Martins Batista<sup>149</sup>(CAPES/CNPQ/MEC.)

### Resumo:

Esse trabalho divulga resultados de pesquisa qualitativa, cujo objeto foi o uso do *pranayama* para meditação. Objetivou-se analisar as respostas de 25 praticantes de meditação, a partir de três questões aplicadas por meio de questionário em dois seminários ocorridos na Fundação Centro Teosófico Raja, Itapecerica da Serra – São Paulo, Brasil, em 2015 e 2016. As análises dos depoimentos mostraram: 15 entre 25 praticantes de meditação conhecem *pranayama*, embora apenas sete o tenham utilizado antes da meditação. Confusos, 12 viram diferença na prática com o uso da técnica e apenas para dois o *pranayama*, desobstruiu suas vias respiratórias e permitiu relaxamento efetivo na prática. Deduz-se; o uso do *Pranayama* segundo Taimni (1996, p.79) e Mehta (2009, p. 51), não tem sido usado em regime de vida Yóguica de meditadores. Portanto, o assunto merece mais estudos, dado o desconhecimento dos princípios do *pranayama* (TAIMNI, 1992, p.118), o que justifica o trabalho, considerando propósitos da autora de continuar a oferecer meditação com uso de *pranayama*, contribuir na formação de instrutores de yoga da Associação Educacional Besant/Universidade Livre para a Consciência, e divulgar os benefícios da meditação precedida pelo *pranayama*.

**Palavras-chaves:** Respiração. Meditação. Purificação. Relaxamento.

### Abstract:

This paper reports qualitative research results, the object of which was the use of pranayama to meditation. This study aimed to analyze the 25 meditators responses from three questions applied through a questionnaire in two workshops held at the Foundation Center Theosophical Raja, Itapecerica da Serra - Sao Paulo, Brazil, in 2015 and 2016. The analysis of investigated showed: 15 of 25 meditators know pranayama, although only seven used it before meditation. Confusing, 12 saw difference in practice with the use of pranayama and only for two pranayama, has cleared his airway and allowed effective relaxation in practice. It follows; the use of Pranayama second Taimni (1996, p.79) and Mehta (2009, p. 51) has not been used in Yogic life scheme meditators. Therefore, the subject deserves further study, given the ignorance of the principles of pranayama (Taimni 1992, p.118), which justifies the work, considering the author's purpose to continue to offer meditation with the use of pranayama, contribute to the training of trainers yoga of Besant Educational Association / Free University for Consciousness, and disseminate the benefits of meditation preceded by pranayama.

**Keywords:** Breathing. Meditation. Purification. Relaxation.

---

<sup>149</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – PPGEdu/2013, e Coordenadora do Grupo de Pesquisas e Estudos em Educação a Distância – GINPEAD/CNPQ, e-mail: erlinda.batista@ufms.br

## **Introdução**

A presente proposta de comunicação oral trata os resultados de uma pesquisa realizada com praticantes de yoga e de meditação durante dois seminários de práticas meditativas ocorridos no período do feriado de carnaval do ano de 2015 e de 2016, na Fundação Centro Teosófico Raja, localizada na Estrada de Itapecerica da Serra, São Paulo, e também com estudantes do Curso de Formação de Instrutores e Professores de Yoga, ofertado pela Universidade Livre para a Consciência – UNICONSPORTAL, criada pela Associação Educacional Besant, uma associação sem fins lucrativos, cujo propósito maior é o de subsidiar ações do trabalho teosófico em Campo Grande, MS, e também em Itapecerica da Serra, SP, Brasil.

A problemática da meditação sem utilização do *pranayama* e também sem a observância de no mínimo quatro técnicas yóguicas antecipatórias à meditação tem sido observada pela autora desse estudo ao ministrar aulas de yoga nos últimos oito anos, tanto para praticantes leigos (cuja prática de yoga não é disciplinada), quanto para estudantes de Yoga (cujas práticas são norteadas pela disciplina recomenda pelo curso de formação de instrutores e de professores). Com base nessas observações supõe-se que o processo de relaxamento e de desligamento dos problemas que afligem a mente do praticante de yoga, é efetivo quando esse usa técnicas de controle da respiração denominadas *pranayama* com o objetivo de tornar a respiração mais profunda e acalmar a mente de modo rápido e efetivo no momento em que o praticante senta-se estável e confortavelmente objetivando a meditação. Para tanto, estabeleceu-se os seguintes objetivos, entre outros:

## **Objetivos:**

### **Objetivo Geral**

Analisar o uso do *pranayama* ou controle da respiração no preparo para a meditação.

### **Objetivos Específicos**

Identificar os processos da respiração denominados *pranayamas*;

Averiguar o uso da técnica de *pranayama* antes das práticas de meditação, durante os seminários de meditação;

Identificar os benefícios do uso de *pranayama* junto aos praticantes de meditação.

Averiguar quais os procedimentos necessários no preparo da respiração com o objetivo de alcançar um estado meditativo cujo alvo é o *samadhi* para atingir o Yoga Superior.

Considerando que o trabalho em questão se constitui de um estudo do uso do *pranayama* em práticas de yoga especialmente como um dos pré-requisitos para a prática da meditação, e que os cursos de Formação de Instrutores de Yoga na Instituição anunciada continuam previstos para realização até 2018, e ainda que os praticantes de yoga em aulas na instituição citada frequentemente apresentam dificuldades para entrar no estado de meditação, justifica-se essa investigação.

### Referencial Teórico

O aporte teórico escolhido foi Taimni (1992), tendo em vista sua obra *A preparação para a Yoga* na qual o mesmo discorre sobre o assunto de forma a esclarecer com profundidade como se dá o processo de meditação ao se utilizar técnicas adequadas para essa prática. Esse autor afirma que o Sistema de Yoga apresentado nos Yoga-Sutras consiste de uma integração dos quatro principais sistemas de yoga (*Rāja Yoga, Jñana Yoga, Bhakti Yoga e Hatha Yoga*), que predominam no Oriente. Desses, esse artigo enfoca o sistema *Hatha Yoga*, do qual foram tiradas as práticas de *asanas, pranayamas* e *pratyahara* (p.84).

Antes de entrar no assunto da meditação propriamente dita com o uso do *pranayama*, faz-se necessário definir o que é *pranayama*. Taimni (1992) afirma que *pranayama* se constitui uma das oito subdivisões da técnica yóguica<sup>150</sup> contida no Yoga-Sutra 29 (II-29) de *Patanjali*, cuja posição é sequencial isto é, uma depende da outra. Em outras palavras, não basta realizar apenas os *asanas* e *pranayamas* a fim de estar preparado para a meditação. É preciso, antes de tudo, iniciar a prática de *Yama*, o autodomínio, seguida das regras restritas ou observâncias para a autodisciplina ou *nyamas*, e assim, estar o praticante apto à prática do *pranayama*.

Para o autor citado, essa técnica é confundida no ocidente com exercícios de respiração cujo objetivo é alcançar uma saúde melhor. Levando-se em conta aqui que *prana* se constitui de correntes de oxigênio e vitalidade associados aos *yamas* (ou restrições e controles), os quais intensificam o preparo da mente para a prática da concentração, a qual antecede a meditação, sendo essa também chamada de *Dhyana* ou contemplação, a

---

<sup>150</sup> O Sutra 29 (II-29) é: “*Yama – Niyamasana – pranayama - pratyahara – dharana - dhyana – samadhayo atav angani*” (THAIMNI, 1992, p. 86).

qual precede o *samadhi* ou êxtase. Em síntese, para Taimni (1992, p. 87), *pranayama* significa controle da respiração. E significa também um dos oito passos a ser realizado de modo sequencial para se realizar o Yoga Supremo ou Yoga Superior.

Outra definição de *pranayama* é dada por Sivananda (1993, p. 62):

*Pranayama* é um precioso *Yajna* (sacrifício). Alguns praticam o tipo de *Pranayama* chamado *Puraka* (inalação). Outros praticam o tipo de *Pranayama* chamado *Rechaka* (expiração). Alguns empenham-se na prática do *Pranayama* chamada *Kumbhaka*, impedindo a passagem do ar para fora através das narinas e da boca, e impedindo a passagem do ar para dentro, na direção oposta.

Sivananda (1993) explicita também a definição de *pranayama* dada por Sri Sankaracharya; “*pranayama* é o controle de todas as forças da vida através de nada mais se compreender a não ser *Brahman*<sup>151</sup> em todas as coisas, como a mente, etc.” (IDEM). Ainda segundo Sivananda (1993, p. 61), “*Tasmin sati svasaprasvasayor-gativicchedah, pramayamah* – ‘A regularização da respiração ou controle do *prana* é a suspensão da inalação e da exalação que se segue após estar assegurada a firmeza da postura ou asana, é que se torna possível a regularização da respiração a partir do uso do *pranayama*’.

Uma definição clara de *pranayama* é dada por Packer (2009, p. 278), sobre o que ela afirma: “*pranayama* significa a capacidade de estender o *prana* através de um controle voluntário”.

Por fim, uma definição apresentada por Carlos Eduardo (BARBOSA, 1998, p. 29), é que “*pranayama* é o controle e direcionamento dos *pranadyas*<sup>152</sup>”.

Essas argumentações podem ser complementadas pelas ideias de Mehta (2009) em sua obra a respeito da ciência da meditação.

Sobre a meditação Mehta (2009) afirma que nas práticas meditativas “estão sendo estudadas as ondas cerebrais alfa, beta, teta e delta. E porque a desaceleração das ondas cerebrais pode ser detectada, presume-se que o cérebro tenha chegado a um estado de relaxamento” (p.49). O mesmo autor argumenta que na sociedade atual o homem se tornou um estranho para a arte do relaxamento. Observa-se nesse contexto que muitas

---

<sup>151</sup> Termo que designa o Absoluto ou Deus ou Espírito Universal conforme Bhagavad Gita (2010, p.26)

<sup>152</sup> Na mesma obra o autor citado não explicita o significado de *pranadyas*

peças têm entrado em colapso nervoso porque aos seus nervos não é dado descanso ou pausa. Isso tem ocorrido porque o homem moderno em extrema contradição humana, na sua ânsia de encontrar a felicidade, não tem reservado momentos para descanso e relaxamento do cérebro. Mehta (2009) esclarece que “a respiração tem muito a ver com o relaxamento do cérebro. (...) na meditação budista é grandemente enfatizada a observação da própria respiração” (p. 50).

Não há dúvida de que exercícios de respiração profunda criam uma situação de repouso para o cérebro. É nesses momentos de repouso e relaxamento que o cérebro humano revitaliza-se. Essa revitalização, segundo Mehta (2009), revigora todo o sistema nervoso. Nesse processo, o *pranayama* é um instrumento fundamental. Esse pesquisador da meditação explica como funciona o *pranayama*:

“entre a respiração profunda e o *Pranayama* há diferença, pois nesse último há um intervalo entre o processo de inalar e o de exalar. Nesse intervalo a respiração é retida no interior. É essa retenção da respiração que fornece um grande suprimento de oxigênio ao cérebro. Como esse *pranayama* não irá tomar mais do que dez a quinze minutos, a pessoa pode facilmente reservar esse tempo durante as horas de vigília, mesmo quando estiver engajada no trabalho. Isso irá fornecer ao cérebro aquele descanso que ele geralmente não é capaz de obter durante várias horas de sono” (MEHTA, 2009, p. 51).

Portanto, é possível entrar em estado de repouso e meditação mesmo fora do sono, utilizando-se os processos de respiração com o uso de *pranayama*, segundo o autor referenciado.

Outro aspecto relevante do estudo é sinalizado por Mehta (2009, p. 51); “A pessoa deve praticar o *Pranayama* simples, não complicado, como indicado nos manuais e livros de *Hatha Yoga*”.

Entretanto, Taimni (1992) afirma que no verdadeiro propósito do Yoga está a intencionalidade de adquirir completo e consciente controle sobre as correntes *prânicas* no duplo etérico. O autor explica:

“Isso só pode ser feito por meio de *Kumbhaka* (retenção do ar inalado), ou interrupção completa, em gradação lenta da respiração. E tendo dominado essas correntes o praticante pode despertar *Kundalini* energia existente no *chakra* básico (vórtice de energia), localizado na base da coluna e

estabelecer a conexão da consciência no plano físico com as dos corpos astral e mental” (p. 97).

E sobre esse assunto, Taimni (1992) alerta que aí há o “perigo de *pranayama*, razão pela qual não deve ser praticado sem a direção de um instrutor competente e com preparação prévia e apropriada” (p.98).

Segundo Mehta (2009), a respiração somente deve ser retida enquanto a pessoa não se sinta desconfortável. E no momento em que começa o desconforto, ainda que leve, a respiração retida deve ser exalada.

Mehta (2009) afirma ainda que: o método simples vai fornecer ao cérebro um sentimento de repouso e de relaxamento. Além disso, vai remover a congestão do cérebro e por essa razão vai contribuir para os estudantes que precisam de um cérebro ativo no sentido de estimular a produção científica, sendo esse relaxamento ainda comparado ao obtido durante várias horas de sono. Essas ideias sugerem que o estudante que pratica yoga está muito mais sintonizado em sua pesquisa e em seus estudos do que estudantes que não realizam nenhuma prática.

## **Metodologia**

A metodologia de pesquisa escolhida foi a abordagem da pesquisa qualitativa em educação, tendo em vista que as práticas de meditação estudadas foram realizadas entre os participantes de seminários de meditação cujos intuitos principais são atingir um estado meditativo e de serenidade da mente na busca por, se não eliminar as agitações da mente, ao menos acalmar seus processos, com o objetivo de atingir estados mais elevados de consciência.

O referencial metodológico de pesquisa qualitativa em educação adotado foi referente às ideias de Lüdke e André (1986), mais precisamente sobre a perspectiva do estudo de caso, cujos aspectos são adequados para esse estudo, a saber, as práticas de meditação em dois seminários ocorridos no período de carnaval/2015 e no carnaval/2016.

No pensamento da pesquisa qualitativa em educação, optou-se pelo uso do instrumento questionário semiaberto, contendo três questões pertinentes ao uso do *pranayama* antes da prática de meditação, com o objetivo de coletar os dados junto aos participantes dos seminários citados. Na tabulação dos dados foram utilizadas tabelas simples e, para a análise dos depoimentos, utilizou-se o referencial teórico metodológico de Bardin (2006), mais especificamente para a análise da essência do discurso.

Para sistematizar a tabulação e análise dos dados, bem como para preservar a identidade dos participantes, foram criadas siglas para definir cada participante da pesquisa. Assim, o primeiro praticante de meditação que respondeu ao questionário foi classificado e denominado M1, o segundo, foi chamado de M2, e o terceiro M3 e assim sucessivamente até M25.

Nos seminários realizados, os questionários foram aplicados aos 25 praticantes de yoga e meditação, cuja prática anterior em meditação não era requisito para a participação na pesquisa. Os resultados tabulados são apresentados a seguir por meio dos quadros 1, 2 e 3. Cada quadro se refere a uma questão na ordem de aplicação das questões. Portanto, o quadro 01 se refere à tabulação dos resultados obtidos com a aplicação da questão 01. O quadro 02 se refere à tabulação da questão 02 e o quadro 03, se relaciona à questão 03. As seguintes indagações foram apresentadas no questionário:

Questões:

Q1 – Você sabe o que é *pranayama*?

Q2 – Você utiliza o *pranayama* antes de meditar?

Q3 – Você vê diferença entre a prática de meditação com *pranayama* e sem *pranayama* antecedendo a meditação?

Essas questões objetivaram conhecer os praticantes suas técnicas e seus avanços na ciência da meditação.

As questões foram formuladas com o intuito de conhecer os praticantes de meditação e se esses utilizavam *pranayama* antes de meditar. Assim, em um primeiro instante os questionários foram aplicados a 12 participantes do seminário de meditação ocorrido em fevereiro de 2015 na Fundação Centro Teosófico Raja localizada em Itapecerica da Serra – São Paulo – Brasil. Um ano depois o mesmo questionário foi aplicado a 12 participantes de um seminário sobre Um Curso em Milagres. Esses, de característica mais devocional, associam a meditação à devoção e, portanto, não tinham tanta prática em meditação quanto os doze primeiros participantes da pesquisa. Nesse último seminário o questionário também foi aplicado a dois professores de yoga e também a um terceiro praticante de meditação, somando assim, 25 participantes.

Entre os depoimentos dos praticantes de meditação mais devocionais, observou-se que o *pranayama* não era muito conhecido. Após as análises dos depoimentos desses participantes faz-se um destaque para o percebimento de que a meditação precedida pelo uso do *pranayama* era reconhecidamente mais facilitada, conforme ilustra o

depoimento de M12 ao responder à questão 3: “A gente faz com maior facilidade” (questionário, março/2016, M12).

### **Analises dos resultados**

O Quadro 01 a seguir apresenta os resultados da questão 01 aplicada aos 25 praticantes de meditação e yoga, presentes no evento mencionado.

**Quadro 01 – Respostas à Questão 01 - Q1 – Você sabe o que é *pranayama*?**

| <b>M</b>   | <b>S</b> | <b>N</b> | <b>Não<br/>respondeu</b> | <b>TOTAL<br/>GERAL</b> |
|------------|----------|----------|--------------------------|------------------------|
| <b>M1</b>  | X        |          |                          |                        |
| <b>M2</b>  | X        |          |                          |                        |
| <b>M3</b>  |          | X        |                          |                        |
| <b>M4</b>  | X        |          |                          |                        |
| <b>M5</b>  | X        |          |                          |                        |
| <b>M6</b>  |          | X        |                          |                        |
| <b>M7</b>  | X        |          |                          |                        |
| <b>M8</b>  |          | X        |                          |                        |
| <b>M9</b>  | X        |          |                          |                        |
| <b>M10</b> | X        |          |                          |                        |
| <b>M11</b> | X        |          |                          |                        |
| <b>M12</b> |          | X        |                          |                        |
| <b>M13</b> | X        |          |                          |                        |
| <b>M14</b> |          | X        |                          |                        |
| <b>M15</b> | X        |          |                          |                        |

|              |    |    |    |    |
|--------------|----|----|----|----|
| <b>M16</b>   | X  |    |    |    |
| <b>M17</b>   | X  |    |    |    |
| <b>M18</b>   |    | X  |    |    |
| <b>M19</b>   |    |    | X  |    |
| <b>M20</b>   |    | X  |    |    |
| <b>M21</b>   | X  |    |    |    |
| <b>M22</b>   | X  |    |    |    |
| <b>M23</b>   | X  |    |    |    |
| <b>M24</b>   | X  |    |    |    |
| <b>M25</b>   | X  |    |    |    |
| <b>TOTAL</b> | 17 | 07 | 01 | 25 |

Legenda do Quadro: M = meditador, S = Sim, N = Não, M1= meditador 1, e assim sucessivamente.

O quadro 01 acima mostra que a maioria dos participantes que respondeu ao questionário conhecia o *pranayama*, isto é, 17 meditadores em um total de 25. Esse resultado é óbvio considerando que o evento era explicitamente de meditação e acredita-se que se inscreveram nele apenas os interessados nessa prática. Taimni (1992) afirma que para muitos ocidentais o *pranayama* é apenas uma técnica de controle da respiração.

Entretanto, verificou-se nas respostas à segunda questão que embora a maioria tenha respondido que conhece o *pranayama*, apenas sete, um menor número, afirmaram utilizar essa técnica antes da meditação. Esse fato mostra o desconhecimento das oito técnicas yóguicas apresentadas por Taimni (1992) para se alcançar o Yoga Superior, e a falta de uma visão completa do papel do *pranayama* dentro dessas oito técnicas.

Desses dados deduz-se que a prática de *asana*, *pranayama* e meditação com o fim de alcançar o *samadhi* e o yoga superior, se constitui um ato consciente apenas para poucos praticantes levando-se em conta apenas a amostra investigada. Considerando o número de 25 investigados, acredita-se que o estudo merece continuidade.

Portanto, com relação à segunda questão, os dados surpreendem, conforme se observa no quadro 02 a seguir.

**Quadro 02 – Respostas à Questão 2 – Você utiliza o *pranayama* antes de meditar?**

| <b>M</b>   | <b>S</b> | <b>N</b> | <b>Às vezes</b> | <b>Não respondeu</b> | <b>TOTAL GERAL</b> |
|------------|----------|----------|-----------------|----------------------|--------------------|
| <b>M1</b>  |          |          |                 | X                    |                    |
| <b>M2</b>  |          | X        |                 |                      |                    |
| <b>M3</b>  |          |          |                 | X                    |                    |
| <b>M4</b>  | X        |          |                 |                      |                    |
| <b>M5</b>  |          | X        |                 |                      |                    |
| <b>M6</b>  |          |          |                 | X                    |                    |
| <b>M7</b>  | X        |          |                 |                      |                    |
| <b>M8</b>  |          | X        |                 |                      |                    |
| <b>M9</b>  | X        |          |                 |                      |                    |
| <b>M10</b> | X        |          |                 |                      |                    |
| <b>M11</b> | X        |          |                 |                      |                    |
| <b>M12</b> |          |          |                 | X                    |                    |
| <b>M13</b> |          |          |                 | X                    |                    |
| <b>M14</b> |          |          |                 | X                    |                    |
| <b>M15</b> |          |          | X               |                      |                    |
| <b>M16</b> |          | X        |                 |                      |                    |
| <b>M17</b> | X        |          |                 |                      |                    |
| <b>M18</b> |          | X        |                 |                      |                    |
| <b>M19</b> |          |          |                 | X                    |                    |

|              |     |    |    |    |    |
|--------------|-----|----|----|----|----|
| <b>M20</b>   |     | X  |    |    |    |
| <b>M21</b>   | X   |    |    |    |    |
| <b>M22</b>   |     | X  |    |    |    |
| <b>M23</b>   |     | X  |    |    |    |
| <b>M24</b>   | X   |    |    |    |    |
| <b>M25</b>   | X   |    |    |    |    |
| <b>TOTAL</b> | -09 | 08 | 01 | 07 | 25 |

Legenda do Quadro: M = meditador, S = Sim, N = Não, M1= meditador 1, e assim sucessivamente.

O fato de a (09) utilizar o *pranayama* antes da meditação, justifica ainda mais esse estudo, e vem corroborar o que Taimni (1992, p. 15) argumenta sobre o método no qual se utiliza essa técnica antes da meditação: “Tais métodos usados para a Auto-Realização não estão baseados em especulação, e a sua natureza não se constitui de meras sugestões de experimentos visando atingir o alvo desejado”. Esse autor afirma ainda que esses métodos foram experimentados durante milhares de anos por um grande número de santos, sábios e ocultistas que ousaram na exploração dos mais profundos domínios de suas mentes e de suas consciências, e encontraram a Realidade que buscavam. Esses conhecedores das técnicas eram também pesquisadores que constataavam a eficiência dos métodos e acrescentavam periodicamente novas modificações para atingirem o mesmo fim.

É preciso que o praticante de meditação utilize os seus esforços com o uso constante das técnicas para alcançarem a autorrealização por meio do Yoga. Taimni (1992, p. 16) explica: “Esta técnica de autorrealização implica exploração dos vários reinos internos da mente e da consciência, por parte de cada indivíduo, através de seus próprios esforços”.

E com relação aos que utilizam a técnica do *pranayama*, suas respostas estão apresentadas no Quadro 3 – Q3, referente à questão 3.

Q 3 – Respostas à Questão 03 - Você vê diferença entre a prática de meditação com *pranayama*

e sem *pranayama*, antecedendo a meditação?

| <b>M</b> | <b>S</b> | <b>N</b> | <b>Às vezes</b> | <b>Não<br/>respondeu</b> | <b>TOTAL<br/>GERAL</b> |
|----------|----------|----------|-----------------|--------------------------|------------------------|
| M1       | X        |          |                 |                          |                        |
| M2       |          |          |                 | X                        |                        |
| M3       |          |          |                 | X                        |                        |
| M4       | X        |          |                 |                          |                        |
| M5       |          |          |                 | X                        |                        |
| M6       |          |          |                 | X                        |                        |
| M7       | X        |          |                 |                          |                        |
| M8       |          |          |                 | X                        |                        |
| M9       | X        |          |                 |                          |                        |
| M10      | X        |          |                 |                          |                        |
| M11      | X        |          |                 |                          |                        |
| M12      |          |          |                 | X                        |                        |
| M13      | X        |          |                 |                          |                        |
| M14      |          |          |                 | X                        |                        |
| M15      |          | X        |                 |                          |                        |
| M16      | X        |          |                 |                          |                        |
| M17      | X        |          |                 |                          |                        |
| M18      |          |          |                 | X                        |                        |
| M19      |          |          |                 | X                        |                        |
| M20      |          |          |                 | X                        |                        |
| M21      | X        |          |                 |                          |                        |

|       |    |    |    |    |    |
|-------|----|----|----|----|----|
| M22   | X  |    |    |    |    |
| M23   |    |    | X  |    |    |
| M24   | X  |    |    |    |    |
| M25   | X  |    |    |    |    |
| TOTAL | 13 | 01 | 01 | 10 | 25 |

Legenda do Quadro: M = meditador, S = Sim, N = Não, M1= meditador 1, e assim sucessivamente.

Por fim, a terceira questão apresenta a constatação de que o uso do *pranayama* produz um estado meditativo mais eficaz, conforme os depoimentos apresentados no questionário. Pode-se afirmar que esses perceberam os benefícios do Yoga preliminar, conforme o que afirma Taimni (1992, p. 32);

“A paz interna e a alegria, que não dependem de qualquer estimulação externa; a força espiritual, que não necessita de nenhum apoio externo; o conhecimento intuitivo, que gradualmente começa a fluir do interior para a mente; a certeza que sobrevém do seu contato parcial com as realidades internas; a libertação das preocupações, que ocorre quando fica cada vez menos apegado e subjugado. Todas essas coisas, que são o fruto, mesmo preliminar, da Yoga, precisam ser sentidas para que o aspirante se torne plenamente consciente de tudo o que estava perdendo enquanto continuava completamente imerso em sua vida comum.”

Verifica-se a partir dos depoimentos dos praticantes de meditação que utilizaram a técnica do *pranayama*, que a diferença é perceptível. Sobre essa percepção, e sobre esse sentido de verdade interna que o praticante experimenta ao utilizar a técnica, Taimni (1992, p. 16) esclarece: “Algumas destas verdades, que são descobertas pela experiência direta, são de tão transcendente natureza que é impossível transmiti-las por meio da palavra”.

Portanto, o uso da técnica de *pranayama* numa sequência como a descrita por Taimni (1992), precedida de *Yamas* (autodomínio), *Nyamas* (regras para a autodisciplina) e sucedida por *Dharana* (concentração) antes da meditação (*Dhyana*) se faz necessário se

o praticante deseja galgar estados mais elevados de consciência e auto-conhecimento, bem como autorrealização ou *Samadhi*.

Contudo, é relevante não ignorar as contraindicações existentes à prática do *pranayama* por diferentes pesquisadores, corroborando, por sua vez, a experiência do meditador M23, que medita diariamente. Em seu depoimento, este assinalou ter ficado algumas vezes num estado de maior agitação, em lugar de tranquilidade, após a meditação precedida de *pranayama*. É como se essa prática tivesse contribuído para *acentuar o estado mental já existente*, pela energia adicional obtida por meio de *pranayama*.

Averigua-se que diferentes autores já fizeram observações restritivas à livre utilização das práticas de *pranayama*, e alguns como Taimni (1992) e Hermógenes, apontam a necessidade de seu acompanhamento por instrutores experientes – como é o caso de Taimni (1992) ou que o meditador para fazê-la sem risco deve ter atingido certo grau de pureza mental<sup>153</sup> ou mesmo ter atingido a condição de *brahmacharya* (castidade ou abstinência sexual).

De um modo geral os resultados mostraram que o uso do *pranayama* é benéfico e facilita a meditação, apesar de em alguns casos, isto é, para algumas pessoas ele ser não recomendado. Entre 25 praticantes apenas um percebeu que o uso do *pranayama* antes da meditação o deixava agitado.

## Conclusão

O presente estudo longe de esgotar o assunto, teve como objetivo geral analisar o uso do *pranayama* ou controle da respiração no preparo para a meditação, tendo sido essa análise feita à luz das ideias de Taimni (1992), de Sivananda (1992), de Barbosa (1998) e de Metha (2009). As análises realizadas levantaram a constatação de que mesmo entre os praticantes de meditação, a técnica do *pranayama* embora seja conhecida, não tem sido usada eficazmente. Ou seja, praticar o *pranayama* apenas como uma ferramenta para se alcançar a meditação pode ser insuficiente para alcançar estados mais elevados de consciência, considerando que essas práticas precisam ser precedidas e realizadas no contexto do autodomínio, da disciplina, de suas regras, com um propósito maior do que apenas alcançar o êxtase.

---

<sup>153</sup> De acordo com observações do Yogue Giancarlo Colombo em 17 de julho de 2012 em seminário apresentado no Instituto Teosófico de Brasília – Brasil, sob o título “Palestra e Prática sobre o *Pranayama (Nadi Sodana)*”, quando o praticante de *pranayama* se caracteriza pela qualidade de *Rajas* ou de natureza “*rajásica*”, esse tenderá a potencializar essa qualidade. Assim, considerando que a qualidade de *Rajas* é o movimento, é natural que esse praticante observará maior agitação em si mesmo ao praticar o *pranayama* antes da meditação.

Assim, é importante que o praticante utilize as diversas técnicas à sua disposição e reflita profundamente e honestamente consigo mesmo, sobre os benefícios que experimenta quando pratica o *pranayama*. Acredita-se que novos estudos devem ser realizados e com um número maior de praticantes de meditação a fim de se obter dados que configurem alguma premissa. Embora os resultados dessa pesquisa não permitam afirmar nenhuma premissa, ainda assim, o estudo foi relevante e satisfatório porque levantou a razão pela qual há perigo em utilizar o *pranayama* quando o praticante não se encontra em condições adequadas para isso. A presença do professor de meditação ou de yoga pode ser uma solução àqueles que pretendem aprofundar-se nas práticas dessa técnica.

Espera-se que os resultados e as análises deste estudo contribuam para os novos estudos que têm sido realizados nessa área e sob a temática da Yoga.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, C. E. G. **Os Yogasutras de Patañjali**. Edição Especial de Carlos Eduardo G Barbosa. São Paulo, 1998.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Editora: Edições 70. Tradução: Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, 2006.

BESANT, A. **BHAGAVAD GITA – A Canção do Senhor**. Tradução de Ricardo Lindemann. Editora Teosófica. Brasília, 2010.

HERMÓGENES, J. A. F. **PRANAYAMA**. Disponível em: <http://www.imagick.org.br/pagmag/pratick/Pranayama.html> Acesso em 12 abril de 2016.

LÜDKE, H. A.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEHTA, R. **A Ciência da Meditação**. Tradução: Edvaldo Batista de Souza. Editora Teosófica. Brasília – DF, Brasil, 2009.

\_\_\_\_\_. **Yoga - A arte da Integração**. Tradução: Marly Wincler. Editora Teosófica. Brasília – DF, Brasil, 1995.

PACKER, M. L. G. **A senda do yoga**. Editora Nova Letra, 2ª edição. Blumenau, 2009.

SIVANANDA, S. **A Ciência do Pranayama**. Editora Pensamento. São Paulo, 1993.

TAIMNI, I. K. **Preparação para a Yoga**. Tradução: Membros ST. Editora Teosófica. Brasília – DF, Brasil, 1992.

\_\_\_\_\_. **A ciência do Yoga**. Tradução: Milton Lavrador. Editora Teosófica. Brasília – DF, Brasil, 1996.

## **BUDISMO ESOTÉRICO. LA INFLUENCIA BUDISTA EN LA OBRA DE HELENA P. BLAVATSKY**

Juan Almirall Arnal, (Universidad de Barcelona)

### **Resumen:**

En el año 1883 se publicó *Budismo Esotérico* de Alfred Percy Sinnett, una obra que cambió el rumbo del movimiento teosófico. Allí aparecen algunas de las ideas que se desarrollarán extensamente en *La Doctrina Secreta* de H.P. Blavatsky, publicada en 1888. *La Doctrina Secreta* se componía originalmente de dos volúmenes: Cosmogénesis y Antropogénesis, en la forma de comentarios al *Libro de Dzyan* o de Dhyân. El *Libro de Dzyan*, dice Blavatsky, es el primer volumen de los comentarios a los siete volúmenes de *Kiu-te* (*rgyud-sde*), que contendría los tantras budistas tibetanos incluidos en el canon *Kangyur* y en los comentarios del *Tengyur*. La originalidad del *Libro de Dzyan* ha sido defendida por David Reigle en su artículo “*The Book of Dzyan: The Current State of the Evidence*”, donde mantiene que podría tratarse de un fragmento del *Mula Kâlacakra Tantra*, obra perdida. Las ideas cosmológicas y antropológicas de *La Doctrina Secreta* se completan con una exposición del camino de las perfecciones del budismo Mahayana en *La Voz del Silencio* escrito en 1889, un año más tarde de la fundación de la Sección Esotérica de la Sociedad Teosófica.

### **Abstract:**

In 1883 *Esoteric Buddhism* of Alfred Percy Sinnett was published, a book that changed the course of the theosophical movement. It advances some of the ideas that were widely developed in *The Secret Doctrine* of H. P. Blavatsky, published in 1888, which was originally composed of two volumes: Cosmogogenesis and Anthropogenesis, in the form of comments to the *Book of Dzyan* or “Dhyan”. The *Book of Dzyan* says Blavatsky, is the first volume of commentaries to the seven volumes of *Kiu-te* (*rgyud-sde*), which contain the canon of the Buddhist Tibetan Tantras included in the *Kangyur* and *Tengyur* commentaries. The originality of the *Book of Dzyan* has been defended by David Reigle in his article “*The Book of Dzyan: The Current State of the Evidence*”, which holds that it might be a fragment of the lost *Mula Kalacakra Tantra*. The cosmological and anthropological ideas of *The Secret Doctrine* were complemented by an explanation of the Perfections’ Path of Mahayana Buddhism in *The Voice of Silence* written in 1889, a year after the foundation of the Esoteric Section of the Theosophical Society.

## Introducción

El siglo XIX es sin duda el siglo de las ciencias. El esoterismo también quedó afectado por el entusiasmo científico, según el cual todo fenómeno podía ser explicado siguiendo el método científico, incluso los fenómenos que escapan a nuestra percepción sensible. Sinnett, el padre de la denominación “budismo esotérico”, nos dirá que *“las verdades espirituales, si son verdades, pueden evidentemente ser tratadas con un espíritu no menos científico que las reacciones químicas.”*<sup>154</sup>. La ciencia espiritual toma por objeto de estudio las verdades reveladas por los sabios de todas las religiones antiguas, de aquí el nombre de “teosofía”, la Sabiduría Divina expresada por los grandes seres iluminados, en forma de verdades científicamente explicables.

La ciencia espiritual recibió inicialmente el nombre de “budismo esotérico” porque el budismo es una de estas religiones reveladas por un hombre sabio e iluminado. Buda expuso grandes verdades en un conjunto de doctrinas que a los científicos teósofos les parecieron las más claramente relacionadas con las verdades ocultas de una ciencia universal de lo espiritual. Sinnett se justificará ante las críticas a dicho nombre con estas palabras: *“he honrado en exceso el sistema religioso comúnmente conocido como budismo, presentándolo más íntimamente relacionado con la doctrina esotérica que ninguno de los otros”*<sup>155</sup>.

La obra de Sinnett tuvo una gran resonancia en la recién creada Sociedad Teosófica. Sin embargo, la fundadora del movimiento, H.P. Blavatsky, se vio obligada a corregir algunas de las ideas expuestas en *Budismo Esotérico*, ya que su autor se habría precipitado al publicar las enseñanzas obtenidas de primera mano de los Maestros secretos de la Sociedad<sup>156</sup> sin haberlas comprendido correctamente. Blavatsky era la única persona autorizada y capaz de exponer correctamente aquellas doctrinas. La teosofía fue identificada con el budismo, tal como nos explica Madame Blavatsky en la introducción de *La Doctrina Secreta*, *“desde que apareció la literatura teosófica en Inglaterra, se ha hecho costumbre llamar a sus enseñanzas “budismo esotérico”*<sup>157</sup>.

La doctrina secreta es una ciencia única y universal, por lo que no es privativa del budismo, sino que aparece claramente en otras religiones orientales, como el hinduismo, de donde Blavatsky extraerá gran cantidad de información. Se *“debe tener presente las*

---

<sup>154</sup> Sinnett, A.P., *Budismo esotérico*, traducción Francisco de Montoliu, p. 5.

<sup>155</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>156</sup> Sinnett tras los primeros contactos con Blavatsky y Olcott en la India, mantuvo una correspondencia con los misteriosos Maestros inspiradores de la Sociedad, correspondencia que posteriormente fue recopilada y publicada en el libro *Cartas de los Mahatmas*.

<sup>157</sup> Blavatsky, H.P., *La Doctrina Secreta*, vol. I, p. 8.

*muy importantes diferencias que existen entre el budismo ortodoxo, o sea las enseñanzas públicas de Gautama el Buda, y su Budismo esotérico. Su Doctrina Secreta no difiere, sin embargo, en manera alguna de la de los brahmanes iniciados de su tiempo*”<sup>158</sup>.

Tanto las doctrinas de los brahmanes como las de los budistas tienen una fuente común, el Veda. El príncipe Siddharta Gotama fue un filósofo *samana* del siglo VI, muchas de cuyas doctrinas son una respuesta a cuestiones que ya se planteaban en las *Upanishad* antiguas. Ciertamente, el budismo se separa de ciertos dogmas que constituyen la esencia del hinduismo, como es la naturaleza y existencia de Dios, pero en otra gran cantidad de cuestiones las doctrinas de uno y otro son exactamente las mismas.

En el ámbito de una doctrina secreta, afirmar que el brahmanismo esotérico tiene muchos puntos en común con el budismo esotérico, en su momento fue aventurado, y durante años fue muy criticado. Sin embargo, hoy se conocen mejor algunas de las enseñanzas secretas del Buda, lo que nos permite una aproximación a ciertos sistemas sincréticos que combinan doctrinas budistas e hindúes, como puede ser el Tantra de Kalachakra, que es una de las más complejas exposiciones de la gnosis oriental conservada en el Tíbet. En la actualidad, el último Dalai Lama ha divulgado el Tantra de Kalachakra por medio de iniciaciones abiertas a miles de personas, pese a que hasta fechas recientes se mantenía en el más absoluto secreto.

El sistema del Kalachakra es la religión oficial de Shambala, una tierra legendaria morada de los seres humanos iluminados. Según Sinnett “*desde tiempo inmemorial ha habido en el Tíbet cierta religión secreta, la cual es hasta hoy por completo desconocida e inabordable para todo el que no sea iniciado, e inaccesible para la gente común del país, así como para toda otra, y en la cual se han congregado siempre los Adeptos. Pero en lo general, el país no era en el tiempo de Buda lo que después ha sido: la morada elegida de la gran fraternidad.*”<sup>159</sup>

### **Breve historia de la literatura teosófica.**

En 1875 HP. Blavatsky, el Coronel HS. Olcott, WQ. Judge y algunas otras personas fundaron la Sociedad Teosófica en la ciudad de Nueva York. Dos años más tarde se publica la primera gran obra de HPB: *Isis sin velo* (1877), tratado sobre sabiduría antigua donde aparecen algunas referencias al pensamiento oriental. En 1878, Blavatsky

---

<sup>158</sup> *Ibídem*, p. 19.

<sup>159</sup> *Ibídem*, p. 94.

y Olcott viajan de Nueva York a Bombay y establecen la sede de la Sociedad Teosófica en Adyar (Chennai). Al año siguiente (1879), Blavatsky funda la primera revista teosófica, *The Theosophist*.

En 1880 los fundadores de la Sociedad Teosófica visitarán a AP. Sinnett en Simla, norte de India. Tras la visita comienza la relación epistolar entre Sinnett y el Maestro KH que se recoge en las *Cartas de los Mahatmas*. Después, Blavatsky y Olcott viajaron a Sri Lanka donde éste último contribuirá al desarrollo de la educación budista, para lo cual publicará en 1881 un *Catecismo Budista*. Este mismo año, Sinnett publica *Mundo Oculto* y en 1883 *Budismo Esotérico*, donde se considera al Budismo como la religión más científica de cuantas existen. Esta obra despertó un gran interés en el mundo teosófico, por lo que Blavatsky se vio forzada a redactar una nueva exposición más completa y corregida las enseñanzas de los Maestros, *La Doctrina Secreta* sobre el origen del cosmos y del ser humano. Tiene la forma de comentarios al misterioso *Libro de Dzian*, una obra cuya autenticidad se ha cuestionado, pero que estudios más recientes relacionan con el Tantra de Kalachakra.

En 1884 tuvo lugar el desagradable asunto Coulomb, el matrimonio de teósofos que acusaron a Blavatsky de fraude y que motivó una investigación por parte de la Sociedad Londinense de Investigaciones Psíquicas. En 1885 HPB. comienza a escribir *La Doctrina Secreta* en Alemania, obra que pretendía ser una revisión de *Isis sin velo* y también una corrección de errores del libro *Budhismo Esotérico*. La obra será finalizada tres años más tarde y publicada en Londres y Nueva York. Ese mismo año Blavatsky funda la Sección Esotérica pese a las iniciales reticencias del coronel Olcott, pues se trataba de una sociedad paralela de la Sociedad Teosófica, en la que HPB. ostentaba el cargo de presidenta. La Sección Esotérica también es llamada Escuela Oriental de Teosofía. Un año después publica *La Clave de la Teosofía* y *La Voz del Silencio*. En esta última obra se nos presenta el sendero ocultista como el camino de las perfecciones del bodhisattva del Gran Vehículo Budista. Y en 1890 escribe las cinco Instrucciones para la Sección Esotérica, en la primera de ellas se pone mucho énfasis en el mantra budista “*om mani padme hum*”.

En 1891 fallece HPB en Londres.

A la vista de esta trayectoria, se puede afirmar que los fundadores de la Sociedad Teosófica fueron seguramente los primeros budistas occidentales<sup>160</sup>.

---

<sup>160</sup> Price, Leslie, “Madame Blavatsky, Buddhism and Tibet”, A Spoken Paper at the Theosophical History Conference London, 2003, p. 179.

### ¿Qué es el budismo esotérico?

En el ámbito budista se designa con el nombre de “budismo esotérico” a la última y más compleja exposición de las doctrinas budistas, conocida con el nombre de *Vajrayana* o el Camino del Mantra Secreto. Esta versión del *Dharma* es una de sus últimas manifestaciones del budismo que se desarrolla en el marco del *Mahayana*. Esta variante expuesta en los Tantras desapareció de la India en torno al siglo XII, pero se conservó en el Tíbet. Se trata de un tipo de budismo que difiere enormemente de otras formas como son, por ejemplo, el Zen o el budismo del Sur de Asia, conocido como *Theravada* (la escuela de los antiguos). A pesar de la gran difusión que ha alcanzado el budismo tibetano en nuestros días, su esencia es completamente esotérica y gnóstica. El Vehículo *Vajra* incluye la meditación en la vacuidad y por tanto la comprensión del *Dharmakaya* o Cuerpo de Sabiduría de un Buda al igual que el Vehículo de la Perfección o del Sutra, el *Mahayana*, con el que también comparte la motivación, la iluminación propia y de todos los demás seres sintientes (*bodhicitta*), por lo que el budismo esotérico se puede considerar un sistema dentro del *Mahayana*. Sin embargo, el Vehículo *Vajra* o budismo esotérico desarrollado en los Tantras incluye la meditación en el propio cuerpo con el aspecto del Cuerpo de la Forma de un Buda, lo que es una novedad respecto del resto.

Los yogas de generación del cuerpo de la deidad y de consumación o transformación del propio cuerpo en el Cuerpo de un Buda requieren de métodos particulares, que incluyen ciertos rituales e iniciaciones, prácticas de control de la respiración y de los vientos internos, ciertos gestos o mudras, la utilización de determinados sonidos o fórmulas mágicas (mantras), así como la utilización de diagramas geométricos o mandalas. Salvo el yoga, los métodos citados coinciden con las prácticas mágicas de los antiguos gnósticos, documentadas en los textos de los heresiólogos, en los papiros de magia y en los textos maniqueos. Los Tantras son libros de magia con un claro carácter esotérico, de entre los cuales destacan los *Tantras del Yoga Supremo*<sup>161</sup>, que son textos relativos a los estados sublimes de *samadhi*<sup>162</sup> o al dominio de deidades terribles y sus espíritus subordinados, *dakinis*, para conseguir ciertos poderes<sup>163</sup>.

Sin embargo, el texto y la práctica más claramente sapiencial y gnóstica es el *Tantra de Kalachakra* (*Rueda del Tiempo*), que se centra en la meditación sobre un mandala

---

<sup>161</sup> *Anuttarayogatantra*.

<sup>162</sup> *Guhyasamaja tantra*.

<sup>163</sup> *Shri Cakrasamvara tantra* y *Hevajra tantra*.

extremadamente complejo por su carácter enciclopédico <sup>164</sup>. Comprende cinco partes o capítulos: una exposición sobre el Cosmos, *Lokadhātu patala*; una exposición sobre el microcosmos humano *Adhyâtma patala*; una exposición sobre las iniciaciones que dan acceso al Palacio Celestial de la Rueda del Tiempo, *Abhisheka patala*; una exposición sobre la disciplina espiritual y las prácticas yóguicas para la realización de la deidad, yoga de generación y de consumación *Sâdhana patala*; y una exposición sobre la Gnosis o *Jñâna patala*. El *Tantra de Kalachakra* es un sistema sincrético que incluye conceptos de la filosofía *samkhya*, la filosofía hindú citada por gran cantidad de textos clásicos, como son los *Yoga Sutra* de Patañjali o el *Bhagavad Gita*, y requiere la visión filosófica de la escuela *Yogâchâra* o *Cittamâtra*, que considera que todo es mente y que tiene algunos puntos en común con el Vedanta hindú.

### **Budismo en la obra de Madame Blavatsky.**

“El 25 de mayo, H.P.B. y yo “tomamos pânsil” del venerable Bulâtgama, en el templo de Râmanya Nikâya, cuyo nombre se me escapa, y así fuimos reconocidos formalmente como budistas.”<sup>165</sup> Corría el año 1880, cuando HPB. y el Coronel Olcott tomaron los votos budistas, se encontraban en Sri Lanka, donde fundaron una sección de la Sociedad Teosófica y dieron varias conferencias sobre las bondades del budismo, frente a gran multitud de gente. Todo ello despertó los recelos de los misioneros protestantes que allí se encontraban, aunque aquello solo fue un reconocimiento formal de algo que ya se había puesto de manifiesto tiempo atrás en América, ellos ya se habían reconocido públicamente como afines al budismo, tanto como a la filosofía de las antiguas *Upanishad*.

H.P.B. se identifica más con el budismo del norte, el *Mahayana*, que con el budismo más próximo al Buda Sakyamuni del sur de Asia. Así lo reconoce en su obra *La Clave de la Teosofía*, donde revela que “las escuelas de la Iglesia del Buddhismo del Norte, establecidas en aquellos países a los que sus Arhats iniciados se retiraron después de la muerte del Maestro, enseñan todo lo que ahora se llama las doctrinas teosóficas”<sup>166</sup>. Su obra *La Voz del Silencio* es una contribución a la divulgación del camino del bodhisattva de las seis perfecciones (*pâramitâ*). Este hecho es reconocido por grandes budistas mahayanas como son el filósofo japonés D.T. Suzuki, o el XIV Dalai Lama,

---

<sup>164</sup> Aquí el mandala consiste en un diagrama cosmológico, cf. Gómez de Liaño, Ignacio, *El Círculo de la Sabiduría II*, pp. 373 y ss.

<sup>165</sup> Olcott, H.S., *Old Diary Leaves*, Londres, 1900, p. 167.

<sup>166</sup> Blavatsky, H.P., *La Clave de la Teosofía*, Barcelona, 1991, p. 15.

que llegó a prologar la edición de 1989 con estas palabras: “*Creo que este libro ha influenciado a muchos buscadores y aspirantes sinceros de la sabiduría y compasión del Sendero del Bodhisattva*”. Dicha obra es claramente una obra budista de principio a fin.

En las demás obras la influencia budista ya no aparece tan claramente, pues las doctrinas teosóficas a veces se apartan de los principios básicos del budismo generalmente reconocidos. Las afirmaciones que allí se vuelcan requieren de un estudio más detallado y profundo para encontrar sus raíces budistas. El concepto de *Âdibuddha*, por ejemplo, sin principio ni fin, idéntico a *Parabrahman*<sup>167</sup>, sería ciertamente rechazado por las escuelas budistas del sur, sin embargo, estudiando algunas de las corrientes del budismo del norte, esta afirmación no puede ser descartada a la ligera. De este Buda primordial emana Vajradhara, el autor de todos los Tantras, al que identifica con el primer Logos y del que, a su vez, emana Vajrasattva, el segundo Logos de la creación. *La Doctrina Secreta* también cita a los *Dhyâni-Buddhas*, con lo que aborda las figuras más relevantes de la literatura tántrica, la esencia de los *Anuttarayogatantra* y del *Bardo-Thodol*.

Blavatsky en su primera instrucción a los miembros de la Sección Esotérica explica detalladamente el valor y el sentido del mantra “*om mani padme hum*” y da una gran importancia al Buda de la compasión, Avalokiteshvara, al que identifica con el séptimo principio del hombre, el *Atma*<sup>168</sup>.

A lo largo de toda su obra da evidentes muestras de un conocimiento profundo y detallado de las principales doctrinas budistas, los Budas primordiales, la vida del Buda Sakyamuni y la historia del budismo.

*La Doctrina Secreta* se presenta como un comentario al *Libro de Dzyan* o del *Dhyân*, que significa “meditación” en sánscrito y que es el objetivo del yoga y de las disciplinas místicas comunes con el budismo. El *Libro de Dhyân*, según H.P. Blavatsky, sería el primer volumen de los comentarios a los libros secretos de *Kiu-te*<sup>169</sup>. El término *Kiu-te* fue identificado por el monje Horace della Penna con el término tibetano *rgyud-sde*, que significa división (*sde*) de los Tantras (*rgyud*) del canon budista tibetano. Los Tantras son escrituras esotéricas que en tiempos de Blavatsky permanecían ocultas. El primer volumen del *Kangyur* tibetano es el *Tantra de Kâlacakra* que no ha sido traducido a las

---

<sup>167</sup> Blavatsky, H.P., *La Doctrina Secreta*, Vol. II, 571.

<sup>168</sup> Cf. *The Mahatma Letters*, 343-4 / 338; *Doctrina Secreta* I, 74, 110 y 471-2 y II, 178.

<sup>169</sup> Blavatsky, H.P., *La Doctrina Secreta*, Vol. VI, p. 53.

lenguas occidentales sino hasta fechas recientes. Los comentarios al *Tantra de Kâlacakra* conocidos como *Vimalaprabhâ* contienen algunas importantes analogías con *La Doctrina Secreta* que examinaremos más adelante, pero el *Mula Kâlacakratantra*, del que efectivamente podrían ser los fragmentos del *Libro de Dzyan*, no se han conservado. David Reigle mantiene que se pueden encontrar paralelismos entre las doctrinas del Tantra de Kalachakra y *La Doctrina Secreta*<sup>170</sup>.

Dos importantes críticas se han hecho a la filosofía de *La Doctrina Secreta*, por una parte, desde una perspectiva esotérica y, por otra, desde una aparente postura tradicionalista que señala la obra como un sincretismo falto de rigor. En el primer caso, el Dr. Rudolf Steiner mantuvo un imaginario secuestro de H.P. Blavatsky por parte de una oscura logia oriental, que condicionó el giro de la teosofía hacia un exceso de orientalismo, sin embargo, la obra de Steiner no está exenta de dicha influencia, la única diferencia es que este autor oculta sus fuentes, negando así las evidentes influencias que su obra tiene de *La Doctrina Secreta* y de *La Voz del Silencio*. Paradójicamente, la pretendida Ciencia Oculta cristiana o el Concepto Rosacruz del Cosmos tendrían su origen último en un tantra budista.

La postura tradicionalista reprocha una aparente falta de rigor en la exposición de las doctrinas teosóficas<sup>171</sup>, sin embargo, dicha posición no se sostiene ante un estudio comparado más profundos de dichas doctrinas con las de las diferentes escuelas budistas a lo largo de la historia. Pues efectivamente, desde una visión superficial hay algunas contradicciones entre las doctrinas teosóficas y las doctrinas de las escuelas budistas más populares. Estas contradicciones, sin embargo, no son tan evidentes cuando se analiza la historia del Budismo y sus escuelas, muchas de las cuales no han sobrevivido o se han asimilado a otras corrientes. Un ejemplo de ello es que hoy en día ninguna escuela budista reconoce la existencia de un único Dios, a diferencia claramente del Hinduismo, sin embargo, la antigua escuela Sarvâstivâda, reconocía la existencia de un único elemento eterno, lo que coincide con la posición filosófica de la Teosofía de *La Doctrina Secreta*: “La posición de la escuela Sarvâstivâda parece ser la del reconocimiento de que la existencia propia (svabhâva) de un dharma es eterna... Si esta svabhâva se entiende como un único elemento, tendríamos la posición teosófica

---

<sup>170</sup> Cf. Reigle, David, “*The Book of Dzyan: The Current State of the Evidence*”.

<sup>171</sup> El máximo exponente de esta postura es René Guénon que escribió un extenso tratado titulado *El Teosofismo, historia de una pseudo-religión*, de cuyas críticas se hace eco Frédéric Lenoir en *El Budismo en Occidente*.

*exacta*”<sup>172</sup>. Esta teoría de la Escuela Sarvâstivâda permitiría una aproximación a ciertas doctrinas de las más antiguas *Upanishad* sobre el concepto de *âtman*. Por tanto, la crítica de los supuestos tradicionalistas a veces es fruto del desconocimiento de la gran cantidad de doctrinas en las que se atomizó el budismo, que durante siglos convivió con el hinduismo y con el que mantuvo un importante intercambio dialéctico. Finalmente, hay que indicar que el sistema del Kalachakra, que nadie duda de su carácter budista, tiene importantes y muy evidentes prestamos de otras filosofías no-budistas, como, por ejemplo, de la filosofía Samkhya o del Tantrismo hindú. El Kalachakra es, por tanto, una religión sincrética al igual que la Teosofía.

### **Teosofía y Kalachakra.**

David Reigle es un autor que ha dedicado gran parte de sus estudios a demostrar la autenticidad del *Libro de Dzyan*. Publicó un artículo titulado “*The Book of Dzyan: The Current State of the Evidence*”<sup>173</sup> donde encontraba cinco paralelismos entre el *Libro de Dzyan* y cinco doctrinas claramente identificables en textos védicos y budistas. El primer paralelismo lo encuentra en el “Himno de la Creación” del *Rig-veda*; el siguiente, con los cuatro modos de generación humana del *Abhidharma-kosha* del autor budista Vasubandhu; las doctrinas sobre el espacio (*dhâtu*) y el germen (*gotra*), ambos conceptos aparecen en un texto budista tántrico, el *Ratna-gotra-vibhâga* de Maitreya; y el quinto paralelismo lo encuentra con el primero de los textos del *Kangyur*<sup>174</sup>, el *Tantra de Kalachakra*, donde se puede ver la única alusión en textos orientales al “Gran Aliento” (*mahâ-prâna*) del que se habla en la Doctrina Secreta.

En el capítulo “*New Light on the Book of Dzyan*” de la obra *Blavatsky’s Secret Books*, Reigle concreta algunos de los paralelismos con el *Tantra de Kalachakra*<sup>175</sup>. Las coincidencias entre el *Libro de Dzyan* y el gran comentario al *Tantra de Kalachakra* son, según Reigle, muy relevantes. En primer lugar, el nombre mismo del Tantra significa “Rueda del Tiempo” o “Ciclo del Tiempo” coincide con la exposición de los ciclos cósmicos de *La Doctrina Secreta*. En dicha obra también se cita la ciudad legendaria de Shambala, de donde procede la religión del Kalachakra.

---

<sup>172</sup> Reigle, David, *Blavatsky’s Secret Books*, p. 109.

<sup>173</sup> <http://www.easterntradition.org/>

<sup>174</sup> *Kangyur* son los libros del *Kiu-te*, los Tantras budistas; cf. Blavatsky, H.P., *La Doctrina Secreta*, VI, p. 53.

<sup>175</sup> Reigle, David & Reigle, Nancy, *Blavatsky’s Secret Books*, pp. 25-41.

Más específicamente, se puede apreciar un paralelismo de carácter geográfico respecto de la configuración del cosmos en el Tantra, donde se destaca la existencia de siete *dvipas* o continentes circulares, que se pueden identificar con los distintos globos o ciclos de los que habla *La Doctrina Secreta*, y que se diferencia de los ocho continentes que se citan en el *Abhidharma*. El mandala de tierra sobre el que se asientan los continentes está incluido en un mandala superior de agua y éste en otro mayor de fuego, todos ellos incorporados en un gran mandala de aire<sup>176</sup>, lo que coincide, en parte, con los estadios evolutivos de nuestro sistema planetario expuestos en *La Doctrina Secreta*. Si bien, los Maestros de HPB. quisieron mostrar la actividad evolutiva del cosmos, no se alejaron mucho de esta concepción de ciclos o *dvipas* que aparece en el comentario *Vimalaprabha* de la versión más extensa del Tantra.

El *Vimalaprabha* también cita a los seres generados por cuatro modos de nacimiento: los nacidos del huevo, los nacidos del útero, los nacidos del sudor y los autoproducidos (los sin padres)<sup>177</sup>, que coinciden con las cuatro razas de la saga narrada en el segundo volumen de *La Doctrina Secreta*, sobre la génesis del ser humano.

La estructura del Tantra en su versión abreviada consta de los siguientes capítulos: *Lokadhātu patala*, *Adhyātma patala*, *Abhisheka patala*, *Sādhana patala* y *Jñāna patala*, el *Libro de Dzyan* coincidiría en parte con los dos primeros, Cosmogénesis - *Lokadhātu* y Antropogénesis - *Adhyātma*, que podrían tratarse de fragmentos de éstos capítulos de la primera versión del Tantra, *Mula Kālacakratantra* de doce mil versos, redactados por el rey Suchandra de Shambala, que no se ha conservado.

Por último, la tradición del Kalachakra tiene su origen en siete reyes legendarios de la no menos legendaria Shambala, el rey Suchandra una emanación de Vajrapani y seis reyes más, emanaciones todos ellos de seis deidades budistas. Estos siete reyes arquetípicos con carácter divino que guiaron a la humanidad y convirtieron a los habitantes de Shambala a la religión del Kalachakra, tienen su correlato en *La Doctrina Secreta* con los siete Dhyani-Chohan que dirigen las siete razas humanas en su evolución. Los bodhisattvas encarnados en la forma de los Reyes del Dharma de Shambala forman parte de la corte de los grandes Dhyani-Budas, con los que HPB. relaciona a los Dhyani-Chohan<sup>178</sup>.

---

<sup>176</sup> Ibídem, pp. 28-29.

<sup>177</sup> Ibídem, p. 35.

<sup>178</sup> Cf. Blavatsky, H.P., *Glosario teosófico*, voz: "Dhyāni-Chohans".

## **Conclusión.**

El Budismo debe su primera difusión en Occidente en gran parte a la Teosofía, conocida como Budismo Esotérico, que inicialmente fue presentada como una doctrina científico-religiosa, que captó la atención de personas interesadas por los desarrollos científicos, de un lado, y por lo oculto, de otro. Esto hace que hoy nos podamos acercar a una de las últimas manifestaciones de la Gnosis sapiencial condensada en el Tantra y el Mandala de Kalachakra (la Rueda del Tiempo), un tipo de Budismo claramente esotérico, del que, tal como estudios recientes demuestran, se habrían podido extraer las *stanzas* del *Libro de Dzyan*, comentadas en *La Doctrina Secreta* de Madame Blavatsky, sin duda la obra más importante e influyente del esoterismo occidental de los últimos siglos.

## REFERÊNCIAS.

- Blavatsky, H.P., *La Clave de la Teosofía*, Barcelona, 1991.
  - Blavatsky, H.P., *La Doctrina Secreta*, Buenos Aires, 1981.
  - Blavatsky, H.P., *La Voz del Silencio*, Barcelona, 1990.
  - Gómez de Liaño, Ignacio, *El Círculo de la Sabiduría*, Vol. II., Madrid, 1998.
  - Price, Leslie, “*Madame Blavatsky, Buddhism and Tibet*”, A Spoken Paper at the Theosophical History Conference London, 2003.
  - Lenoir, Frédéric, *El Budismo en Occidente*, Barcelona, 2000.
  - Olcott, Henry S., *Catecismo Budista*, Madrid, 2010.
  - Olcott, Henry S., *Old Diary Leaves*, Londres, 1900.
  - Reigle, David & Reigle, Nancy, *Blavatsky's Secret Books*, San Diego, 1999.
- Reigle, David, “*The Book of Dzyan: The Current State of the Evidence*”, <http://www.easterntertradition.org/>, 2013.
- Reigle, David, “*Theosophy and Buddhism*”, <http://www.easterntertradition.org/>, 2015.
  - Sinnett, A.P., *Budismo Esotérico*, traducción de Francisco de Montoliu.
  - Spierenburg, H.J., *The Buddhism of H.P. Blavatsky*, San Diego, 1991.